

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CYNTHIA FEVEREIRO TURACK

Mulheres-mães:

memória e construção de sentidos no discurso do periódico

A Mãe de Família (1879 – 1888)

RIO DE JANEIRO

2008

CYNTHIA FEVEREIRO TURACK

Mulheres-mães:
memória e construção de sentidos no discurso do periódico
A Mãe de Família (1879 – 1888)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira.

Rio de Janeiro

2008

CYNTHIA FEVEREIRO TURACK

Mulheres-mães:
memória e construção de sentidos no discurso do periódico
A Mãe de Família (1879 – 1888)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2008.

Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira – Orientadora.

Prof^a. Dr^a. Diana de Souza Pinto – UNIRIO.

Prof^a. Dr^a. Lená Medeiros de Menezes – UERJ.

Agradecimentos

Primeiramente, sou grata a Deus por seu infinito amor e por sua infinita misericórdia.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira por sua orientação e parceria ao longo destes dois anos de trabalho. À Prof^a. Dr^a. Diana de Souza Pinto por auxiliar-me no árduo processo de apropriação da teoria analítica do discurso. Suas observações no contexto da disciplina Seminário de Pesquisa foram fundamentais para a definição do caminho teórico e metodológico desta pesquisa. À Prof^a. Dr^a. Lená Medeiros de Menezes por ter aceito tomar parte da banca examinadora. Seus comentários, quando do exame de qualificação, foram valiosos para a definição do recorte temporal desta pesquisa. Agradeço ainda à Prof^a. Dr^a. Keila Grinberg pela indicação das referências bibliográficas.

Agradeço às colegas da Linha de Pesquisa Memória e Linguagem que, em nossos inúmeros encontros, contribuíram com idéias, dúvidas e perguntas para o desenvolvimento desta pesquisa: Cíntia Braga, Lena Benzecry, Luciana Grings, Rosangela Sena e Josiane Alcântara. Agradeço, especialmente, à Ângela Taddei não só pelo trabalho de revisão do texto e pelo auxílio junto à Biblioteca Nacional de França, mas, acima de tudo, por todo carinho e atenção.

Não poderia deixar de mencionar as colegas da turma de 2006 do curso História das Mulheres, ministrado pelas Prof^{as}. Dr^{as}. Rachel Soihet e Suely Gomes Costa, na Universidade Federal Fluminense. Agradeço, especialmente, à Elizabeth Abrantes e à Karla Rodrigues.

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro.

Finalmente, agradeço à minha família por todo apoio e compreensão. À minha mãe Maria Lucia Fevereiro, a meu pai Richard Turack e à minha avó Celeste Fevereiro. Agradeço ao meu marido Adhemar Corrêa Martins por ter me incentivado nos momentos mais difíceis.

[...] Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consulta às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regímen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência – explicável, mas inqualificável – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

(Machado de Assis, *O alienista*, 1882 / 2007)

Resumo

Esta dissertação aborda as significações concernentes às mulheres e à maternidade no século XIX no Brasil a partir dos textos produzidos e impressos pelo periódico *A Mãe de Família: Jornal Científico, Litterario e Illustrado*, publicado no Rio de Janeiro, então capital do Império, de 1879 a 1888. Tendo como pressuposto o fato de que os discursos médicos contribuíram para a construção entre nós de uma memória discursiva (ORLANDI, 2005) a respeito das mulheres e da maternidade, esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso médico e higiênico presente nas seções *Palestra do Medico*, *A Educação da Mulher* e *Variedade*, que estão inseridas no periódico supracitado. Nossa abordagem teórica se alinha aos princípios da Análise de Discurso de tradição francesa. Por considerarmos o discurso enquanto acontecimento, buscamos compreender sob que condições de produção semelhante discurso foi enunciado. Fizemos também uso da noção de formação ideológica (PÊCHEUX, 1997), identificando em nosso *corpus* a predominância de uma formação ideológica científica e de uma formação ideológica religiosa. O percurso analítico que empreendemos sinalizou no jornal a presença de um comportamento feminino contrário à memória social tradicionalmente estabelecida para as mulheres daquela época: passeando pela rua do Ouvidor ou divertindo-se em salões e bailes de uma cidade que se queria francesa, as mulheres abastadas do Rio de Janeiro “se liberam” de suas responsabilidades maternas – ainda que por intermédio do trabalho de outras mulheres, as escravas. Ao tentar reconduzir as mulheres das elites a seu papel de mães, o discurso do jornal se utiliza de uma argumentação que afirma a divisão social das funções femininas e masculinas como um fenômeno natural e biologicamente determinado. Conseqüentemente, a compreensão dos sentidos da maternidade propagados pelo jornal passa necessariamente pela categoria de gênero (SCOTT, 1996).

Palavras-chave: maternidade, discurso médico, gênero.

Résumé

Cette dissertation aborde les significations concernant les femmes et la maternité au XIX^{ème}. siècle brésilien à partir des textes produits et imprimés par le périodique *A Mãe de Família: Jornal Científico, Litterario e Illustrado*, paru à Rio de Janeiro, alors capitale de l'Empire, de 1879 à 1888. Ayant comme présupposé le fait que les discours médicaux ont aidé à construire chez nous une mémoire discursive (ORLANDI, 2005) à propos des femmes et de la maternité, cette recherche a comme but d'analyser le discours médical et hygiénique présent dans les rubriques *Palestra do Medico*, *A Educação da Mulher* et *Variedade*, qui s'insèrent dans le périodique cité ci-dessus. Notre abordage théorique s'aligne aux principes de l'Analyse de Discours de tradition française. Puisqu'on considère le discours en tant qu'événement, on a essayé de comprendre les conditions de production sous lesquelles un tel discours a été énoncé. On a fait usage également de la notion de formation idéologique (PÊCHEUX, 1997), en identifiant dans notre corpus la prédominance d'une formation idéologique scientifique et d'une formation idéologique religieuse. Le parcours analytique que nous avons entrepris nous a montré que le journal présente une conduite féminine contraire à la mémoire sociale traditionnellement établie pour les femmes de l'époque: en se promenant dans la rue do Ouvidor ou en se divertissant dans les salons et les bals d'une ville franchement francisée, les femmes aisées de Rio de Janeiro "se libèrent" de leurs responsabilités maternelles – bien que par l'intermédiaire du travail d'autres femmes, les esclaves. En cherchant à reconduire ces femmes des élites à leur rôle de mères, le discours du journal fait usage d'une argumentation qui soutient la division sociale des fonctions féminines et masculines comme un phénomène naturel et biologiquement déterminé. Par conséquent, la compréhension des sens de la maternité propagés par le journal passe nécessairement par la catégorie du genre (SCOTT, 1996).

Mots-clé: maternité, discours médical, genre.

Índice de figuras

Figura 1 <i>Uma senhora de algumas posses em sua casa – Debret</i>	17
Figura 2 <i>Figurino Colorido n.º 4</i> veiculado no periódico <i>A Mãe de Família</i> , n.º.11, jun.1879	39
Figura 3 <i>Relação dos menores que forão victimas de accidentes</i> veiculada no periódico <i>A Mãe de Família</i> , n.º.13, jul 1879	46
Figura 4 <i>La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge. Journal illustré de l'enfance.</i> Capa introdutória à coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (novembro de 1873 a outubro de 1874)	57
Figura 5 <i>A Mãe de Família ou Educação da Infancia e Hygiene da Família. Jornal Cientifico, Litterario e Illustrado.</i> 1880. Capa introdutória à coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (janeiro de 1879 a dezembro de 1879)	58
Figura 6 <i>La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge. Journal illustré de l'enfance.</i> Página com gravura extraída da coleção referente ao segundo ano de circulação do jornal (1875)	59
Figura 7 <i>A Mãe de Família ou Educação da Infancia e Hygiene da Família. Jornal Cientifico, Litterario e Illustrado.</i> Página com gravura extraída da coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (1879)	60
Figura 8 Comparação das fontes utilizadas nos jornais <i>La Jeune Mère</i> e <i>A Mãe de Família</i>	61
Figura 9 <i>La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge. Journal illustré de l'enfance.</i> Página extraída da coleção referente ao segundo ano de circulação do jornal (1875)	62
Figura 10 <i>A Mãe de Família ou Educação da Infancia e Hygiene da Família. Jornal Cientifico, Litterario e Illustrado.</i> 1879. Página extraída da coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (1879)	63
Figura 11 Gravura representando o ideal higiênico de mãe de família. <i>A Mãe de Família</i> , n.º.1, jan. 1879	71
Figura 12 Gravura representando o ideal higiênico de família. <i>A Mãe de Família</i> , n.º.7, abr. 1879	101

Índice de quadros

Quadro 1 Quadro explicativo das condições de produção	13
Quadro 2 Seções presentes no periódico <i>A Mãe de Família</i> , ano de 1879	25
Quadro 3 Artigos presentes no periódico <i>A Mãe de Família</i> , ano de 1879	26
Quadro 4 Estrutura retórica relativa ao aleitamento	74
Quadro 5 Estrutura retórica relativa aos colégios e internatos	90
Quadro 6 Estrutura retórica relativa aos cuidados com as moças	92
Quadro 7 Estrutura retórica relativa aos cuidados com a menstruação	95
Quadro 8 Estrutura retórica relativa ao casamento	98
Quadro 9 Estrutura retórica relativa ao casamento consanguíneo	101

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 Caracterização do quadro teórico-metodológico: discurso e gênero	6
1.1 A ruptura da Análise de Discurso francesa	6
1.1.1 Língua e discurso	7
1.1.2 Formação discursiva e sujeito	9
1.1.3 Condições de produção	11
1.2 Introduzindo o gênero por intermédio da memória das mulheres	16
1.3 Recortando o <i>corpus</i>	25
Capítulo 2 A cidade do Rio de Janeiro: espaço de libertação para mulheres abastadas	29
2.1 O processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro	29
2.2 Salões, teatros e cafés: novos hábitos para as elites da cidade	34
2.3 A “libertação” feminina da função materna	42
Capítulo 3 Discursos médico e científico: representações de uma época	48
3.1 O discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	48
3.2 O discurso do periódico <i>La Jeune Mère</i>	54
Capítulo 4 A transformação das mulheres em mães: (re)produção de sentidos no periódico <i>A Mãe de Família</i>	65
4.1 Organizando o discurso	65
4.2 Moldando mulheres para a maternidade	70
4.2.1 Amamentação	71
4.2.2 Educação	78
4.3 Criando meninas para a maternidade	87
4.3.1 Menstruação	94
4.3.2 Casamento	97
4.4 Reiterando o discurso: <i>Eva e Lucia, breve historia de duas mãis</i>	102
Considerações finais	107
Bibliografia	111
Fontes	115

Introdução

“O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição.

Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal”

(Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, 1985)

No início do ano retrasado, em 28 de janeiro de 2006, um casal de namorados encontrou um bebê de dois meses envolto em um saco plástico preto e amarrado a um pedaço de madeira velha boiando na Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. O resgate da criança foi filmado por um cinegrafista que trabalhava no local, ponto turístico da cidade, e transmitido para todo o país. Após ter sido levada para um hospital próximo, a criança se recuperou bem e teve alta logo depois (Globo Minas, 28 jan. 2006).

Com a ajuda de testemunhas e após uma busca pelas maternidades da região, a polícia localizou a mãe do bebê. Uma mulher de 27 anos que, a princípio, negara a gravidez, acabou “confessando” ter dado a criança para uma “mendiga descabelada” que estava próxima à Lagoa. Diante da imprensa, na tentativa de se livrar de qualquer acusação, referindo-se à investigação policial, a mulher comentou: - “Eles ainda vão descobrir quem jogou a droga dessa menina na água”. E acrescentou: - “Eu não quero essa criança”. Acusada de tentar matar a própria filha, ela foi conduzida à Penitenciária Feminina (O Estado de São Paulo, 31 jan. 2006). Depois de decorrido um ano do incidente, em janeiro de 2007, a mulher foi levada a julgamento e condenada a oito anos de prisão.

Recentemente, em 30 de setembro de 2007, uma recém-nascida foi encontrada na beira de um ribeirão poluído também em Minas Gerais. Após socorrerem a criança, os médicos presumiram que a mesma havia sido lançada no córrego devido aos hematomas presentes em seu corpinho miúdo. Muito debilitada e com um edema cerebral, a criança faleceu poucos dias depois (Último Segundo, 04 out. 2007).

Localizada com a ajuda de moradores da região, a mãe da menina morta confessou que há tempos tentava se livrar da filha. Antes mesmo do parto, a mulher havia tomado chás e ervas abortivas. Sem êxito, ela resolveu esperar o nascimento da filha para, em seguida, abandoná-la de forma cruel. Presa em uma Penitenciária Feminina, a mulher aguarda julgamento (Último Segundo, 04 out. 2007).¹

Casos como os que lemos acima se tornaram comuns nos jornais e noticiários de todo país. As pessoas se perguntam estarecidas: “como alguém poderia abandonar um recém-nascido dessa forma?”. Mais do que isso: “como uma mãe seria capaz de cometer um ato tão terrível?”.

É bem verdade que para explicarmos o comportamento das mulheres mencionadas teríamos que observar uma série de fatores como divulgação e eficácia dos métodos contraceptivos, políticas públicas de auxílio social, transtornos psicológicos, entre outros. Entretanto, nossa atenção se volta especificamente para as **mães**, palavra que atualiza em nós o significado de “mulheres caridosas, benfazejas, desveladas; mulheres que protegem outro ser, outra pessoa” (FERREIRA, 1999).

Essa representação em torno da maternidade – considerando representação como uma forma de construção social da realidade – organiza e cristaliza uma identidade do feminino no interior da sociedade e o faz, principalmente, através da linguagem, seja ela verbal ou imagética. Quando essa representação materna é desestabilizada, como nos exemplos acima descritos, provoca em todos reações adversas, de repúdio a essas mães, o que reforça os tradicionais sentidos sobre a maternidade.

A constante reatualização dessa representação, imbricada de sentidos oriundos do passado que foram ratificados e também retificados com o passar do tempo, só é possível devido ao espaço da memória discursiva, isto é, um já dito permanente que faz parte de nosso imaginário social e que pode ser ativado a cada novo discurso (ORLANDI, 2005). Assim, a noção de maternidade construída pelas falas autorizadas da religião, da literatura, da filosofia, da história, da medicina, entre outras, vem definir os atributos socialmente relacionados às *mulheres-mães*.

¹ Coincidentemente, os dois casos se passaram no Estado de Minas Gerais. Escolhemo-los por dois fatores principais: ocorreram recentemente e tiveram amplo destaque na mídia. Ressaltamos que casos como estes são comuns nas grandes cidades brasileiras. Na Grande São Paulo, por exemplo, presume-se que duas crianças, na faixa etária de 0 a 12 anos, são abandonadas nas ruas diariamente (Plenarinho, 02 ago. 2007).

Partimos, então, de inquietudes do tempo presente para nos debruçarmos sobre o passado na tentativa de encontrar respostas para questionamentos tais como: “de que forma a imagem materna socialmente aceita foi construída e fixada em nossa memória de modo tal que as imagens desviantes são prontamente negadas e, em seguida, reestabilizadas?”. Dessa forma, supomos que os discursos da medicina organizados a partir de meados do século XIX no Brasil contribuíram para a caracterização das mulheres em mães, isto é, auxiliaram na construção de uma identidade feminina vinculada à maternidade.

Esses discursos podem ser encontrados em teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em seus conteúdos, os médicos esquadriavam a família e seus membros, identificando doenças e, dependendo da gravidade do caso em questão, propunham métodos curativos ou técnicas preventivas (COSTA, 1979).

Além das teses, alguns jornais que circulavam na província do Rio de Janeiro cederam espaço em suas páginas aos conselhos médicos. Fato importante, pois ajuda-nos a perceber como se deu a reprodução do pensamento médico e higiênico entre a população. É o caso da *Gazeta de Notícias* que no ano de 1877 criou uma coluna redigida pelo doutor Carlos Costa, “especialista das moléstias das crianças” (BICALHO, 1988). Já em 1879, este mesmo médico lançou o periódico quinzenal, contendo em torno de oito páginas, *A Mãe de Família ou Educação da Infância e Higiene da Família: Jornal Científico, Litterario e Illustrado*² voltado para as “dignas senhoras, que sendo já ou devendo ser mães de família bem devem comprehender o sublime encargo que lhes é confiado” (Apresentação, *A Mãe de Família*, nº.1, jan. 1879). Tentava-se, assim, delimitar o público-alvo do jornal: mães ou mulheres jovens que, algum dia, tornar-se-iam mães.

Esse grupo de mulheres a quem o jornal se destinava também devia caracterizar-se por ser alfabetizado. Tendo em vista que a educação permanecia restrita a uma minoria privilegiada da sociedade,³ entendemos que a publicação priorizava atingir as mulheres das camadas médias e altas, as mulheres abastadas.

² A respeito do título do periódico, encontramos duas grafias, a saber: *A Mãe de Família* e *A Mãe de Família*. É importante ressaltar que procuramos manter a grafia encontrada no jornal sempre que possível. No entanto, como a grafia se alterou ao longo dos números e os recortes foram copiados manualmente, a fidelidade ao texto original pode ter ficado em alguns casos comprometida.

³ De acordo com o censo de 1872, apenas 19,8% dos homens e 11,5% das mulheres sabiam ler e escrever em todo o país. Nas cidades mais importantes a porcentagem de alfabetizados era maior. No Rio de Janeiro, por exemplo, 51,2% dos homens e 29,3% das mulheres tinham acesso às letras. Estes pertenciam, em geral, às camadas elevadas da população que recorriam a professores particulares ou escolas privadas (HAHNER, 2003, p. 73 – 83).

No entanto, o médico tenta ir além ao propor que suas leitoras transmitissem o saber veiculado no jornal àquelas mulheres que não tinham acesso à instrução:

1. [...] a vós, minhas senhoras, que sois mais favorecidas pela sorte, também incumbe repetil-os a essas mulheres que sendo mãis como vós, não tenham entretanto a felicidade, ao menos, de saber lêr (Palestra do Medico, M.F., nº.2, jan. 1879).

Consideramos que *A Mãe de Família* promoveu a difusão das novas concepções médicas entre as camadas elevadas da sociedade carioca daquela época e estas, por sua vez, serviram como modelo a ser seguido pela população menos favorecida.

Apesar de não termos como precisar a tiragem do periódico e a repercussão de sua publicação, entendemos como significativo o fato de ter circulado no Rio de Janeiro, então capital do Império, ao longo de quase dez anos (1879 a 1888). Enquanto alguns jornais femininos⁴ tiveram duração de semanas ou meses, o periódico *A Mãe de Família* perdurou por anos.

Organizando seções intituladas *Molestias das Crianças*, *Palestra do Medico*, *Pharmacia Domestica*, *Hygiene Escolar*, *Variedade*, *A Educação da Mulher*,⁵ entre outros artigos, o jornal, sob a direção de seu redator principal, pretendia instruir as mulheres-mães para melhor criar seus filhos.

Delineia-se, assim, o objetivo desta pesquisa: verificar como as mulheres da segunda metade do século XIX foram representadas no periódico *A Mãe de Família*, cujo discurso veiculava as idéias correntes da medicina sobre a maternidade. Neste ponto, duas questões importantes se colocam:

- Que sentidos foram organizados discursivamente e atribuídos à figura feminina e materna?
- Através da materialidade lingüística do texto, que estratégias discursivas podem ser identificadas na caracterização das mulheres em mães?

Para alcançarmos o objetivo proposto, assumimos a abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso de vertente francesa. Assim, no capítulo que segue, apresentaremos os conceitos que respaldam a análise do nosso *corpus*. Também apresentaremos a categoria gênero que nos auxiliará na compreensão das

⁴ Juntamente com Buitoni (1990), entendemos como imprensa feminina aquela cujos produtos são dirigidos às mulheres, independentemente de quem os redigiu.

⁵ Essas seções foram citadas com base na observação do primeiro ano de circulação do jornal, isto é, 1879. Para maiores informações sobre o conteúdo das mesmas, conferir o capítulo 1.

diferenças sócio-culturais entre feminino e masculino expressas no discurso do jornal.

No segundo capítulo, a fim de compreender as condições sócio-históricas que possibilitaram a construção do discurso do periódico *A Mãe de Família*, caracterizaremos as transformações urbanas e sociais ocorridas na capital da província do Rio de Janeiro, a partir da segunda metade do século XIX.

O terceiro capítulo tentará identificar a quais outros textos, discursos e sentidos o jornal em questão está vinculado. Para tanto, observaremos os discursos construídos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e os sentidos organizados no periódico francês *La Jeune Mère* (1873 – 1883), dirigido pelo doutor Brochard. Propagador do pensamento a favor da maternidade na França, o médico e seu jornal serviram de fonte inspiradora para a publicação do periódico brasileiro *A Mãe de Família* (M.F., nº.9, maio 1879).

No quarto e último capítulo, procederemos à análise de nosso *corpus* de pesquisa, constituído por recortes discursivos extraídos de seções do periódico *A Mãe de Família*. Nesta direção, buscaremos não apenas compreender os sentidos organizados em torno das mulheres abastadas e da maternidade, mas também identificar as estratégias discursivas utilizadas para a conversão das mulheres em mães.

Capítulo 1

Caracterização do quadro teórico-metodológico: discurso e gênero

“Dizemos as mesmas palavras,
mas elas podem significar diferente”
(Eni Pulcinelli Orlandi. *Análise de Discurso*, 2005)

Neste capítulo, estaremos delimitando o quadro teórico e metodológico com o qual iremos trabalhar na análise do periódico *A Mãe de Família*. Conforme indicamos na introdução, optamos por nos filiar à Análise de Discurso.

No entanto, “Análise de Discurso” é um termo muito abrangente, utilizado para designar uma variedade de enfoques no estudo de textos. Apesar destes enfoques se caracterizarem por desconsiderar a linguagem como um instrumento de comunicação neutro e por valorizar o discurso na construção da sociedade, eles se distinguem de acordo com a tradição teórica adotada e com a disciplina a que estão vinculados (GILL, 2005). Por isso, cabe aqui explicitarmos nossa posição no interior da Análise de Discurso francesa.

Optamos também por mobilizar a categoria analítica de gênero, pois nos permite observar as diferenças sócio-culturais entre os sexos feminino e masculino representadas no espaço discursivo de que se constitui o jornal.

1.1 A ruptura da Análise de Discurso francesa

A Análise de Discurso à qual nos filiamos tem como marco geográfico a França e como marco temporal a década de 1960. Em um ambiente acadêmico fortemente influenciado pelo pensamento estruturalista, a Análise de Discurso opõe-se às práticas da Ciência Social dita tradicional (POSSENTI, 2001).

Mesmo instaurando-se por intermédio da ruptura, a Análise de Discurso francesa não desqualificou como aberração científica os conhecimentos já estabelecidos (POSSENTI, 2001). Talvez seja por isso que apresente um quadro

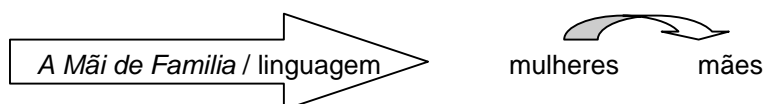
epistemológico constituído por conceitos comuns a outros domínios teóricos, tais como o da lingüística, o da teoria do discurso e o do materialismo histórico. Acrescente-se, ainda, uma teoria da subjetividade de origem psicanalítica que atravessa esse quadro. Daí decorrem, respectivamente, os conceitos de língua, discurso, história e sujeito.

No entanto, quando migram para o território da Análise de Discurso francesa esses conceitos são reterritorializados, isto é, incorporados e revistos de maneira crítica, adequando-se à nova teoria que os recebeu (MARIANI, 1998). Daí se explica nossa preocupação em definir os conceitos com os quais iremos trabalhar, especificando-os no interior da teoria adotada.

1.1.1 Língua e discurso

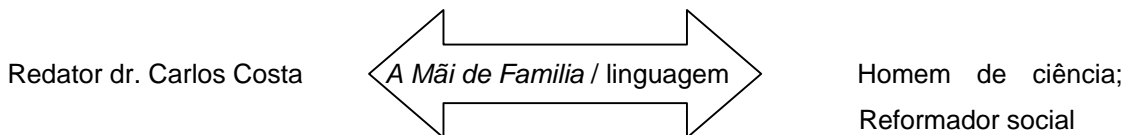
Desvinculando-se de abordagens que definem a língua como mero instrumento de comunicação,¹ a Análise de Discurso francesa pressupõe que a língua é transformadora (ORLANDI, 1999) ou construtiva (GILL, 2005) tanto do ambiente natural, quanto do ambiente social dos quais o ser humano faz parte. Ao mobilizar a língua, o homem atribui significados às coisas em seu redor, organizando o mundo, a realidade; o homem também atribui sentidos a si mesmo, constituindo-se por intermédio da linguagem.

Seguindo esse pressuposto, podemos considerar que o periódico *A Mãe de Família* atribui sentidos às mulheres leitoras, tentando transformá-las, por meio da linguagem, em mães. Representamos este movimento através do esquema a seguir:



De forma análoga, podemos dizer que, ao redigir o jornal, o dr. Carlos Costa se constrói em homem de ciência e em reformador social. Representamos este outro movimento:

¹ Pêcheux, fundador da Análise de Discurso francesa, “recusa completamente a concepção da linguagem que a reduz a um instrumento de comunicação de significações que existiriam e poderiam ser definidas independentemente da linguagem, isto é, ‘informações’. Esta teoria ou concepção da linguagem é, para ele, uma ideologia cuja função nas ‘ciências humanas e sociais’ (onde ela é dominante) é justamente mascarar sua ligação com a prática política, obscurecer esta ligação e, ao mesmo tempo, colocar estas ciências no prolongamento das ciências naturais” (HENRY, 1997, p. 25).



É preciso ressaltar que os sentidos designados às mulheres leitoras (a maternidade) e ao redator principal (a cientificidade e o ímpeto de reformar a sociedade) não são óbvios, pois, para a Análise de Discurso, a língua não é transparente. Dada uma palavra ou uma frase, seu significado nunca é claro, nem unívoco. Por isso, perguntamo-nos: “o que significa ser mãe?” e “o que significa ser homem de ciência e reformador social?”.

A compreensão dos sentidos é uma questão semântica, ou seja, exige interpretação. Assim, é necessário considerarmos as circunstâncias sociais, históricas e ideológicas em jogo, advindo daí a necessidade de examinarmos o discurso.

Conforme preconizou Michel Pêcheux (2006), o discurso pode ser entendido como um *acontecimento*, ou seja, é marcado por aspectos lingüísticos e históricos específicos, aspectos presentes no momento da enunciação. Não obstante sua fugacidade – pois não é possível retornarmos ao momento em que o enunciado foi produzido –, torna-se possível nos aproximarmos do acontecimento discursivo por intermédio dos registros textuais existentes. A relevância do texto está, justamente, em apreender, sob os auspícios da língua, o discurso.

Pelo fato de abrigar a materialidade de um discurso, o texto nunca estará fechado em si mesmo. Pelo contrário, sempre estará aberto, se relacionando a outros textos – passados, presentes e possíveis – e, conseqüentemente, a outros discursos. De acordo com esta perspectiva, podemos afirmar que cada texto faz parte de uma cadeia que se mantém unida devido à memória discursiva (POSSENTI, 2001).

A memória discursiva atua na direção de retomar o que foi dito em outros textos localizados em uma mesma cadeia discursiva. Dessa forma, podemos situar o discurso do periódico *A Mãe de Família* na cadeia formada pelos discursos médico-higiênicos construídos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX e, até mesmo, na cadeia formada pelos discursos a favor da maternidade produzidos em França na mesma época. Conforme veremos

mais adiante, o redator dr. Carlos Costa afirma ter se inspirado no jornal francês *La Jeune Mère* (1873 – 1883), cuja redação estava a cargo do dr. Brochard.

Finalmente, essa retomada do “já dito” organiza-se sob a forma de *paráfrase* que, segundo Pêcheux e Fuchs (1997), é estritamente indissociável da produção de sentidos. A paráfrase interliga os sentidos já produzidos em uma cadeia discursiva, permitindo observar como os mesmos se propagam, tendendo à estabilização.

1.1.2 Formação discursiva e sujeito

Um conceito caro à Análise de Discurso francesa por buscar compreender o processo de produção e organização dos sentidos é o de *formação discursiva*. Inicialmente elaborada por Michel Foucault (2004), em sua teoria arqueológica, a formação discursiva é definida como as regularidades apreendidas dos diferentes modos possíveis de enunciar acerca de determinado objeto, levando-se em consideração os espaços sociais, históricos e ideológicos nos quais o sujeito está inserido. Segundo o autor, podemos identificar uma formação discursiva da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, **semelhante sistema de dispersão**, e **no caso em que entre os objetos**, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, **se puder definir uma regularidade** (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), **diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva** – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2004, p. 43 – os grifos em negrito são nossos).

Quando incorporado pela Análise de Discurso, o conceito foucaultiano de formação discursiva foi revisitado por diversos autores que o associaram à noção de *ideologia* ou *formação ideológica*. Descartada a perspectiva sociológica que representa ideologia como visão de mundo e ocultação da realidade, na perspectiva da Análise de Discurso a ideologia (ou as ideologias) é (são) entendida (s) como forma (s) de significação (ORLANDI, 2005). Em meio ao discurso do periódico *A Mãe de Família*, podemos identificar algumas formações discursivas nas quais estão

presentes formações ideológicas fundamentadas na ciência e na religião. Vejamos alguns exemplos:

2. [...] absolutamente necessaria deve ser a intervenção da sciencia na conservação da saude ... (FD científica);
- [...] aquellos [os médicos] que receberam de Deus o unico verdadeiro signal de superioridade ... (FD religiosa);
- [...] o papel que lhe traçou o Creador, o de ser mãe ... (FD religiosa).

A identificação dessas formações discursivas é fundamental para entendermos os sentidos produzidos e organizados sobre as mulheres, sobre a maternidade. Isto porque os sentidos de certa palavra, de certo enunciado, texto ou objeto são determinados pelas formações discursivas. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 169) reforçam esta premissa ao afirmarem que “o ‘sentido’ de uma seqüência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta seqüência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos)”.

Dessa maneira, o *sujeito* da Análise de Discurso francesa não é responsável pelos sentidos daquilo que enuncia; antes é a formação discursiva na qual se insere que os determina. Apesar do sujeito poder representar diferentes papéis de acordo com as diversas posições sociais que ocupa nos espaços discursivos, ele não é totalmente livre para significar. Ou seja, ele sofre as coerções ou as interpelações da formação discursiva específica da posição a partir da qual enuncia. Dito ainda de outra forma por Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166), são as formações discursivas que “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”.

Evidência dessa condição do sujeito na Análise de Discurso são os esquecimentos 1 e 2 de que tratam Pêcheux e Fuchs (1997, p. 168 – 176). De acordo com os autores, o sujeito se ilude duplamente: primeiro, ele é assujeitado pela formação discursiva na qual se insere ao enunciar (esquecimento nº. 1); segundo, o sujeito pensa ter pleno domínio do que diz e, por isso, acredita que pode controlar os sentidos de seu discurso (esquecimento nº. 2).

Em síntese, o sujeito nunca será senhor de seu discurso e dono de seus significados, já que ambos irão variar conforme a formação discursiva e ideológica às quais estiver submetido no momento da enunciação.

Por último, convém destacarmos que nenhum processo de assujeitamento pode ser completo. O sujeito transita entre as formações discursivas, deslocando sentidos entre elas. De forma que nenhuma formação discursiva pode ter suas fronteiras limitadas. Estas são permanentemente “invadidas” por sentidos outros, “por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras formações discursivas) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX apud Mariani, 1998, p. 32). Como exemplo, encontramos no discurso do periódico *A Mãe de Família*, a formação discursiva científica elaborada de acordo com as concepções presentes no século XIX. Esta, por sua vez, ora terá o respaldo de uma formação discursiva religiosa, ora se confrontará com ela no intuito de reforçar o discurso normatizador do jornal.

1.1.3 Condições de produção

Para a Análise de Discurso francesa, a noção de *condições de produção* é fundamental, pois considera os aspectos que influenciam na organização de um discurso. Estes aspectos não se restringem unicamente ao contexto histórico em que tal discurso foi construído. Em particular, o conceito de história adquire outras dimensões no âmbito da teoria discursiva. A história faz parte da ordem do discurso, ou seja, inscreve-se na língua para fazer sentido. Assim, a noção de *historicidade* aplicada à língua adquire importância.

Retornando às condições de produção, recorreremos a Pêcheux (1997), quando este utiliza um exemplo retirado do ambiente político² para afirmar que:

[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc (PÊCHEUX, 1997, p.77).

² Os exemplos que tomamos emprestado de Pêcheux (1997) estão, em sua maioria, relacionados com o ambiente político, pois os primeiros estudos da Análise de Discurso francesa tendiam a privilegiar os discursos políticos, considerados mais estabilizados.

Podemos, então, dizer que as condições de produção abrangem os lugares sociais passíveis de serem ocupados pelo sujeito no momento da enunciação. O mesmo autor exemplifica estes lugares tomando agora como referência a esfera econômica:

[...] lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Ressaltamos, tendo por base o fragmento acima, que os lugares aos quais Pêcheux se refere – lugar do patrão, do funcionário, do operário, etc – estão inscritos na estrutura de uma formação social historicamente determinada e, por sua vez, são representados por meio de *posições-sujeito* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. De acordo com a posição ocupada, impõe-se para o sujeito um dizer já dado, com sentidos provenientes de uma certa formação discursiva. Sob esse aspecto, podemos pensar no exemplo presente nas páginas do periódico *A Mãe de Família*. Dr. Carlos Costa, enquanto sujeito discursivo, ocupa duas posições-sujeito, a saber: a posição de redator principal e a de médico. Para cada posição equivale uma formação discursiva que irá determinar os sentidos produzidos. Assim, como redator, o sujeito irá significar ao conduzir os artigos e as seções do jornal tendo em vista os objetivos higiênicos que norteiam sua publicação e, como médico, o sujeito irá significar ao disseminar as concepções científicas em voga no Oitocentos.

Todavia, não podemos afirmar que para cada lugar ocupado socialmente corresponda uma posição-sujeito no discurso. “É bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca”, alerta Pêcheux (1997, p. 82). Dessa forma, um lugar pode equivaler a uma ou mais posição(ões)-sujeito, sendo o inverso também verdadeiro.

Em sua análise, Pêcheux (1997) considera que sobre essas posições-sujeito incide uma série de *formações imaginárias* que trabalham de forma determinante no processo discursivo. Tomemos o quadro explicativo elaborado pelo autor:

Quadro 1: quadro explicativo das condições de produção.

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
$A I_A (A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu pra lhe falar assim?”
$A I_A (B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
$A I_A (R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”

Fonte: PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997.

Observação: o quadro não foi reproduzido integralmente devido ao fato de as mulheres leitoras (no caso, a posição B equivalente ao destinatário) não possuírem voz nas páginas do periódico *A Mãe de Família*, conforme veremos mais adiante neste subitem.

Interpretando o quadro temos:

“A” simbolizando a posição que o emissor ocupa em dado discurso;

“B” simbolizando a posição que o receptor ocupa no discurso;

“I” fazendo menção às formações imaginárias;

“R” fazendo menção à situação em que aparece o discurso;

sendo que as imagens que o sujeito “A” faz de sua posição, da posição ocupada por “B” e de seu próprio discurso são organizadas no decorrer do processo discursivo.

Partindo das considerações sobre as condições de produção e da observação do quadro acima, voltemos nossa atenção para o espaço discursivo de que se constitui o periódico *A Mãe de Família*. Apontamos de forma introdutória que o dr. Carlos Costa, enquanto sujeito, transfere para o âmbito discursivo o lugar que ocupa naquela sociedade, ou seja, ele se posiciona como médico e higienista (resposta à pergunta: “quem sou eu para lhe falar assim?”). Simultaneamente, caracteriza as mulheres leitoras como ignorantes ou alheias aos conselhos médicos e, que por isso, precisariam ser orientadas nos caminhos da higiene (resposta à pergunta: “quem é ela para que eu lhe fale assim?”). Com isso, o médico organiza um discurso higiênico e pedagógico respaldado pela instituição científica (resposta à pergunta: “de que lhe falo assim?”). Em suma, o que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, do sujeito com a posição que ocupa e do sujeito com o discurso que profere.

Devemos tornar claro o porquê de somente considerarmos as formações sociais e imaginárias que envolvem a posição ocupada pelo médico. A razão está no fato de o jornal veicular um *discurso-monólogo*. De acordo com Pêcheux (1997),

[...] [esse] caso particular do *discurso-monólogo*, que podemos identificar na condução do relato, do testemunho, da prece, da demonstração pelo exemplo, casos em que, no mínimo, **o destinatário só se encontra presente na situação pela imagem que o destinador faz dele** (PÊCHEUX, 1997, p.92 – os grifos em negrito são nossos).

Apesar das inúmeras tentativas de trazer para o jornal as vozes das mulheres leitoras – abrindo espaço para dúvidas e perguntas e, também, recebendo textos para serem publicados –, não percebemos êxito algum. Certas questões se levantam, porém, permanecerão sem respostas no âmbito desta pesquisa: as mulheres leitoras simplesmente não escrevem para a redação do jornal? ou os assuntos abordados por elas não agradam ao médico, a ponto de não terem suas cartas respondidas?.

De qualquer forma, o sujeito, na posição discursiva de médico, permanece inquieto a respeito do *silêncio* de suas leitoras. Por este silêncio o incomodar, o médico tenta significá-lo, traduzindo-o em palavras:

3. Como deveis vos recordar, **instituindo esta fôrma de conversa ou de palestra, deixei grande margem ás observações e objecções das mãis**, cuja pratica na educação da familia é sempre digna de consideração dos homens da sciencia.

Disse eu, que muito lisongeadado ficaria em procurar convencer algumas senhoras de afastarem-se do máo caminho em que seguissem, e para isso **aceitaria com extrema satisfação qualquer questão ou duvida**.

Não tive porém a honra da menor indagação.

Estarão com effeito convencidas as mãis brasileiras da necessidade da observancia dos conselhos que tenho procurado espalhar?

Terei sido lido com a attenção que questão tão importante merece?

O silencio das senhoras não significará por ventura a conhecida indifferença pelas cousas uteis de nosso paiz? (Palestra do Medico XXXVI, M.F., n^o.12, jun. 1880 – grifos nossos).

O fragmento acima também vem ratificar a imagem negativa que o sujeito posicionado em “A” (conforme o quadro demonstrativo) faz de suas interlocutoras posicionadas em “B”. Por intermédio das indagações “Estarão com effeito

convencidas [...]?” e “Terei sido lido com atenção [...]?” percebemos que as mulheres leitoras são consideradas ignorantes e alheias ao que diz respeito às normas médicas e higiênicas.

Para finalizarmos a caracterização das condições de produção, que procuramos delinear neste subitem, resta abordarmos algumas estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito e identificadas por Pêcheux (1997). São elas: a *antecipação* e a *relação de forças*. A primeira se define pela capacidade que o emissor possui de se colocar na posição de seu interlocutor no momento da fala, antecipando, assim, os sentidos que suas palavras produzem. De acordo com o autor,

[...] o orador experimenta de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o “espera” (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Essa estratégia é freqüentemente utilizada em meio a argumentações, quando o emissor trabalha a sua fala segundo os efeitos que pensa produzir em seu interlocutor (ORLANDI, 2005). Apesar de predominar no momento da fala, observar essa estratégia no âmbito do periódico *A Mãe de Família* é de grande valia, pois permite analisarmos os argumentos mobilizados pelo médico, dr. Carlos Costa, quando este se dirige às mulheres leitoras.

Já a estratégia discursiva denominada *relação de forças* é definida como o valor atribuído (mais ou menos importante) a certo discurso de acordo com a posição a partir da qual o sujeito enuncia. Vejamos o exemplo dado por Pêcheux (1997):

[...] Ele [certo deputado] está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz [...] (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Remetendo-nos ao jornal em questão, é possível dizer que o discurso organizado pelo médico é valorizado socialmente, pois veicula as “verdades” científicas produzidas pelo século XIX para um público de leitoras consideradas

alheias ao assunto. Assim considerado, o discurso do periódico *A Mãe de Família* está autorizado a impor uma padronização para a conduta feminina naquela sociedade.

Após examinarmos os conceitos provenientes da Análise de Discurso francesa que se fazem presentes no decorrer desta análise, passamos para a caracterização da categoria gênero que mobilizamos no intuito de destacar as relações e diferenças socialmente construídas entre os sexos feminino e masculino.

1.2 Introduzindo o gênero por intermédio da memória das mulheres

A imagem feminina de ontem, especificamente do século XIX brasileiro, é caracterizada pela reclusão e ociosidade das mulheres, levando-se em conta somente as oriundas de famílias abastadas que existiam naquela sociedade. Esta descrição ainda tão arraigada ao senso comum contemporâneo faz parte de nossa memória social. Ao fazermos referência à memória, remetemo-nos a Maurice Halbwachs (1990), que a considera construção social do passado realizada no tempo presente. Por ser construída, a memória apresenta falhas e lacunas, conforme observamos no caso específico das mulheres.

Auxiliaram na construção de uma memória estereotipada do feminino inúmeras pinturas, aquarelas e gravuras produzidas por ilustres e desconhecidos artistas europeus que por aqui estiveram no início daquele século. Conhecendo a predominância da cultura visual em nossos dias, entendemos que algumas representações pertencentes a esse vasto material contribuíram para agregar em um único bloco o passado das mulheres no Brasil, conferindo-lhes uma identidade comum (ALENCASTRO, 1997a). Assim, às mulheres foi atribuída uma *essência feminina* que estaria inseparavelmente ligada a toda e qualquer mulher daquele século.

Como exemplo, encontramos a aquarela *Uma senhora de algumas posses em sua casa*, produzida por Jean Baptiste Debret (1768 – 1848). Se a observarmos, encontraremos uma senhora bem trajada sentada em sua sala de estar cosendo, ao mesmo tempo em que dá instruções a uma menina, provavelmente sua filha, que tenta ler. Ao redor estão algumas escravas que também realizam trabalhos manuais, além de crianças negras que brincam pelo chão.



Figura 1: *Uma senhora de algumas posses em sua casa* – Debret.
 Fonte: *Rio Natureza e Cidade: Rio de Janeiro do século XIX* nos Museus Castro Maya.
 Rio de Janeiro: Museu da Chácara do Céu, 1998.

A imagem traçada pelo artista francês ressalta a permanência das mulheres abastadas em suas casas e acrescenta-nos que neste íterim elas se dedicavam às atividades de costura, leitura e cozinha sendo, na medida do possível, auxiliadas pelas escravas. A sala de estar, e, por extensão, a casa ganhavam dupla função: eram redutos das senhoras e lugares em que parte das tarefas domésticas era realizada.

Podemos elencar também algumas narrativas de viajantes estrangeiros datadas do mesmo período que se justapõem à produção imagética descrita. Na tentativa de compreender as relações sociais comuns àquela época, eles descreveram e analisaram situações cotidianas. Assim, encontramos relatos cujo tema principal é o comportamento das mulheres nos trópicos brasileiros, em particular no Rio de Janeiro, centro político, econômico e social da época. Tomemos, como exemplo, o recorte a seguir:

[...] quanto às mulheres do Brasil, elas são de uma preguiça que ultrapassa toda imaginação; são também mais cruéis que os homens; espancam seus negros e negras pelas menores falhas; testemunhei isso muitas vezes; passam o tempo acoradas em esteiras, de onde não se levantam para procurar coisa alguma; um branco, no Brasil, enrubesce se tiver de carregar um pacote ... (V. A. GENDRIN apud Leite, 1984, p. 43).

Mesmo em um contexto urbano, que começou a ser delineado na segunda metade do século XIX, as mulheres de posses eram vistas como preguiçosas no

interior dos lares, limitadas à supervisão das tarefas domésticas atribuídas aos escravos, e cruéis para com seus subordinados. Nas áreas mais afastadas do centro, a situação de reclusão e de submissão ao patriarca parecia ser ainda mais rígida. Observemos o fragmento a seguir:

[...] só em circunstâncias especiais o estrangeiro é recebido por brasileiros, sendo assim difícil estudar-lhes a vida privada: tudo se resume numa recepção cerimoniosa. Falo do Rio, onde as mulheres podem tomar parte na vida social. No interior, uma pessoa pode passar semanas inteiras sob um teto sem nem ao menos entrever a mulher e as filhas do dono da casa. As mulheres brasileiras gozam de menos privilégios do que as do Oriente (CONDE de SUZANNET apud Leite, 1984, p. 44).

É necessário observarmos que, apesar de terem presenciado os fatos registrados, havia a possibilidade de os olhares dos viajantes estrangeiros já estarem “prontos” quando do registro das narrativas. Ou seja, estes homens vinham para o Brasil com idéias pré-concebidas sobre a sociedade local.

Além disso, os viajantes deixam transparecer em suas falas as marcas características do local de onde enunciam e também certo grau de etnocentrismo (LEITE, 1984). Estudiosos da natureza ou observadores das práticas sociais, comerciantes desejosos em expandir seus negócios, membros representantes de governos estrangeiros ou, simplesmente, curiosos por conhecer novos ares, esses visitantes possuíam objetivos distintos que – conscientemente ou não – influenciaram na produção de seus discursos. Da mesma forma, as atitudes culturais estabelecidas previamente – tanto as que concernem ao estrangeiro, quanto, ao habitante local – atuaram no momento de descrever e analisar determinada situação, em particular, a condição feminina.

Não desconsideramos as narrativas escritas e imagéticas produzidas por artistas e viajantes estrangeiros; antes procuramos destacar que apenas parte delas foi fixada na memória social, encobrando, assim, a multiplicidade de imagens e identidades femininas existentes ao longo do Oitocentos brasileiro. Quando dizemos que a memória é uma construção social do passado elaborada no presente, devemos ressaltar também as disputas que envolvem seu estabelecimento em meio à determinada sociedade. Bethânia Mariani (1998) propõe que a memória seja entendida como um processo, isto é, seja considerada como um movimento que permite a emergência de certa lembrança, enquanto outras são esquecidas.

Pelo fato de memória e história estarem estreitamente vinculadas – a memória é espaço onde cresce a história e esta, por sua vez, a alimenta (LE GOFF, 1984) – entendemos que, até algum tempo atrás, a história pouco contribuiu para a elaboração das imagens femininas. Sob os auspícios do positivismo, a história (*événementielle*) relatava os grandes acontecimentos, se debruçando sobre os temas políticos e as guerras, cujos protagonistas eram sujeitos universais. Tal fato limitou a audição das vozes femininas e a observação das mais diversas representações sociais.

Esse quadro começou a ser modificado a partir da criação da *Escola dos Annales*, na década de 1930. Representado nas figuras dos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, o grupo se distinguiu pelo alargamento das fronteiras históricas ao propor a conduta interdisciplinar do pesquisador e a inclusão de novas abordagens, destacando-se o estudo econômico e o das mentalidades. Apesar de não considerarem a observação das mulheres na história, os *Annales* empreenderam grande avanço para a disciplina.

A ruptura se instaurou definitivamente na década de 1960, quando movimentos sociais ocorridos na Europa e nos Estados Unidos tiveram reflexo em todo o ocidente, extravasando, inclusive, para o meio acadêmico, fato que possibilitou o surgimento de novas questões, teorias e métodos de pesquisa.³ Devemos ressaltar, nesse contexto, o movimento feminista na medida em que impulsionou historiadoras (es) adeptas (os) do movimento a escreverem uma história das mulheres. As feministas reivindicavam uma revisão na escrita da história em que se pudesse examinar a submissão das mulheres e, também, comprovar suas atuações no passado – o que traria inspiração para a ação no presente.

No entanto, a correlação simplista que muitos fazem ao afirmar que a organização da história das mulheres seria conseqüência da emergência do feminismo deve ser ponderada. É certo que o movimento feminista contribuiu para o estabelecimento das bases do novo campo de estudo histórico, bem como auxiliou na luta por melhores condições salariais para as professoras no interior das academias européias e norte-americanas. Todavia, o processo de organização da história das mulheres não se deu de forma linear. Esta precisaria ainda encontrar

³ Data desse mesmo período a ruptura conhecida como *virada lingüística*. Ao criticar os métodos de análise das ciências humanas e sociais e questionar as premissas da lingüística, a virada lingüística constituiu-se em terreno fértil para o aparecimento de novas teorias e metodologias tais como a História Arqueológica de Foucault e a Análise de Discurso francesa – à qual nos filiamos.

espaço no interior da disciplina da história. Para isso, muitas mudanças deveriam ocorrer. Sob esse aspecto, Joan Scott (1992) comenta que

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando. Em vez disso, **há uma incômoda ambigüidade inerente ao projeto da história das mulheres, pois ela é ao mesmo tempo um suplemento inócua à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história** (SCOTT, 1992, p. 75 – grifos nossos).

A incômoda ambigüidade à qual a autora se refere está relacionada ao fato do campo da história das mulheres ser concebido como um suplemento e, por isso, sofrer com a “lógica contraditória do suplemento”. Ou seja, a história das mulheres poderia ser rotulada como algo adicional, supérfluo ao que já está estabelecido na história, ao mesmo tempo em que poderia completar aquilo que está incompleto ou imparcial nessa história (SCOTT, 1992). Advêm daí algumas implicações perturbadoras que desestabilizariam as “verdades” históricas e colocariam em dúvida a autoridade de seus agentes. Afinal, haveria falhas no relato da história? Haveria falhas na atividade do historiador?.

A história das mulheres – com suas compilações de dados sobre as mulheres no passado, com sua insistência em que as periodizações aceitas não funcionavam, quando as mulheres eram levadas em conta, com sua evidência de que as mulheres influenciavam os acontecimentos e tomavam parte na vida pública, com sua insistência de que a vida privada tinha uma dimensão pública, política – implicava uma insuficiência fundamental: o sujeito da história não era uma figura universal, e os historiadores, que escreviam como se ele o fosse, não podiam mais reivindicar estar contando toda a história (SCOTT, 1992, p. 86).

De acordo com Scott (1992), ao invés do predomínio do sujeito universal – tipicamente caracterizado pelo homem branco ocidental –, o novo campo de estudos vinha afirmar a posição das mulheres como sujeitos de suas próprias vidas, como sujeitos da história. Fato que tornava o conhecimento histórico estabelecido relativo, pois havia excluído de sua narrativa vasta parcela do grupo social. Porém, a autora arremata afirmando que todas essas implicações provenientes da contradição

introduzida pela história das mulheres não alcançam uma síntese, nem mesmo uma resolução no âmbito da disciplina.

Presentes em abordagens sócio-culturais que se preocupam em analisar suas trajetórias e identidades, as mulheres se tornam objetos de estudo, juntamente com outros grupos sociais, tais como: os operários, os camponeses e os escravos, que emergem da fragmentação do sujeito universal. A investigação das vivências femininas irá privilegiar os limites do cotidiano.

Ao chegarem ao Brasil, essas transformações contribuíram para a organização e para a ampliação da história das mulheres, com estudos que revisavam as vivências das mulheres pertencentes às camadas elevadas, bem como daquelas pertencentes às camadas pobres da sociedade. Esta perspectiva mais ampla permitiu a emergência de novas memórias femininas, comprovando que a imagem das mulheres no passado é múltipla, caracterizada por um mosaico de representações.⁴

Desde a década de 1970, a categoria gênero vem ampliando o foco de análise da história das mulheres. Gênero foi primeiramente proposto pelas feministas norte-americanas com o objetivo de acentuar o aspecto fundamentalmente sócio-cultural das distinções baseadas no sexo. Dessa forma, rejeitava-se o determinismo biológico presente em termos como “sexo” e “diferença sexual”. Gênero ressalta também o aspecto relacional entre mulheres e homens, ou seja, ambos são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão pode haver em estudos que os considere em separado (SCOTT, 1996).

Segundo Scott (1996), a categoria gênero foi utilizada por diversas historiadoras (es) feministas e intelectuais que acreditavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria os paradigmas da história e das disciplinas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, ao propor novos temas e ao provocar a revisão do

⁴ Como exemplo da nova atenção dispensada às mulheres no âmbito das ciências humanas e sociais no Brasil podemos citar algumas pesquisas (mesmo correndo o risco do esquecimento): BERNARDES, M. Thereza Cauiby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. BICALHO, M. Fernanda Baptista. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1988. ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 – 1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da “Belle Époque”*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992; SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890 – 1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

trabalho científico em geral. Alcançando, dessa forma, o ideal de uma nova história das mulheres e, até mesmo, de uma nova história. Então, a contradição suplementar inerente à história das mulheres poderia ser resolvida por intermédio do gênero? Tal situação dependeria do desenvolvimento do gênero como uma categoria útil de análise histórica. Gênero comporta tanto a possibilidade de formulações teóricas, quanto a possibilidade de referências descritivas em relação aos sexos (SCOTT, 1996).

Scott (1996) argumenta que o uso descritivo do gênero não questiona os conceitos dominantes no seio da história, ou, pelo menos, não os questiona de forma a abalar o seu poder e, talvez, transformá-los. Ao justificar seu ponto de vista, a autora relata o contraste existente entre pesquisas de alta qualidade levadas a termo no campo da história das mulheres e seu estatuto, que permanece relegado a um segundo plano no conjunto da disciplina.⁵ Constata que não foram suficientes as provas de que as mulheres tiveram um passado e que estas participaram das transformações na história ocidental. Ao contrário, em relação ao passado feminino, a reação da maioria dos historiadores não feministas foi colocar a história das mulheres à parte na disciplina, com explicações do tipo “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres”. Já em relação à participação feminina, afirmavam, por exemplo, que saber da atuação das mulheres na Revolução Francesa não modificava a compreensão do acontecimento (SCOTT, 1996).

Prosseguindo com sua argumentação, a referida autora afirma que as abordagens descritivas do gênero se limitam aos temas em que a relação entre os sexos é evidente como, por exemplo, as crianças, a família, o cotidiano, o que implica na restrição do uso da categoria em temas como a guerra, o Estado e a política, considerados predominantemente masculinos. Esse quadro reforça ainda mais a dicotomia mulheres x homens (SCOTT, 1996).

Após tais considerações, observamos que Scott, em particular, se alinha com historiadoras (es) que ultrapassam o uso descritivo do gênero e propõem a construção de uma teoria feminista. A impossibilidade de utilizar teorias pré-

⁵ Esta desvalorização do campo da história das mulheres ocorre também no contexto acadêmico brasileiro. A Professora Doutora Rachel Soihet e a Professora Doutora Suely Gomes Costa, ambas dedicadas ao estudo das mulheres e às relações de gênero, afirmam que certos pares ainda não reconhecem e/ou valorizam suas pesquisas sobre o feminino. Depoimento em aula ministrada no âmbito do curso *História das Mulheres e Relações de Gênero: uma discussão política*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2º. semestre de 2006.

existentes e a dificuldade de convencer certas escolas teóricas das implicações positivas que a categoria gênero traz a uma análise faz com que a autora apresente sua proposta nos seguintes termos:

O núcleo essencial da definição [de gênero] baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1996, p. 11).

Na primeira parte de sua proposta, Scott procura delimitar a categoria gênero, reforçando o caráter sócio-cultural das relações baseadas no sexo. A autora afirma que o processo de construção dessas relações deve ser questionado, colocando em dúvida os aspectos de fixidez e naturalidade que adquirem ao longo do tempo com o auxílio das instituições e das organizações sociais (SCOTT, 1996).

Já na segunda parte, Scott discute as relações de poder, afirmando que a categoria gênero é primordial para entendê-las. De acordo com a autora,

Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristã bem como islâmica (SCOTT, 1996, p.12).

Sob esse aspecto, a referida autora prioriza a política como o lócus em que o gênero pode ser utilizado para a análise histórica. Justifica a sua escolha ao constatar a pouca referência à categoria gênero em estudos do tipo e ao lembrar que a abordagem política, com seus historiadores (as) e com sua forma tradicional de conceber a história, foi o principal obstáculo à organização de uma história das mulheres e, talvez, dos gêneros (SCOTT, 1996).

Scott (1996) acredita na possibilidade de uma nova história ao apresentar uma teoria feminista. Apesar de considerarem a proposta relevante, algumas (ns) historiadoras (es) divergem quanto à elaboração de uma teoria. É o caso, por exemplo, de Maria Odila Leite da Silva Dias (1992) ao afirmar que:

[...] reconstruir de imediato uma teoria feminista seria não somente impossível, como indesejável, uma vez que redundaria em substituir um sistema de dominação cultural por outra versão das mesmas relações, quiçá invertidas, de poder, embutidas nas relações sociais e de gênero (DIAS, 1992, p.39).

Como alternativa, a mesma autora sugere que sejam utilizadas balizas teórico-metodológicas provenientes das Ciências Humanas e Sociais desde que tenham relação com os movimentos contemporâneos de crítica ao conhecimento estabelecido, aos quais está vinculado o movimento feminista. E afirma que a interdisciplinaridade e a pluralidade de métodos é interessante para apreender as “totalidades parciais” das vivências femininas no passado (DIAS, 1992).

Diferente de Scott (1996), Silva Dias (1992) aponta para o cotidiano como locus privilegiado para a observação das mulheres, pois por seu intermédio é possível explorar a variedade de papéis femininos informais. E acrescenta que quanto mais estudos acumulados acerca da experiência das mulheres em sociedade, maior a contraposição à dominação de gênero.

Frente a essas duas perspectivas apresentadas, alinhamo-nos à Silva Dias (1992) quando a autora justifica sua posição contrária à criação de uma teoria feminista e quando a mesma propõe a utilização de aparatos teórico-metodológicos que estejam desvinculados do formato fixo e tradicional de conceber a pesquisa científica, bem como a abordagem de temas comuns ao cotidiano feminino. Nossa concordância com as proposições da autora expressam-se em nosso interesse pelo tema da maternidade e das relações familiares, como também em nossa opção por manusear um aparato teórico como a Análise de Discurso de vertente francesa, que surge a partir da ruptura proporcionada pelos movimentos sócio-culturais que atingem o meio acadêmico na década de 1960.

Ao mobilizar a categoria de gênero na análise discursiva do periódico *A Mãe de Família*, atentamos para os aspectos sociais e culturais inscritos no processo de significação das mulheres e da maternidade que permitem pôr em evidência as diferenças relacionadas aos gêneros.

1.3 Recortando o *corpus*

Após procedermos à caracterização do quadro teórico, constituído pelos conceitos provenientes da Análise de Discurso de vertente francesa e pela categoria de gênero, resta-nos estabelecer uma metodologia de pesquisa. Ressaltamos que o método e o recorte do *corpus* derivam de um processo de leitura e de interpretação de nossa parte. O que é, desde já, um gesto de análise.

Para estabelecer o *corpus empírico* – ou *corpus de arquivo* –, voltamo-nos para a observação do periódico *A Mãe de Família*, disponível na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. De forma a nos familiarizarmos com o jornal, empreendemos uma leitura atenta sobre o primeiro ano de circulação do mesmo, isto é, 1879. Em seguida, produzimos dois quadros descritivos: um das seções e outro dos artigos veiculados, os quais reproduzimos a seguir:

Quadro 2. Seções presentes no periódico *A Mãe de Família*, ano de 1879.

Seção	Descrição
<i>Molestias das Crianças</i>	Traz noções de primeiros cuidados em caso de doença. Para tanto utiliza “uma linguagem ao alcance de todas as inteligências” (M.F., nº.1, jan. 1879). Seção assinada pelo dr. Carlos Costa.
<i>Palestra do Medico</i>	Trata de assuntos diversos em meio aos objetivos médico-higiênicos do periódico. Semelhante a um editorial. Assinada pelo dr. Carlos Costa.
<i>Pharmacia Domestica</i>	Traz receitas / fórmulas de remédios caseiros que podem ser tomados pelas crianças.
<i>Hygiene Escolar</i>	Descreve como deve ser a organização das escolas. Fala sobre a importância da higiene do corpo e da educação do espírito. Assinada pelo dr. João Pizarro Cabizo.
<i>Variedade</i>	Histórias em fascículos (ou folhetins). Assinada por Elisa de...
<i>A Educação da Mulher</i>	Traz reflexões extraídas do livro <i>Noções da Vida Doméstica</i> (1879), de Felix Ferreira.
<i>Anúncios</i>	Anúncios de serviços e venda de objetos.
<i>Explicação do figurino colorido</i>	Traz moldes de roupas e explicações sobre como as costurar.

Fonte: *A Mãe de Família*. Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia, 1879.

Quadro 3. Artigos presentes no periódico *A Mãe de Família*, ano de 1879.

Artigo	Descrição
<i>A Creche</i>	Discorre sobre a organização que uma creche deve ter e sobre a importância desses estabelecimentos para o país, para as crianças e para as mães. Artigo assinado pelo dr. K. Vanelli.
<i>Seremos verdadeiramente boas mãis?</i>	Explica no que consiste ser boa mãe.
<i>Belas Artes</i>	Considerações a respeito da pintura feita por mulheres. Assinado por J. Dantas Junior.
<i>Accidentes das Crianças</i>	Fala sobre os descuidos das mães. Assinado pelo dr. Carlos Costa.
<i>O Nosso Inverno</i>	Aborda as doenças e os males comuns que surgem com a aproximação do inverno. Assinado pelo dr. Carlos Costa.
<i>As Festas</i>	Trata dos brinquedos e dos alimentos dados às crianças no período da Páscoa.
<i>O Respeito</i>	Discorre sobre o respeito divino e o respeito civil que devem ser ensinados às crianças. Assinado por H. A.
<i>O Despertar da Criança</i>	Mostra a importância das mães acompanharem o crescimento dos filhos.
<i>A mãe de família, a freira e a irmã de caridade</i>	Define as três funções, comparando seus graus de importância na sociedade. Assinado por M. Pinheiro Chagas.
<i>O Amor Materno</i>	Tradução de artigo francês de dr. Brochard. Analisa o crescimento demográfico na França, século XIX.
<i>Moléstias das Senhoras</i>	Fala de uma doença chamada "Galactorrhéa", isto é, a perda de leite pelos seios. Assinado pelo dr. Carlos Costa.
<i>O papel da mãe na educação da primeira infância</i>	Mostra a importância da educação das mulheres. Assinado pelo dr. Carlos Costa.

Fonte: *A Mãe de Família*. Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia, 1879.

Com o avançar das observações e comparações entre os anos subsequentes, chamou-nos a atenção as seções intituladas *Palestra do Medico*, *Educação da Mulher* e *Variedade*, devido às suas periodicidades regulares.

Essa seleção não invalida de forma alguma a importância das demais seções e artigos presentes no periódico. O fato é que, para a Análise de Discurso francesa, a exaustividade e a completude no levantamento do *corpus* não se colocam. De acordo com Mariani (1998, p. 52), o importante é apreendermos o fato discursivo "pois permite que se trabalhe com as noções de processo de produção de linguagem e acontecimento".

Assim, nosso *corpus empírico* caracteriza-se pelas seguintes seções:

1. *Palestra do Médico*. Assinada pelo redator principal, dr. Carlos Costa, localizada na primeira página do jornal e presente em todas as edições, a seção abrange temas variados segundo os objetivos médicos e higiênicos estabelecidos;

2. *A Educação da Mulher*. Contém trechos extraídos do livro *Noções da Vida Doméstica* (1879), traduzido do francês e comentado pelo jornalista e escritor de livros didáticos Felix Ferreira.⁶ Esta obra, juntamente com *Noções da Vida Prática* foram publicadas para o uso nas escolas brasileiras; a primeira para meninas e a segunda para meninos (HAHNER, 2003, p. 127);

3. *Variedade*. Nesta seção, sucediam-se contos ou narrativas organizadas sob a forma de folhetim, ou seja, um capítulo a cada novo número do jornal. Selecionamos a história *Eva e Lucia, breve historia de duas mãis* cujas protagonistas são mães pertencentes às camadas elevadas da sociedade.

Ao nos aproximarmos desse *corpus empírico*, começamos um processo de "de-superficialização". Conforme propõe Orlandi (2005, p. 65), este processo consiste na passagem inicial da materialidade lingüística para o *objeto discursivo*, no qual observamos o modo de funcionamento do discurso – como este discurso se relaciona com outros, como está construído, como enuncia, quem enuncia e em que posição o faz. Ao cabo deste processo, chegamos ao *corpus discursivo* sobre o qual irá incidir nossa análise.

Para construirmos os *corpora* empírico e discursivo que não ultrapassassem os limites materiais e temporais de um trabalho de mestrado, optamos por nos fixar

⁶ O livro encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, sob o título *Noções da Vida Doméstica, adaptadas, com accrescimos, do original Francez, á instrucção do sexo feminino nas escolas brasileiras* (1879).

sobre os cinco primeiros anos de circulação do periódico (1879, 1880, 1881, 1882, 1883).

Esse corte está vinculado a dois fatores. Primeiro, no início do ano de 1884, ocorre uma mudança na aparência gráfica do jornal. Devido a esta alteração, as diversas gravuras presentes em suas páginas desaparecem, restando somente a que representava o periódico (figura 11). Com isso, o subtítulo *Jornal Científico, Litterario e Illustrado* passou a *Jornal Científico e Litterario*.

Segundo, também no ano de 1884, a seção *A Educação da Mulher* é encerrada. Além disso, a seção *Palestra do Medico* sofre a ausência temporária de seu redator, dr. Carlos Costa. O médico volta às páginas do jornal somente no ano de 1886. Neste ínterim, assume a responsabilidade pela *Palestra* e pela totalidade da publicação o dr. Pires de Almeida.⁷ Porém, pouca ou nenhuma explicação é dada às leitoras sobre o ocorrido, excetuando-se pelo nebuloso fragmento:

4. Não, minhas caras leitoras, não fiquei no meio da estrada, não faltei a meus compromissos: ainda me sinto com forças para a luta: embora me tivessem embaraçado, no meu caminhar circunstancias que eu não previra, mas que considero tanto deveres, como os que tenho para comvosco.

Pela primeira vez, depois de cinco annos, deixaste de vêr o meu humilde nome nos primeiros numeros d'este anno. As que me dedicam alguma attenção e tem pelo *rabugento* signatario d'essas palestras algum reconhecimento, terão sentido a minha falta; porém acredito tambem, outros terão pensado que me sentia já incapaz ou impotente para a continuação de meus esforços...

Felizmente para os que realmente ouviam ou liam o *rabugento*, estou aqui firme no meu posto... Aos outros direi sómente que... leiam ou ouçam lêr... (*O Dr. Carlos Costa ás suas amaveis leitoras*, nº.4, fev. 1884 – os grifos em negrito são nossos).

Entendemos que o método e o recorte adotados, acima explicitados, dão-nos uma amostra do discurso veiculado pelo periódico *A Mãe de Família*, permitindo-nos, assim, compreender os sentidos organizados em torno das mulheres e da maternidade naquele ontem.

⁷ A respeito desse médico, encontramos o seguinte anúncio publicado repetidas vezes nas páginas do periódico *A Mãe de Família*: “Dr Pires de Almeida. A longa pratica da medicina exercida nos logares pantanosos, onde propositalmente ainda residio, os estudos especiaes e experiencias feitas no curativo das febres proprias do Rio de Janeiro (intermittentes, remittentes, paludosos, beliosas, typhoide, amarellas, etc), habilitam-me a trabalhar com os mais vantajosos resultados, bem como as suas complicações para o fígado, baço, sangue etc. – Carpas nos olhos, sem cauterisação. – Rheumatismos. – Feridas da mais longa data. – Syphilis. Chamados por escripto à Estação de Cascadura” (*A Mãe de Família*, nº.6, mar. 1883).

Capítulo 2

A cidade do Rio de Janeiro: um espaço de libertação para mulheres abastadas

“[...] a significação é histórica, não só no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência”
(Eduardo Guimarães, *Os Limites do Sentido*, 1995)

Neste capítulo, buscamos estabelecer o vínculo entre o periódico *A Mãe de Família* e as condições históricas que possibilitaram a produção de seu discurso sobre as mulheres e sobre a maternidade. Desta forma, localizamo-nos no ambiente em que foi publicado e circulou o jornal: Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX. O que nos permite vislumbrar não somente as transformações econômicas, urbanas e sociais pelas quais passava a cidade, como também os desdobramentos destas mudanças incidindo sobre os hábitos e costumes da população.

Procedendo dessa forma, pretendemos observar como a história se inscreveu na língua, dando sentidos ao discurso do jornal. Em outras palavras, como as mulheres abastadas e a maternidade foram significadas tendo em vista a historicidade presente no discurso.

2.1 O processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro

O século XIX brasileiro é marcado por intensas mudanças, tanto no âmbito político-econômico, quanto no sócio-cultural. Inauguradas com a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808), essas mudanças aceleram-se em meados do Oitocentos. Nesta época, o Rio de Janeiro conheceu os primeiros sinais de urbanização e de industrialização. Fator determinante foi o fim do tráfico intercontinental de escravos em 1850.

A proibição do tráfico de escravos estava prevista desde os tratados anglo-portugueses de 1810, assinados no Rio de Janeiro. Todavia, durante décadas, o

governo brasileiro só fez resistir às pressões externas pelo término do tráfico. Estas pressões se agravaram com a aprovação do *bill Aberdeen* em 1845.¹ A partir daquele momento, multiplicaram-se as apreensões de navios negreiros. Finalmente, em 1850, o governo estabeleceu o fim do “comércio infame”. Marco decisivo na história do Segundo Reinado, a proibição do tráfico retirava (ou pretendia retirar) o país do grupo de “nações bárbaras”, imagem repudiada pelo Império que sempre procurou sustentar uma feição moderna e civilizadora (NEVES; MACHADO, 1999).

As conseqüências do término do tráfico são logo percebidas. Surge um excedente financeiro proveniente da exportação de café que, até então, era utilizado para a compra de escravos africanos. A liberação deste capital tem efeito imediato: o incremento das importações e o desenvolvimento do setor de serviços públicos, transportes e comunicações. Esta fase ficou conhecida na historiografia atual como “Era Mauá” – em uma alusão ao empresário que se destacou por seu pioneirismo em investir na urbanização do Rio de Janeiro. Conforme acrescentam Lucia Neves e Humberto Machado (1999), ocorreu

[...] uma verdadeira modernização que se refletiu no crescimento urbano e na melhoria do setor de serviços. As cidades cresceram junto com as primeiras indústrias. Na década de 1850, foram fundadas 62 empresas industriais, a maioria de tecidos, das quais cinquenta estavam localizadas na província do Rio de Janeiro, 14 bancos, vinte companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguros, oito estradas de ferro, oito empresas de mineração, três de transporte urbano e duas de gás. As fábricas produziam principalmente chapéus, sabão, tecidos de algodão e cerveja, mercadorias até então importadas. Elas já utilizavam motores hidráulicos ou energia a vapor. Foram aprovadas 181 patentes industriais entre 1840 e 1870, e 1.210, de 1871 a 1889 (NEVES; MACHADO, 1999, p.307 e 308).

A capital da província do Rio de Janeiro, por sediar a Corte, viu com prioridade o progresso chegar. As antigas carruagens que circulavam pelas estreitas ruas davam lugar aos bondes movidos, inicialmente, à tração animal e, posteriormente, à energia elétrica. Em 1859 foi inaugurada a primeira linha de bonde

¹ Em 1844, o Estado brasileiro implementou as tarifas alfandegárias Alves Branco, em uma referência ao Ministro da Fazenda. Com o intuito de melhorar a arrecadação fiscal, diversos produtos importados tiveram seu valor onerado – a taxa de 15% *ad valorem* foi aumentada entre 20 e 60%. Por um lado, esta medida acabou beneficiando a incipiente indústria brasileira já que erigiu barreiras ao comércio importador. Por outro lado, prejudicou as exportações inglesas, o que instigou inúmeras retaliações. Uma delas foi a aprovação do *bill Aberdeen* em 1845, através do qual a Inglaterra reservava para si o poder de “polícia dos mares” (NEVES; MACHADO, 1999).

que fazia o trajeto entre a praça da Constituição (atual praça Tiradentes) e o alto da Tijuca. Todavia, a regularidade do serviço só começou efetivamente em 1868 (NEVES; MACHADO, 1999).

Também na década de 1850 foi inaugurada uma linha de navios a vapor que encurtou as distâncias entre o Rio de Janeiro e Liverpool. Os navios, também chamados de *packet boats* ou paquetes, levavam 27 ou 28 dias do Brasil até a Inglaterra. De acordo com Luiz Felipe de Alencastro (1997b), o impacto da regularidade desse trajeto no imaginário brasileiro foi tamanho que a menstruação de todas as mulheres do Império, com ciclo de 28 dias, passou a denominar-se “paquete”.

O novo trajeto Rio de Janeiro – Liverpool foi usufruído pelas camadas elevadas da população carioca que viajavam a passeio, enviavam os filhos para estudar no estrangeiro e adquiriam produtos importados. O porto do Rio de Janeiro, situado próximo ao Paço Imperial (atual Praça XV), era ponto de partida e de chegada não só desses paquetes, mas também de navios destinados à exportação do café² e à importação de industrializados europeus. Não foi por acaso que o porto mereceu atenção especial no período de crescimento urbano da cidade: ele era responsável pela maior arrecadação alfandegária do país e esta representava boa parte da renda geral do Império. Por isso, o governo buscou integrar o porto às demais regiões através da construção da Estrada de Ferro D. Pedro II. A linha férrea ajudou no escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba ao mesmo tempo em que permitiu a ligação entre as áreas periféricas e o centro urbano do Rio de Janeiro (NEVES; MACHADO, 1999).

Em geral, os serviços de transporte como a ferrovia e os bondes contribuíram para o alargamento do perímetro urbano e para a integração de diversas regiões da cidade. Mais do que isso: aproximaram regiões ricas e pobres da cidade; aproximaram mansões e casarões ocupados pelos barões do café dos cortiços nos quais se aglomeravam escravos, libertos e pobres.

Apesar de todo progresso, praticamente não existiu planejamento na urbanização da cidade do Rio de Janeiro. O sistema de esgotos, por exemplo, foi

² O café foi o principal produto agrícola de exportação durante o período imperial brasileiro. Entretanto, não foi o único. O açúcar, por exemplo, foi o segundo artigo mais produzido, apesar da forte concorrência do açúcar antilhano e do açúcar de beterraba produzido na Alemanha. Já o algodão esteve em terceiro lugar na pauta de artigos exportados. Vale ressaltar ainda que o cultivo do tabaco foi importante durante a primeira metade do século XIX quando era utilizado como produto de valor para a aquisição de escravos (NEVES; MACHADO, 1999, p. 121 – 181).

construído somente na década de 1860. Mesmo assim, este não beneficiava a todos. Apenas uma parcela da população recebia água encanada em suas casas e o hábito de despejar os excrementos no mar próximo às praias ainda persistia.³ Alencastro (1997b) nos conta que o trabalho de livrar-se de barris com conteúdos imundos ficava a cargo dos escravos, mais conhecidos como “tigres”. Segundo o mesmo autor, ao transportar as imundícies das casas até as praias, os escravos eram respingados com o material que transbordava. Passado algum tempo, as manchas de sujeira que grudavam na pele negra lembravam as formas existentes no pêlo dos tigres.

A precariedade no abastecimento de água contribuía para tornar o verão uma época de epidemias. A ausência de condições sanitárias eficientes e o armazenamento de água em cisternas contribuía para a proliferação dos mosquitos transmissores da febre amarela. Em 1850, registrou-se o primeiro grande surto da doença que dizimou uma parcela considerável da população do Rio de Janeiro.⁴ A cólera e a varíola também ameaçavam a população. Não foi à toa que os médicos brasileiros travaram uma campanha contra as doenças tropicais, tentando higienizar os espaços urbano e doméstico para transformá-los em ambientes salubres (conforme veremos mais adiante no capítulo 3).

Associado ao processo de urbanização pelo qual passava o Rio de Janeiro, um incremento ao setor de comércio era percebido na cidade. Com os recursos excedentes provenientes do café, as camadas elevadas tanto da cidade quanto da zona rural tornaram-se ávidas consumidoras de bens importados. Dentre os itens adquiridos estavam bens de consumo duráveis, semiduráveis e supérfluos. Segundo Alencastro (1997b), os jornais cariocas punham à venda todo tipo de produto: desde jóias, objetos de ouro e de prata, tecidos, roupas, pianos, até cavalos europeus. Vejamos alguns anúncios que ilustram bem esse comércio de produtos importados:

Chapelaria do Globo Figueiredo & Irmão. Completo sortimento de chapéus para homens, meninos e meninas, tudo por preços resumidos. Recebem tudo directamente de Paris. 82 Rua

³ A propósito, o dr. Carlos Costa aconselhava o banho de mar somente nas praias de Copacabana e Icaraí. Alegava que as demais estariam sujas e impróprias para o banho (Palestra do Medico XXIX, M. F., n.º 5, mar. 1880).

⁴ Nem mesmo os descendentes da família real estavam imunes às doenças: Afonso (1845 – 1847) e Pedro (1848 – 1850) morreram de febre amarela no Rio de Janeiro em tenra idade (ALENCASTRO, 1997b).

Uruguayana 82. Proximo á Rua do Ouvidor (O Cacete, jan. 1881, apud GUEDES; BERLINCK, 2000);

Modas, Chapeos. A irmã de *Madame Valle* tem sempre chapéos modernos e elegantes, para senhoras, de 10\$ a 18\$; para crianças, de 4\$ a 8\$; e chapéos de luto, 12\$. Lava, enforma e enfeita á moda, desde 6\$000. 25 Rua De Gonçalves Dias 25. Leques. Concertão-se com perfeição e vende a preços baratissimos (Jornal do Commercio, out. 1881, apud GUEDES; BERLINCK, 2000);

Vendem-se machinas de costura Singer e outras, a dinheiro e a prestações de 5\$ a 10\$, e alugão-se por pequenos alugueis; na rua Larga de São Joaquim número 116 (Jornal do Commercio, out. 1881, apud GUEDES; BERLINCK, 2000);

Companhia de Música e Pianos. Successora de Arthur Napoleão. 89 Rua do Ouvidor 89. Grande sortimento de pianos de Erard, Pleyel, Herz, Gaveau, Otto, etc. Unico depositario dos Cebres Pianos Bechstein. Vendem-se e alugão-se. Nesta casa, a maior da América do Sul nesta especialidade, encontra-se sempre um completo sortimento de musicas para piano, canto e todos os instrumentos, bem como todos os objetos concernentes a este ramo do negocio (Jornal do Brazil, set. 1891, apud GUEDES; BERLINCK, 2000).

A rua do Ouvidor, em especial, foi símbolo desse novo impulso consumista. Alguns a chamavam de “Rainha da moda e da elegância”, “França Antártica” – dada a quantidade de comerciantes franceses estabelecidos à rua –, outros a comparavam ao *Boulevard des Italiens* de Paris e à *Regent Street* de Londres – dada a beleza da rua para os padrões da época – e Machado de Assis a apelidava “aconchego acotovelante” – dado o movimento de pedestres na estreita rua. Nas vitrines das lojas encontravam-se “as últimas modas de Paris”, cobiçadas pelas senhoras elegantes que passeavam pela rua à vista atenta dos homens falantes. Wanderley Pinho (1942)⁵ nos descreve o movimento característico da rua do Ouvidor:

Aqui um grupo de senhoras elegantemente vestidas, com todo o apuro das mais belas parisienses, passa conversando entre deliciosos sorrisos parando como borboletas que pousam pelas vitrines de flores, jóias, sêdas, grinaldas; ali um grupo de homens que conversam em política e segundo o calor com que discutem dão a entender fazerem parte do parlamento... Além os jornalistas

⁵ É interessante apontarmos aqui as fontes utilizadas pelo autor: revistas e jornais do Oitocentos, memórias escritas e arquivos pessoais. A tentativa de levantar relatos orais não foi muito proveitosa dada a avançada idade das pessoas entrevistadas (considerações feitas pelo autor na apresentação de sua obra *Salões e Damas do Segundo Reinado*, 1942).

tumultuam e opinam acêrca de tôdas as cousas presentes, passadas e futuras (PINHO, 1942, p. 266).

Juntamente com as jóias, sedas, grinaldas, chapéus e pianos, importavam-se os modos de vida e os costumes da capital francesa, os quais a camada elevada passou então a imitar. O Rio de Janeiro presenciava uma verdadeira revolução nos costumes de seus habitantes. Por ser o centro do Império, a cidade era porta de entrada desses novos hábitos e os reverberava para as demais regiões urbanas do país – que na época resumiam-se a Santos, Salvador, Pernambuco e Recife.

Ressaltamos, no entanto, que a Corte era uma espécie de ilha afrancesada cercada por uma cidade quase negra, onde ainda persistia a escravidão. De acordo com Alencastro (1997b), ao longo do século XIX, os escravos representaram da metade a dois quintos do total de habitantes da Corte. Havia, assim, um contraste entre as pretensões modernizadoras ou civilizadoras do Segundo Império e a densidade de escravos. Em outras palavras, havia um descompasso entre a moda exposta nas vitrines da rua do Ouvidor e a realidade local.

Em meio a esse ambiente, novos hábitos ao estilo francês afluíam. Eram difundidos, principalmente, por meio de notícias, folhetins e romances provenientes da Europa. As elites da sociedade foram, então, as representantes dessas influências francesas em meados do Oitocentos.

2.2 Salões, teatros e cafés: novos hábitos para as elites da cidade

De modo geral, juntamente com o processo de urbanização da cidade, ocorreu uma intensificação da vida social das elites, tanto nos locais públicos, quanto nos locais privados. Famílias inteiras freqüentavam os jardins públicos, como o Campo de Santana, o Passeio Público e a Quinta da Boa Vista – tais andanças foram prolongadas até mais tarde devido à iluminação pública implantada nas principais ruas do Rio de Janeiro –, as senhoras elegantes tomavam chás nas recém-inauguradas cafeterias da Corte, enquanto exibiam suas vestimentas e seus acessórios requintados. Tomemos alguns anúncios de jornais que revelam atividades e divertimentos comuns àquela sociedade:

ESPECTACULOS. THETRO [sic] LYRICO FLUMINENSE. COMPANHIA HESPANHOLA DE ZARZUELA. DIRIGIDA POR Dom THOMAZ GALVAN. HOJE. TERÇA-FEIRA 16 DE JULHO. Recita extraordinariamente em beneficio de HENRIQUETA QUINTANA. Depois que a orchestra tiver executado a sumphonia do estylo, subirá á scena a linda zarzuela em 2 actos, original do *senhor* Serra, musica do maestro rogel intitulada AS AMAZONAS DO TORMES. CORO GERAL. Dará principio a linda zarzuela em 1 acto, intitulada UM PLEITO. Tomam parte os *senhores* Villanova, Barcena, Villareal e as *senhoras* Pelaez e Barredas. Ás 7 1/2 horas. Os bilhetes de camarotes e cadeiras vendem-se por especial obséquio em casa dos *senhores* Castellões, rua do Ouvidor número 116, e Aurélio, largo de São Francisco de Paula (Diario de Noticias, jul. 1869, apud GUEDES; BERLINCK, 2000);

Thetro [sic] Lyrico. Companhia de Theatros Brasileira. Grande Companhia Lyrica Italiana. Tendo chegado hontem a Companhia, roga-se aos Senhores assignantes o favor de mandarem buscar os seus bilhetes e fazerem a ultima entrada até sabbado, 4 de Julho. Os bilhetes serão entregues á vista do recibo (Jornal do Brazil, jun. 1881, apud GUEDES; BERLINCK, 2000);

Grande concerto em Petrópolis. Domingo, 20 do corrente, realiza-se em Petropolis, no salão do Hotel de Bragança, o concerto do insigne violoncellista Benno Niedberger. O concerto será honrado com as augustas presenças de *Suas* Majestades e *Altezas* Imperiaes. Far-se-ão ouvir a Excelentíssima Senhora Dona Roza de La Croix Ribeiro e os Senhores commendador White, Tavares e Förterle. O programa é variado e attraente (Diario de Noticias, jan. 1889, apud GUEDES; BERLINCK, 2000).

Teatros, concertos e bailes eram muito prestigiados pelo público. Os artistas procediam de diversos países europeus. As danças e as músicas importadas pareciam querer abafar os ritmos locais, fortemente marcados pela tradição afro-brasileira. Alencastro (1997b) cita algumas danças que chegaram à sociedade imperial como, por exemplo, a polca, o fandango, a valsa, a quadrilha e o schottisch, mais tarde conhecido como xote. Em relação às músicas, o mesmo autor afirma que houve o predomínio dos sons emitidos a partir dos pianos. Estes instrumentos eram “objetos de status”, “mercadorias fetiche”, que não poderiam faltar nos mais distintos salões da Corte.

Era nos salões, sobretudo, que as pessoas das camadas elevadas se reuniam. Em busca de divertimentos e oportunidades de sociabilidade, as famílias de renome abriam as portas de seus casarões e recebiam em seus salões luxuosos as demais figuras da sociedade.

Jürgen Habermas (2003), ao analisar a organização das esferas pública e privada na Europa do século XVIII, afirma que a linha tênue que distinguia a apreciação coletiva da apreciação íntima passava pelo interior das residências, especificamente, pelos salões. Estes espaços limitavam, por um lado, o convívio social e, por outro, o aconchego familiar. De acordo com o referido autor,

[...] o salão não serve, porém, ao “lar”, mas à “sociedade”. [...] A linha entre a esfera privada e a esfera pública passa pelo meio da casa. As pessoas privadas saem da intimidade de seus quartos de dormir para a publicidade do salão: mas uma está estreitamente ligada a outra (HABERMAS, 2003, p. 62).

Habermas (2003) continua sua elaboração sobre a sociedade europeia afirmando que o gênero literário denominado *Romance* contribuiu para a aproximação das esferas ao propor publicamente temas e situações relacionados à privacidade do lar e da família que, além de ser leitora assídua desses textos, se identificava com eles. Entende-se que era nos salões que as pessoas liam os romances e comentavam sobre eles.

De forma análoga ao contexto europeu, porém tardia, nos salões brasileiros da segunda metade do século XIX liam-se versões traduzidas desses textos. Além desta atividade, Pinho (1942) enumera outras próprias de um salão:

[...] a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humour; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda... (PINHO, 1942, p. 8).

Alguns salões recebiam convidados em dias fixos. Os aniversários das filhas da elite eram sempre pretextos para bailes e festas. Também o eram as datas religiosas, como o São João, o Natal e Reis. Nestas duas últimas, havia a possibilidade de escolher qual salão freqüentar, dada a grande quantidade de convites. No entanto, o ponto alto da vida social na Corte ia de maio a setembro, quando as câmaras estavam abertas e os representantes da nação marcavam presença nos salões (PINHO, 1942).

À exceção do Imperador e de sua digníssima consorte, os quais, passada a juventude, não freqüentavam mais a agitada vida social da Corte,⁶ as princesas Isabel e Leopoldina apreciavam muito o movimento e o divertimento dos salões. Após casarem-se, a princesa Isabel e o Conde d'Eu recebiam personalidades daquela sociedade no Paço Isabel (atual Palácio Guanabara). Neste salão o gosto era muito apurado, no entanto havia simplicidade no proceder (PINHO, 1942).

Copiavam-se, assim, os esplendores do Segundo Império em França. Contudo, os salões brasileiros foram mais políticos, musicais e dançantes, e menos literários. Nossos escritores preferiram os cafés, as confeitarias, as livrarias, as redações de jornais e revistas para encontros. Tais lugares, no entanto, não se diferenciavam muito dos salões. A afamada rua do Ouvidor, por exemplo, é denominada por Pinho (1942) como um “salão ao ar livre”. Segundo o autor,

Sem convites nem horários, nem etiquetas, a rua do Ouvidor foi, durante todo o reinado, um ponto de encontros, um tablado de exhibições elegantes, feira de vaidades e amores, bolsa de idéias e emoções e críticas e ironias, um salão (PINHO, 1942, p. 271).

Dentre os freqüentadores desses ambientes de sociabilidade, encontravam-se mulheres de famílias de prestígio que começavam a dar o ar de sua graça em lugares públicos. Neles, as senhoras e moças destacavam-se de inúmeras formas: ostentando valiosas jóias; exibindo ricas indumentárias; desfilando novos penteados de cabelo; interpretando óperas estrangeiras; tocando músicas ao piano; ou, simplesmente, inspirando declamações de versos. A presença dessas mulheres constava em artigos de jornais cujo objetivo era reportar ao público as atividades da “vida da boa sociedade”. As mulheres introduziam-se na vida pública, tornavam-se mais “salientes” e afirmavam seu “triumfo mundano” nos salões.

Após iniciar seu processo de urbanização, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se lugar propício para o desprendimento dessas mulheres. Dispôs de diversas possibilidades de atividades e de divertimentos nos quais elas tomavam parte. Assim como as parisienses, as brasileiras abastadas do Oitocentos encontravam nas cidades oportunidades de libertação.

⁶ De acordo com Pinho (1942), “o último baile solene do Paço [de São Cristóvão] foi o de 31 de agosto de 1852, por ocasião do encerramento das câmaras” (p. 128). “Foi o último clarão de esplendor de uma Corte que daí em diante teimou em obscurecer-se, refratária às grandes festas de exibição” (p. 130).

Desvinculavam-se das necessidades da casa, dos trabalhos domésticos, dos cuidados com os membros da família e, por que não dizer, da própria maternagem – mesmo que fosse em detrimento do trabalho de outras mulheres, em sua maioria escravas. Tais mulheres libertavam-se das funções que só existem em relação a outrem e submetiam-se às modas e aos imperativos sociais que somente lhes agradavam. Quando lhes foi apresentada a “fama mundana” em oposição às “glórias domésticas”, elas escolheram a primeira opção.

Certamente, é contra esse novo estilo de vida adotado por certas mulheres que o jornal *A Mãe de Família* vem se colocar. Analisando seu discurso médico e higiênico no tocante à conduta das mulheres-mães diante da criação de suas filhas, encontramos trechos reveladores dos hábitos femininos aos quais se opõe o jornal:

5. Desde a mais tenra idade, habitam as meninas às conversações banaes e até mesmo indecentes de muitos dos nossos **salões**.

Um **luxo se ostenta desde os sapatinhos condenados a Luiz XV até o chapéu** o mais custoso e extravagante.
[...]

A menina fluminense aos 12 anos já está industriada em todas as praticas perigosas da nossa sociedade corrompida; porque as **mães modernas, as conduzem a todos os lugares de ostentação e luxo. Vão aos theatros**, onde se exhibem produções dramáticas pouco educadoras. **Vão aos bailes**, onde se acostumam a vêr que os *decotes* exagerados são permitidos e não fazem corar as senhoras que os trazem.

[...]

Com effeito, **a menina deitando-se tarde, depois de um espectáculo ou baile**, etc., etc., **acorda-se tarde, fica preguiçosa**, custa a sahir da cama e resiste ao banho frio tão necessario no nosso clima e deleita-se no banho morno e algumas vezes aromatico (porque algum amigo dos bailes lhe ensinou que fizesse uso). Depois d’esse banho é que **vai tratar do vestuario**.

N’esse trabalho, onde está a sua principal attenção, seja dito de passagem, é a menina acompanhada pela mucama ou creada, cujos costumes na maior parte não são para louvar-se... [...]

Depois de algumas horas de trabalho, de vestir-se e pentear-se, é que vai a menina ou moça cuidar de almoçar. Isto é, ao meio dia mais ou menos! [...] (Palestra do Medico XXXVII, M.F., nº.13, jul. 1880 – os grifos em negrito são nossos);

6. Todos sabem que **as modas parisienses** não estão em relação com o nosso clima, com as nossas estações; ora quando as senhoras que se dizem elegantes (o que eu não acho) querem observar á risca os figurinos, usam no tempo de calôr de roupas de inverno e *vice-versa* (Palestra do Medico XXXVIII, M.F., nº.14, jul. 1880 – os grifos em negrito são nossos).

O discurso do jornal vem denunciar o que a historiografia relata: os hábitos femininos de ir a salões e bailes; de acordar tarde após uma noite de divertimentos; de vestir-se e pentear-se com esmero, ao molde francês. Apesar de posicionar-se contrário a todos esses costumes, o jornal publica a cada novo número moldes de roupas femininas afrancesadas. Entendemos que este conflito entre o que é dito e o que é veiculado deve-se ao fato desses moldes estimularem as vendas do jornal. Muitos deles eram importados ou copiados de revistas estrangeiras (BUIIONI, 1990). Vejamos um exemplo de figurino presente nas páginas do periódico *A Mãe de Família*:



Figura 2: *Figurino Colorido n.º 4* veiculado no periódico *A Mãe de Família*, n.º.11, jun. 1879.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Na seqüência de recortes acima (fragmentos 5 e 6), o discurso do jornal vem notificar quais são as conseqüências médicas e higiênicas decorrentes de tais comportamentos femininos: males no corpo e na mente. Ao ameaçar as mulheres com a possibilidade de doenças tanto no físico quanto no moral e, até mesmo, com o risco de morte (conforme veremos em detalhes no capítulo 4), o recorte discursivo seguinte nos permite afirmar que um dos objetivos do jornal era trazer essas mulheres de volta aos seus antigos lugares, prendê-las em uma redoma doméstica.

7. Nas conversas intimas das nossas jovens elegantes, quantas lagrimas sentidas terão corrido pela **companheira dos folguedos que subitamente baixou ao seio da terra, ferida da terrivel affecção pulmonar!...**

Ainda hontem tão bella, tão mimosa, tão digna de inveja de nós todos!... **E hoje ahi fria, branca, quasi esqueleto!...** dirão muitos...

Mas pouco depois, argentinos risos se succedem aos lamentos d'alma, e com os prazeres do presente se esquecem das dôres do passado e **não cogitam no que lhes ameaça o futuro, se como a companheira que se foi, não observarem os preceitos que exige a sciencia, muito de accordo com esses prazeres que ella não reprova** (Palestra do Medico XXXVIII , M.F., nº.14, jul. 1880 – os grifos em negrito são nossos).

Após um contundente discurso que repudia e pune severamente os costumes femininos, o jornal segue afirmando que “os preceitos que exige a sciencia” estão “muito de accordo com esses prazeres” sociais. Este outro conflito presente no âmbito discursivo pode ser compreendido como uma tentativa de ganhar as leitoras para a ciência. Assim, seria mais interessante ponderar o discurso e manter as leitoras, do que perdê-las definitivamente para as condutas consideradas anti-higiênicas.

Se o jornal direcionava seu discurso de forma privilegiada às mulheres das camadas elevadas que se esgotavam em atividades e divertimentos sociais, não deixava de fazer esparsas referências àquelas que ao saírem para estudar ou trabalhar tomavam consciência de sua condição subalterna e, então, passavam a dedicar-se à luta pela emancipação feminina.⁷ Estas últimas são objetos do seguinte lamento:

8. Uma **febre de liberdade para a mulher** apoderou-se ultimamente dos espiritos os mais cultos do nosso paíz e trouxe como consequencia, um abalo profundo nas antigas crenças, nos puros costumes... **A consequencia fatal foi o abandono do lar, foi o esquecimento de sagrados deveres...**

[...]

O que significa para as suas glorias o **ser Deputada, Senadora, Eleitora, Guerreira**, etc., etc.!?...

⁷ Em meados do século XIX, surgem os primeiros jornais brasileiros dirigidos por mulheres. Alguns deles dedicavam-se somente à moda e à literatura, enquanto outros propagavam as primeiras idéias a favor da educação e da emancipação das mulheres. Em momentos propícios, estas pioneiras defenderam a abolição da escravatura e pleitearam a favor do voto feminino. Uma luta árdua e morosa estava apenas começando. Para maiores informações sobre o tema, conferir BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1988; HAHNER, June Edith. *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850 – 1940*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Onde poderá ella tornar-se mais sublime do que na **assemblea do lar domestico**?!

Mais heroica do que nas **lutas da maternidade**?

Para que tornar-se **sabia**, se a melhor sabedoria é a que patentêa na direcção do lar, tornando a todos felizes por suas virtudes, por sua intelligencia e affectuózos sentimentos!!

É menos difficil educar uma mulher para **doutora** de que para **mãe de familia**.

E nós, embora novos na civilização, já temos muitos dos perigosos vicios dos paizes adiantados (Palestra do Medico XLVIII, M.F., n.º.24, dez. 1880 – os grifos em negrito são nossos).

As pioneiras do movimento feminino no Brasil, inspiradas em idéias vindas do exterior, depositavam suas esperanças em conquistas futuras. Elas lutavam pelo acesso à educação secundária e superior,⁸ pela igualdade de direitos entre os sexos, e pela participação política através do voto. O jornal, bem como a maioria dos homens, colocava-se contra essas mulheres e contra as causas pelas quais lutavam. Alegava que a importância delas estava em dirigir o espaço doméstico, nos papéis de dona-de-casa, esposa e mãe de família.

Estratégia ou não, algumas pioneiras valeram-se dos discursos masculinos em torno da maternidade para tentar alcançar seus objetivos. Dessa forma, afirmavam que para bem criar os filhos, elas deveriam ter acesso a melhores oportunidades de educação. Além disso, afirmavam que não havia conflito entre as atividades femininas dentro e fora do lar. Tais argumentos foram mobilizados diversas vezes por mulheres como Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josefina Álvares de Azevedo – meia-irmã do poeta. Exponentes a favor da ampliação da esfera de atuação feminina, estas duas mulheres fizeram-se ouvir por intermédio dos periódicos *O Sexo Feminino* (1873) e *A Família* (1888), respectivamente (HAHNER, 2003).

A resistência masculina mostrou-se firme. Diante da tentativa de emancipação e da vontade de sair das mulheres abastadas, havia algumas barreiras erigidas pelos reformadores sociais – políticos, advogados, higienistas, médicos, entre outros. Alinhando-se com estes, o jornal insistia que, abandonada e indefesa, a

⁸ É importante ressaltar que a educação superior para as mulheres tornou-se possível com a lei de reforma educacional de 1879. No entanto, esta foi revogada logo após a proclamação da República, com a Constituinte de 1891. De qualquer forma, a dificuldade em se alcançar a educação superior permanecia devido ao fato de o ensino público secundário para as mulheres ser deficiente (HAHNER, 2003).

família acabaria por se enfraquecer sem a presença feminina. Sendo que a criança seria o ente mais afetado.

Vejamos então algumas evidências que configurariam os atos tão alarmados de “esquecimento de sagrados deveres” maternos e de “abandono do lar” (fragmento 8) entre certas mulheres da cidade do Rio de Janeiro.

2.3 A “libertação” feminina da função materna

Se as mulheres abastadas vestem “as modas de Paris”, saem às ruas a passeio, tomam parte em atividades e divertimentos, freqüentam salões e bailes, enfim, se estas mulheres são em tudo semelhantes às francesas, com a maternagem não seria diferente. Seu ideal materno viria de França.

Em sua análise sobre a construção do mito materno, Elisabeth Badinter (1985) traça o perfil das mulheres-mães pertencentes às camadas elevadas da sociedade francesa no decurso dos séculos XVII e XVIII: em geral, essas mães não se interessavam por seus filhos. Como evidência dessa indiferença, a referida autora busca reconstruir o comportamento dessas mães. Primeiramente, entre elas não havia aparente sofrimento pela morte do recém-nascido ou da criança. Isto se devia menos à alta mortalidade infantil que, possivelmente, transformava o fato em algo corriqueiro e mais à concepção de que a criança era um ser incompleto, ainda em formação cuja morte não deveria ser pranteada. Também não existia a igualdade no tratamento dos filhos, o que variava conforme o sexo da criança e o primado da primogenitura. Ou seja, filhas mulheres nem sempre eram bem-vindas já que representavam gastos com o futuro dote. Ao contrário, os filhos homens perpetuavam o nome da família, ficando a cargo do primogênito a responsabilidade pela velhice da mãe em caso de viuvez. Daí ser mais comum que ela desse maior atenção ao primogênito. Finalmente, o comportamento que melhor retrata a indiferença materna entre as francesas da elite era a recusa em amamentar.

De acordo com Badinter (1985), a renúncia ao aleitamento era explícita, já que, mal davam à luz, as mães entregavam os recém-nascidos a amas-de-leite (*nourrice*) para que recebessem os alimentos e os cuidados necessários à primeira infância. Tal recusa era, à primeira vista, inexplicável, pois essas mulheres usufruíam de uma vida financeira farta, podendo dedicar-se inteiramente a seus

filhos. Todavia, elas não tardaram em justificar seus atos. Apelando para argumentos de ordem física, as mulheres-mães afirmavam que ao amamentar privar-se-iam de “um suco precioso, absolutamente necessário à sua própria conservação” (BADINTER, 1985, p. 95). Também invocavam ou uma sensibilidade nervosa que seria agravada pelo choro do recém-nascido, ou uma fraqueza extrema em sua constituição física. Além disso, afirmavam que ao amamentar ficariam feias, pois os seios murchariam – pensamento que ainda persiste nos dias atuais.

São os argumentos de ordem moral e social que mais interessam a Badinter (1985). As mulheres-mães consideravam pouco digno amamentar os filhos. Diziam que tal ato não era apropriado aos modos da “boa sociedade”, pois, para elas, o aleitamento remetia à uma imagem animalizada das mulheres, a imagem de “vacas leiteiras”. Além disso, prevalecia o pensamento de que dar o seio ao filho na frente de outras pessoas era falta de pudor. Por isso, amamentar significava pôr-se à parte, recolher-se a seus aposentos, isolamento que desagradava não só àquelas que possuíam vida social ativa, como também aos seus cônjuges.

No que diz respeito aos homens, estes não apreciavam a amamentação. Consideravam-na um atentado à sexualidade e uma restrição ao prazer, pois os médicos e higienistas da época desaconselhavam as relações sexuais durante o período de gravidez e enquanto durasse o aleitamento. Acreditava-se erroneamente que o esperma estragava o leite materno, fazendo-o azedar. Segundo Badinter (1985, p.85 – 119), face a todos esses argumentos, fica fácil entender o porquê das mulheres-mães não amamentarem: elas não desejavam abrir mão de seus prazeres conjugais e mundanos para cuidar de seus filhos.

Essas mulheres da elite francesa eram exemplo de conduta não só para as demais mulheres daquela sociedade, como também para as mulheres de outras nacionalidades, como as inglesas, as alemãs e as brasileiras. No que concerne ao aleitamento, podemos dizer que nossas ascendentes do século XIX adaptaram o modelo mercenário francês às condições locais. Assim, as mulheres-mães abastadas tinham por costume comprar ou alugar amas-de-leite escravas para servirem no interior de seus lares. Este procedimento era tão difundido no Império que, segundo Alencastro (1997b), periódicos de todas as províncias traziam anúncios sobre o comércio de amas-de-leite. Um anúncio, em especial, chamou-nos a atenção:

Ama de leite. Aluga-se uma, de côr branca, na ladeira do Seminario número 8 (Jornal do Commercio, out. 1881 apud GUEDES; BERLINCK, 2000).

Por ter sido publicado no final do Oitocentos, o anúncio é passível de duas interpretações: ou uma mulher branca livre oferecia seus préstimos nas páginas do jornal – fato comum a partir de meados do século, quando a imigração portuguesa trouxe para a Corte grande oferta de amas-de-leite brancas –, ou um senhor oferecia sua escrava branca para o aluguel – fato mais provável, que pode ser explicado pela miscigenação da população e, também, pelo modo verbal encontrado no anúncio: a voz passiva indica que a ama “foi oferecida ao aluguel” (ALENCASTRO, 1997b).

Fora o aleitamento mercenário, o desinteresse das mães pelos seus filhos era expresso de outras formas. Existia desde o período colonial brasileiro, e persistia ainda em meados do século XIX, a prática do abandono de recém-nascidos. Esta prática era mais comum nas cidades, fato que pode ser entendido como decorrente das constantes transformações pelas quais passava o espaço urbano. O que ocasionava desequilíbrios em relação à oferta de empregos e ao número de moradias, prejudicando a parcela menos favorecida da população. Renato Pinto Venâncio (2004) descreve a crueldade do abandono nos seguintes termos:

Meninas e meninos com dias ou meses de vida não encontravam abrigo; eram deixados em calçadas, praias e terrenos baldios, conhecendo por berço os monturos, as lixeiras, e tendo por companhia cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas (VENÂNCIO, 2004, p.190).

Para uma sociedade cujas crenças e condutas morais se baseavam no catolicismo romano, a morte de crianças recém-nascidas sem o sacramento do batismo era sinônimo de danação das almas, algo terrível e irremediável. Daí a reprodução no Brasil de métodos de acolhimento conforme havia em Espanha, Itália, Portugal e França desde o século XIII.

Um dos métodos mais conhecidos foi o implantado pelas Santas Casas da Misericórdia e denominava-se *Roda dos Expostos*. A Roda consistia em um cilindro que ligava a rua ao interior do hospital, instalado nos muros frontais ou laterais das Santas Casas. Por meio deste dispositivo, a pessoa depositária da criança tinha sua identidade preservada. De acordo com Venâncio (2004), somente as Santas Casas de Salvador, Recife e Rio de Janeiro estabeleceram tais Rodas durante o período

colonial. Todavia, após a Independência, o sistema conheceu enorme sucesso, alcançando o número de doze em meados do Oitocentos.

Segundo o referido autor, os motivos que levaram inúmeras mães a negarem seus filhos são múltiplos. Dentre a população escrava, as mães viam na Roda a possibilidade de conceder a tão almejada liberdade a seus rebentos. Já dentre a população livre menos favorecida, as mães abandonavam suas crianças pelas mais diversas razões. Podemos citar a extrema pobreza da família, que não conseguia prover o sustento diário para seus membros, e também alguns fatores fortuitos como alta de preços dos alimentos, doença da criança e morte do pai. Além dessas razões, acrescenta-se o elevado preço cobrado pelos enterros, fazendo com que as mães largassem os corpos de seus filhos à Roda para que tivessem um enterro cristão digno.

Dentre a população abastada, as mulheres de boas famílias negavam seus filhos quando estes eram frutos de relacionamentos fora do casamento. Abandonavam seus filhos ilegítimos para não mancharem a honra e a moral, para não serem malvistas pela sociedade da época. Pensando em si próprias, estas mulheres optavam por manter as aparências à custa da exposição de seus filhos. Nestas circunstâncias, a Roda era o meio de evitar um provável infanticídio (VENÂNCIO, 2004).

Em geral, o abandono consistia em uma ruptura definitiva dos laços entre mães e filhos, pois as poucas mulheres que retornavam às Santas Casas para buscar seus filhos nem sempre os encontravam, devido aos altos índices de falecimento. Conforme aponta Jurandir Freire Costa (1979, p. 165), “a roda convertera-se pela pobreza de instalações e meios de manutenção, num verdadeiro foco autóctone de mortalidade infantil”. É provável que os óbitos estivessem ainda relacionados à alimentação inadequada fornecida às crianças no interior das Santas Casas.

Mais uma vez, a nutrição infantil impunha-se como principal questão. As Santas Casas nem sempre obtinham êxito na busca por mães de leite ou escravas autorizadas por seus senhores a servirem como tal. Em relação às primeiras, havia a possibilidade de que elas não cumprissem o combinado, oferecendo leite de vaca aos expostos. Já as escravas eram mais rentáveis no mercado de amas-de-leite, pois o valor compensatório pago pelas Santas Casas aos seus proprietários era

muito pequeno (VENÂNCIO, 2004). Por conta dessas circunstâncias, o número de falecimentos tendia a aumentar.

Mas, infelicidades não ocorriam somente com os expostos das Santas Casas; acidentes e mortes atingiam também aquelas crianças que permaneciam na companhia de suas mães. Em 1879, o jornal *A Mãe de Família* veiculou uma relação dos acidentes ocorridos com crianças na província do Rio de Janeiro durante o primeiro semestre daquele ano. Esta relação traz informações como: breve descrição dos acidentes; data e local em que ocorreram; nome e idade das vítimas e conseqüências que estas sofreram. Certos dados atraem a atenção: dos 32 casos listados, 5 foram seguidos de morte; entre as 32 crianças, 4 foram identificadas como italianas e 5 foram identificadas como escravas. Números que apontam para o descuido das mães pobres, fossem elas livres ou escravas. Observa-se também que alguns acidentes estavam relacionados ao incipiente processo de urbanização pelo qual passava a capital da província do Rio de Janeiro. Tem-se como exemplo o atropelamento por bonde, o esmagamento por trem de ferro e queimaduras por explosão de lâmpadas de querosene. Reproduzimos esses dados, a seguir:

RELAÇÃO DOS MENORES QUE FORÃO VÍCTIMAS DE ACCIDENTES OCCORRIDOS
Durante o Semestre de Janeiro a Junho de 1879.

N.ºs	Datas	Freguezias	Nomes dos menores	Idades	Accidentes	Effeitos	Observações
1	Janeiro ... 2	Sant'Anna	Miguel Celestino	7 annos	Atropel. por carroça.	Contusões leves	
2	"	Santa Rita	Cleopatra	6 "	Queim. por agoa quent.	Queimaduras graves	
3	"	Espirito-Santo	Martiniano	11 "	Atropellam. por bond.	Fract. do pé esquerdo.	
4	"	Sant'Anna	Leonidia, escrava	5 "	Expl. de lamp. de ker.	Queimaduras graves	
5	"	Engenho Novo	Joseph, italiano	12 "	Atropellam. por bond.	Contusão leve	
6	"	Lagoa	Judith, escrava	9 "	Queda de jun. de sobr.	Fract. do pé esquerdo.	
7	"	Engenho Velho	Francisco, escravo	12 "	Esmag. p. trem de ferro	Morte	
8	"	S. José	Domingos	13 "	Explosão de esp. de v.º	Queimaduras graves	
9	Fevereiro	Sacramento	Albino Mendes	14 "	Atropel. por carroça.	Contusão leve	
10	"	Do	Manoel Cardoso	15 "	Do. por tilbury	Do.	
11	Margo	Sant'Anna	João	6 "	Queda de morro	Contusões graves	
12	"	S. José	Dionisia, escrava	12 "	Da. de jan. desobrado	Do.	
13	"	Santo Antonio	Lorita, italiana	2 "	Atropellam. por bond.	Esmagam. das pernas.	Pal. na Miseric. horas depois
14	"	Sant'Anna	Manoel	3 "	Expl. de lamp. de ker.	Queimaduras graves	Idem. no dia seguinte
15	"	Candelaria	João	14 "	Ísido p. um sac. c. faz.	Contusões leves	
16	Abril	Santo Antonio	Francisco	11 mezes	Queim. com agoa ferv.	Queimaduras graves	fallosca momentos depois
17	"	Do	João	8 annos	Atropellam. por carro.	Contusões leves	
18	"	Sant'Anna	Antonio, italiano	12 "	Do. do.	Do.	
19	"	Sacramento	Trajano, escravo	9 "	Queda de umas obras	Contusões graves	Pal. na Miseric. 10 dias dep.
20	"	Lagoa	Luiz	2 "	Queda de cavallo	Fract. da perna direita	
21	"	"	José Martins	15 "	Do.	Fract. do braço esq.	
22	"	Sant'Anna	Oscar	15 mezes	Atropel. por tilbury	Fractura na cabeça	
23	"	S. José	Henrique de Andrade	10 annos	Queda na calçada	Fractura de um braço	
24	"	Espirito Santo	Manoel Machado	12 "	Desabamento de casa	Contusões leves	
25	Maió	Santa Rita	Manoel João Jacques	11 "	Queda a bordo de vap.	Contusões graves	
26	"	Espirito Santo	Antonio da Guia	12 "	Atropellam. por bond.	Esmag. do pé esquerdo	
27	"	Gloria	Domingos da Costa	12 "	Do. do.	Contusão leve	
28	"	Sacramento	Gervasio, italiano	14 "	Do. por tilbury	Do.	
29	"	Lagoa	João	3 "	Do. por bond.	Esmag. da perna esq.	
30	Junho	Santa Rita	Antonio da Silva	15 "	Do. por carroça	Fractura da perna dir.	
31	"	Sacramento	João Francisco da Silva	12 "	Do. por carro	Contusão leve	
32	"	Santa Rita	Joaq.º Gonçalves de Castro	11 "	Do. por bond.	Fract. do braço esq.	

Figura 3: *Relação dos menores que forão vítimas de accidentes* veiculada no periódico *A Mãe de Família*, n.º.13, jul. 1879.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Apesar das incompletudes desta relação – afinal, não sabemos a partir de quais registros foi construída, nem quais as informações para os períodos subseqüentes –, sua importância está em demonstrar a falta de atenção das mulheres-mães no cuidado de seus filhos. De acordo com o jornal, o ápice desta negligência estaria em confiar as crianças às amas escravas. O que é expresso no seguinte recorte:

9. Não há muito tempo que um negociante respeitável desta praça teve o profundo desgosto de ver afogada em um tanque de seu jardim, uma interessante criança, filha de um seu amigo, que **passeando com a “ama”, por esta foi descuidada e caio no referido tanque, de onde a retiraram já cadáver** (*A Mãe de Família*, nº.13, jul. 1879 – grifos nossos).

As amas nem sempre cuidavam com esmero das crianças sob sua responsabilidade. Descuidadas, algumas permitiam que os pequeninos perambulassem pelas ruas da cidade, ficando sujeitos a acidentes. Além disso, as amas desconheciam as recomendações higiênicas. De acordo com o jornal, nada seria melhor do que os cuidados da própria mãe quando consciente de seu papel social.

Ao longo da segunda metade do século XIX, conforme registrado no jornal, os reformadores começaram a denunciar a complacência da sociedade com os acidentes sofridos pelas crianças, os abandonos e a negligência das mães com o aleitamento mercenário. Suas vozes bradaram em defesa da primeira infância e contra o comportamento feminino, na tentativa de reformá-lo. Todavia, seus discursos não eram inéditos. No caso específico de *A Mãe de Família*, vinculavam-se ao discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e (re)produziam os sentidos organizados por pares europeus. Vejamos, no capítulo seguinte, as relações existentes entre esses diversos discursos.

Capítulo 3

Discursos médico e científico: representações de uma época

“É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede”
(Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, 2004)

Neste capítulo, pretendemos desembaraçar os nós da rede discursiva em que está inserido o periódico *A Mãe de Família*. Em outras palavras, buscamos identificar a quais outras frases e a quais outros textos remete o discurso do jornal (FOUCAULT, 2004). Para tanto, observamos o discurso predominante na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Também observamos as semelhanças entre o periódico francês *La Jeune Mère* (1873 – 1883) e o jornal brasileiro aqui analisado.

Procedendo dessa forma, ou seja, separando as tramas dessa rede discursiva, podemos vislumbrar a quais outras regiões da formação discursiva científica está vinculado o periódico *A Mãe de Família*, compreendendo como se deu a (re)produção/estabilização dos sentidos referentes às mulheres e à maternidade.

Entretanto, é necessário deixar claro que não pretendemos alcançar a *origem* dos sentidos (re)produzidos no periódico *A Mãe de Família*. Até porque, tal tarefa seria inatingível no âmbito da Análise de Discurso francesa, pois “todo sentido nasce de outro e aponta para alguma direção: os sentidos migram entre as regiões constitutivas das formações discursivas” (MARIANI, 1998, p. 32). Assim, ratificamos que nosso objetivo neste capítulo é distinguir as formações discursivas ligadas *imediatamente* ao discurso do jornal, observando de que maneira estas contribuíram para a organização dos sentidos.

3.1 O discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

O processo de urbanização iniciado na capital da província do Rio de Janeiro reforçou-lhe o perfil político-administrativo e a transformou, conforme vimos no capítulo anterior, em pólo de concentração de atividades comerciais e de pessoas. No entanto, estas mudanças não solucionaram de pronto o problema das doenças e das epidemias, que continuavam a grassar no espaço urbano. Agravadas pelo contínuo crescimento da população – ressaltamos a imigração de estrangeiros e a migração interna de escravos –, as epidemias resultavam em um saldo enorme de mortes. Tornava-se, então, urgente a atuação médica e higiênica, elaborando teorias a respeito das enfermidades e pondo-as em prática. Por intermédio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os médicos atuavam de maneira expressiva no sentido de esquadrihar a cidade e a sociedade, tornando-as objetos do discurso científico (COSTA, 1979). Vejamos, pois, em linhas gerais, as características predominantes do discurso construído por este estabelecimento de ensino.

Em 1832, organizou-se a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esta seguiu, a princípio, os mesmos regulamentos vigentes na Escola de Paris.¹ Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), a Faculdade oferecia três cursos: medicina, farmácia e parto, todos com duração de seis anos. Ao ingressar, exigia-se do estudante a comprovação de conhecimentos em latim, francês, lógica, aritmética e geometria. Ao concluir, atribuía-se o título de doutor, farmacêutico ou parteiro ao estudante sextanista que defendesse uma tese.

O conhecimento produzido no interior da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pôde ser compartilhado com os demais profissionais da área e com as demais instituições de saber do Império a partir da publicação da revista semanal *Brazil Medico* em 1887. Sob responsabilidade do dr. Azevedo Sodré – professor da cadeira de clínica e um dos diretores da referida Faculdade –, a revista contava com a colaboração de ilustres nomes da medicina nacional (SCHWARCZ, 1993).

Conforme relata Schwarcz (1993), durante as últimas décadas do Oitocentos, a revista *Brazil Medico* trouxe para suas páginas assuntos como: apoio à profissionalização da medicina, luta contra o charlatanismo e incentivo ao desenvolvimento de uma “medicina brasileira” que privilegiasse a produção de um

¹ Breve histórico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: a partir de 1808 começou a funcionar a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Em 1813, esta escola foi transferida para a Santa Casa da Misericórdia sob a denominação de Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Finalmente, em 1832, esta última foi transformada em Faculdade de Medicina. No mesmo ano e de acordo com a mesma lei, a Academia Médico-Cirúrgica da Bahia foi transformada na Faculdade de Medicina da Bahia (SCHWARCZ, 1993).

conhecimento científico voltado especificamente para atender os problemas da população brasileira. Com isso, a publicação abria espaço para a divulgação das novas experimentações no campo das chamadas “doenças tropicais”.

Com efeito, a aparente preocupação em sanar as doenças tropicais trazia em seu bojo uma questão racial:

[...] para os médicos cariocas, o simples convívio das diferentes raças que imigraram para o país, com suas diferentes constituições físicas, é que seria o maior responsável pelas doenças, a causa de seu surgimento e o obstáculo à “perfectibilidade”² biológica (SCHWARCZ, 1993, p. 191).

De acordo com a autora, os médicos cariocas utilizavam o viés evolucionista imiscuído do conceito de raça para justificar a proliferação de doenças, em outras palavras, explicavam que o encontro de raças e etnias diversas geraria doenças que debilitariam a população, retardando o alcance da “perfectibilidade” humana e, por conseguinte, do progresso sócio-cultural da nação.

Abrimos aqui um parêntese para esclarecer o teor dos modelos sociais predominantes na Europa em meados do século XIX, elaborados a partir de uma adaptação imediata da teoria biológica de Charles Darwin, expressa em sua obra *A Origem das Espécies* (1859). O modelo social evolucionista, por basear-se em uma vertente monogenista, isto é, por pressupor que todos os homens descenderiam de uma matriz comum – conforme descrito nas escrituras sagradas –, postulava que todas as raças teriam a mesma capacidade de desenvolver-se sócio-culturalmente. Este desenvolvimento da humanidade se faria em uma direção única, passando por estágios sucessivos – de formas mais simples a formas mais complexas de organização social. O evolucionismo caracterizava-se, então, pelo otimismo em conceber um destino de progresso e civilidade a todos os grupos humanos ainda que considerasse os grupos não-ocidentais em fases anteriores à perfeita evolução (SCHWARCZ, 1993).

Diferente do evolucionismo, o modelo social darwinista baseou-se na interpretação poligenista de que os grupos humanos descenderiam de matrizes diversas. Cada matriz corresponderia aspectos raciais distintos. O darwinismo distinguia-se por conceber a miscigenação como a causa de degeneração das

² O termo *perfectibilidade* foi cunhado pelo filósofo iluminista Rousseau no século XVIII (SCHWARCZ, 1993).

populações, pois do encontro racial resultaria um ser doente, mestiço, herdeiro das piores qualidades das raças, condição que inviabilizaria o progresso sócio-cultural de uma nação (SCHWARCZ, 1993).

Esses modelos sociais de origem européia, que teciam explicações sobre os grupos humanos e seus comportamentos, certamente não foram os únicos existentes naquele momento. Todavia, o evolucionismo e o darwinismo sociais foram os que mais influenciaram a sociedade brasileira na época. Aqui, esses modelos podiam ser encontrados em discursos proferidos por estudiosos do direito, da sociedade e da medicina. Exemplo concreto desta apropriação são os discursos construídos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e veiculados pela revista *Brazil Medico*, conforme comenta Schwarcz (1993):

É possível dizer [...] que os modelos deterministas raciais foram bastante populares, em especial no Brasil. Aqui se fez um uso inusitado da teoria original, na medida em que a interpretação darwinista social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogenista (SCHWARCZ, 1993, p. 65).

Assim, ao serem adotados pelos homens de ciência brasileiros, os modelos sócio-raciais foram adaptados às especificidades locais, que tinham na manutenção da escravidão uma das suas principais características.

De certa forma, o médico e redator principal do periódico *A Mãe de Família* fazia uso desses modelos explicativos, já que, inserido na comunidade científica, mantinha vínculos com o discurso construído na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Responsável pela organização do documento *Quarto Suplemento do Catalogo Systemático da Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* (1896), dr. Carlos Costa apresentava-se como “Bibliothecario da mesma faculdade (desde 1880)”.³ Vejamos alguns recortes extraídos do jornal que trazem em si

³ Em sua apresentação consta ainda as seguintes atribuições: “fundador e director do Anuario Medico Brasileiro, Presidente Honorario da Sociedade de Hygiene do Brazil, socio correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa, da Societé Française d'Hygiène, do Circulo Medico Argentino, da Sociedade Medica Argentina, da Sociedade Medica de Porto Alegre, da Sociedade Medica Pharmaceutica de Pernambuco, Delegado no Brasil do 1.º Congresso Medico Pan-Americano, redactor da Revue Médico-Chirurgicale du Brésil, da Tribuna Medica, Medico Effectivo do Hospital da Santa Casa da Misericordia, Vogal Permanente da Commissão Executiva Internacional do 2.º Congresso Medico Pan-Americano, Coronel-Medico Honorário de 1.ª classe, etc., etc.” (*Quarto Suplemento do Catalogo Systemático da Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896). Apesar de toda esta descrição, é preciso ressaltar que nossa intenção não é pesquisar a trajetória de vida do redator principal, dr. Carlos Costa. Antes,

marcas discursivas que nos permitem visualizar o uso dos modelos sociais evolucionista e darwinista adaptados à realidade brasileira:

10. **Um paiz tão novo como o nosso**, que se diz tão adiantado materialmente, **está** entretanto **em uma perigosa marcha para a decadencia physica dos homens** [...]

A felicidade de uma nação depende da aptidão de seus habitantes, não só aos trabalhos intellectuais, como ao trabalho physico e este resultado não se poderá obter se não houver saude [...]

Para esse fim [diffundir os sãos princípios da hygiene] que mais vasto campo poderíamos encontrar do que a Imprensa, esse uberrimo manancial da educação popular, **cujos fructos são** sem duvida, **a verdadeira civilização das nações, constituída pela regeneração do organismo humano?** (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

11. [...] concorrendo com os nossos humildes esforços, para **minorar os males que** em nosso paiz tanto **concorrem para o enfraquecimento da raça e depreciamento da população** (O Amor Materno, M.F., nº.16, ago. 1879 – grifos nossos).

12. [...] santa causa que defendemos: “A Protecção da Infancia e a Educação da Familia, bases para o **progresso e felicidade de nossa Pátria**” (Aos nossos assignantes, M.F., nº.24, dez. 1879 – grifos nossos).

13. E nós, embora **novos na civilização**, já temos muito dos perigosos vicios dos paizes adiantados (Palestra do Medico XLVIII, M.F., nº.24, dez. 1880 – grifos nossos).

14. Custará a crêr, **lá no velho mundo, lá nos paizes em que a civilização é uma realidade**, que tanto é preciso fazer para se procurar o bem alheio! (Palestra do Medico LXXIII, M.F., nº.1, jan. 1882 – grifos nossos).

Ao afirmar que o continente europeu atingira o estágio de “perfectibilidade”, afinal, “lá [...] a civilização é uma realidade” (fragmento 14), o discurso do jornal nega tal condição ao Brasil. E o faz construindo uma imagem corrompida de seu material humano (fragmento 10). O principal elemento de degeneração da população é o escravo. A escravidão representava o atraso da nação e a corrupção dos costumes físicos e morais da sociedade. De acordo com Costa (1979, p. 33), o escravo representava ainda a “anti-norma higiênica”. Frente a essas construções sociais, não é sem motivos que o jornal se fará contrário à presença servil no ambiente

visamos compreender como o periódico *A Mãe de Família* vinculava-se a outros discursos produzidos no meio científico brasileiro daquele ontem.

doméstico, principalmente quando esta ocupa-se da amamentação do recém-nascido. Como veremos no próximo capítulo, por acreditar que o leite negro inocularia mazelas no organismo branco, o jornal trabalhará discursivamente para afastar a ama-de-leite do convívio familiar.

Com vistas a alcançar a “regeneração do organismo humano” e, por conseguinte, a “verdadeira civilização” (fragmento 10),⁴ o discurso médico estabelece normas de conduta físicas e morais a serem seguidas pelas famílias. Conforme observa Costa (1979), a vida privada dos indivíduos foi atrelada ao destino sócio-cultural da nação. Exemplo disto foi a constituição das mulheres em baluartes da sociedade, pois, enquanto mães, elas engendrariam os futuros cidadãos, as futuras gerações do país. Vejamos como o jornal apresenta esse discurso às mulheres:

15. Sincero desejo de ser útil as senhoras de meu paiz e **portanto** á propria Patria (Palestra do Medico XLVIII, M.F., nº.24, dez. 1880 – grifo nosso).

16. Considero a “Mãe” como a primeira e principal educadora; que julgo d’ella depender, a felicidade da familia e **portanto** da Nação (Palestra do Medico XLVIII, M.F., nº.24, dez. 1880 – grifo nosso).

Por intermédio da materialidade lingüística dos fragmentos acima, torna-se possível percebermos o valor atribuído às mulheres-mães: a conjunção “portanto”, introduzindo as orações coordenadas, estabelece uma relação de causalidade entre os termos “útil as senhoras” e “[útil] á propria Patria” (fragmento 15); “felicidade da familia” e “[felicidade] da Nação” (fragmento 16). Desta forma, as mulheres investidas no papel de mãe seriam o núcleo da célula familiar que, perfeitamente conduzida, levaria à civilização e ao progresso de toda a nação.

É importante lembrar que a atribuição da função civilizatória às mulheres-mães não ocorreria sem seu respectivo aprisionamento ao lar. Isto porque é no ambiente doméstico que se dará o cuidado com os filhos.

Por último, corroborando ainda mais os vínculos entre o discurso construído pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o periódico *A Mãe de Família*,

⁴ Em meio ao *corpus* de análise, não encontramos nenhuma menção às teorias de branqueamento da raça. No entanto, destacamos que estas estavam em voga na segunda metade do século XIX e eram expressas como estímulo à migração européia.

listamos alguns títulos de artigos veiculados pelo jornal cujos assuntos se voltavam para a prevenção e para o tratamento de doenças locais:

17. Do Sarampão ou Sarampos (Moléstias das Crianças, M.F., nº.17, set. 1879);
 A Febre Amarella nas Crianças (M.F., nº.4, fev. 1880);
 Bexigas, varioloide ou bexigas doidas e catapóras ou varicella (Moléstia das Crianças, M.F., nº.4, fev. 1881).

A *Mãe de Família* não se vinculava somente à trama discursiva organizada pela instituição científica existente no Rio de Janeiro na segunda metade do Oitocentos. Pelo contrário, mantinha ligações com os sentidos produzidos na França, preferencialmente, aqueles presentes no jornal *La Jeune Mère*, conforme veremos a seguir.

3.2 O discurso do periódico *La Jeune Mère*

A partir de 1880, o periódico *A Mãe de Família* lança uma nova seção intitulada *Revista dos Jornaes Scientificos* (M.F., nº.4, fev. 1880). Tendo como objetivo atualizar as leitoras a respeito das novas formulações médicas e higiênicas produzidas sobre a infância e a maternidade, a seção veicula matérias extraídas de diversos jornais. Dentre estes, observamos a reincidência de publicações estrangeiras. Podemos apontar a publicação alemã *Wocheur*, a inglesa *Sanitarian*; e as francesas *Journal d'Hygiène*, *Journal de Médecine et Chirurgie Pratique*, *Annales d'Hygiène et de Médecine Legale*, *Hygiène de l'Enfance*, *Abeille Médicale*, *La Lancette Telge*, *La Jeune Mère*.

Dentre todos esses títulos, destacava-se o francês *La Jeune Mère*, o qual serviu de modelo para a criação de *A Mãe de Família*, conforme relatado nos recortes discursivos a seguir:

18. A nova publicação que offerecemos ás mãis de familia brasileiras **tem fim identico** ao do jornal do Dr. Brochard que tanta acceitação tem tido em França (M.F., nº.9, maio 1879 – grifos nossos).
19. Transcrevemos aqui um interessante artigo do **nosso mestre** Dr. Brochard, de Paris, o illustre medico que mais serviços tem

prestado á hygiene da infancia e á educação da familia e cujos conselhos procuramos seguir [...] (O Amor Materno, M.F., nº.16, ago. 1879 – grifos nossos).

Como podemos constatar, a França não só ditava as modas e os costumes seguidos pelas mulheres abastadas da Corte, mas também inspirava o discurso médico (re)produzido pelo redator principal do jornal brasileiro. Vejamos de que forma os jornais relacionam-se mediante os sentidos que produzem.

O periódico *La Jeune Mère* foi veiculado entre os anos de 1873 e 1883. Seu redator responsável, o médico André Théodore Brochard (1810 – 1882), estava engajado no movimento a favor da maternidade. Como os demais reformadores sociais de sua época, o médico retornava de maneira incansável a alguns aspectos da teoria rousseuniana da mãe (BADINTER, 1985).⁵

No primeiro número do jornal francês (nov. 1873), encontramos as seguintes seções: “Às minhas leitoras”; “Conversa com o médico: a educação do recém-nascido”; “O berço (higiene)”; “Correspondência da Infância” e “Higiene: o desmame”.⁶ Assinadas pelo dr. Brochard, algumas destas seções encontram equivalentes no interior do periódico *A Mãe de Família*. Como é o caso das seções “Conversa com o médico” (jornal francês) e *Palestra do Medico* (jornal brasileiro).

Para além dos títulos das seções, acreditamos que a influência do periódico *La Jeune Mère* deu-se no aspecto discursivo, ou seja, muitos dos sentidos organizados e veiculados no jornal francês acerca das mulheres e da maternidade foram (re)produzidos ou adaptados para a sociedade carioca em que circulava o periódico *A Mãe de Família*. Conforme comenta dr. Carlos Costa,

20. Muitas das considerações do respeitável medico francez não tem perfeita applicação ás nossas mãis de familia, que ainda não esqueceram [por completo] os sagrados deveres que lhe impoz a natureza; mas infelizmente ha muita verdade aproveitavel, ha muitas descripções que se referem tambem ao nosso paiz (O Amor Materno, M.F., nº.16, ago. 1879).

⁵ Rousseau (1712 – 1778) foi o precursor de uma corrente de pensamento a favor da infância e da maternidade em França durante o século XVIII. Expressos na obra *Émile* (1762), seus ideais continuaram reverberando ao longo do século XIX (BADINTER, 1985).

⁶ Estas seções intitulam-se originalmente: *À mes lectrices*; *Causerie du docteur: l'éducation du nouveau né*; *Le berceau (hygiène)*; *Correspondance d'enfance*; *Hygiène: le sevrage*, respectivamente. Graças ao auxílio do SINDBAD (*Service d' Information des Bibliothécaires à Distance* – BNF) foi possível localizar estas seções. No entanto, não foi possível obter cópias do periódico *La Jeune Mère*.

Apesar de buscarmos aprofundar a comparação entre os discursos de ambos os periódicos, tal aspiração não se concretizou devido às dificuldades em obter cópias de seções que materializassem na língua o discurso francês.

Em contrapartida, podemos confirmar os indícios de que os discursos imagéticos encontrados na publicação brasileira foram, pelo menos em parte, reproduzidos de originais franceses. Assim, ao colocarmos lado a lado algumas páginas extraídas de ambos os jornais (os exemplares estrangeiros estão disponíveis no site do *Institut National de Recherche Pédagogique*), podemos notar algumas semelhanças e, até mesmo, algumas equivalências:

1. Nas figuras 4 e 5, podemos observar que as gravuras que representam o bebê são idênticas. A criança, inclusive, apresenta vestimentas que seguem a moda européia.

Ao procurarmos a assinatura do artista nessas gravuras, percebemos que no original francês (figura 4) consta a letra H (espécie de abreviatura), enquanto na cópia brasileira (figura 5) este sinal de autoria foi encoberto.

2. Apesar de as figuras 6 e 7 não serem iguais – a ilustração francesa (figura 6) representa um menino se alimentando sob o olhar atento de um cão, enquanto a outra, veiculada no jornal brasileiro (figura 7), representa uma menina brincando com os pés na água acompanhada de um cão –, é possível constatar algumas semelhanças entre elas: crianças com rostos arredondados e bochechas salientes; trajés com mangas um pouco bufantes; e cenas cotidianas. Algumas figuras trazem ainda inscrições em francês (M.F., n^o.18, set. 1880, p. 141). Tais características nos levam a supor a procedência francesa das gravuras presentes no jornal brasileiro.

3. É possível percebermos no periódico *A Mãe de Família* a conformação dos padrões gráficos aos moldes da publicação francesa. Comparando-se a diagramação das páginas (figuras 9 e 10), percebemos que ambas constituem-se por colunas de textos separadas por um traço. No cabeçalho, encontramos os títulos dos jornais alinhados de forma centralizada, seguidos pelo número da página localizado no canto externo da folha.

A forma de paginação dos jornais também é a mesma, ou seja, é feita de modo contínuo, em cronologia anual, possibilitando que as leitoras organizassem os números adquiridos em volumes anuais. Cada volume tinha em torno de duzentas a duzentas e cinquenta páginas.



Figura 4. *La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge. Journal illustré de l'enfance.* Capa introdutória à coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (novembro de 1873 a outubro de 1874).
Fonte: <http://www.inrp.fr/mnemo>.

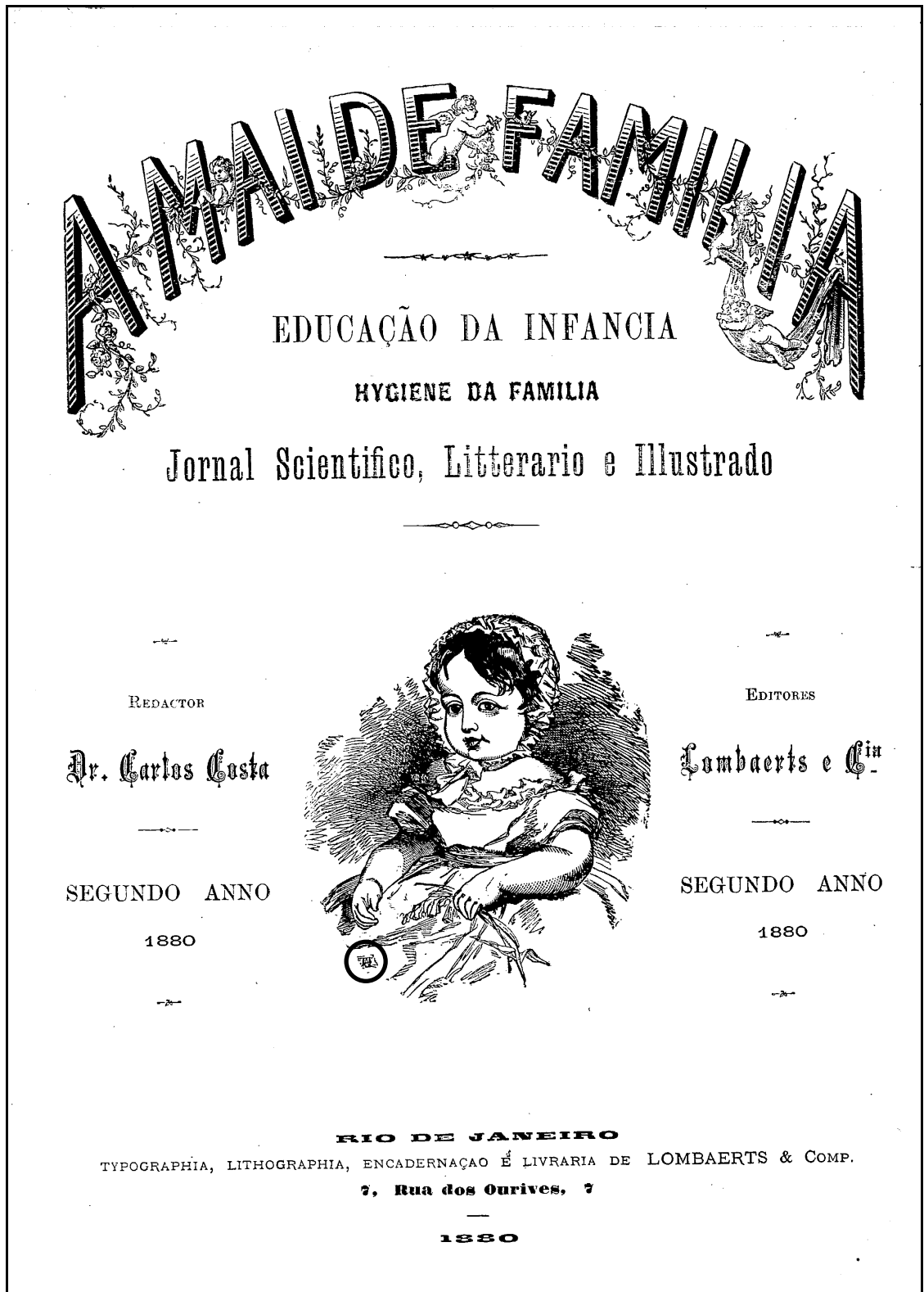


Figura 5. *A Mãe de Família ou Educação da Infancia e Hygiene da Família.*
Jornal Scientifico, Litterario e Illustrado. 1880.
 Capa introdutória à coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal
 (janeiro de 1879 a dezembro de 1879).
 Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

la peur, de la frayeur de l'obscurité, ces passions de l'enfance qui peuvent, plus tard, avoir pour leur santé de graves conséquences. Il faut surtout ne pas en faire de petits phénix en développant outre mesure leur intelligence, en surchargeant leur mémoire de choses qu'ils ne peuvent pas comprendre.

Telles sont les règles à suivre dans l'éducation des enfants. Que les mères n'oublient jamais que plus un homme est resté longtemps enfant, plus il est resté longtemps adolescent, mieux il se porte dans le cours de son existence, et plus tardivement il arrive à la vieillesse.



La tartine.

LES BONNES MÈRES

Je feuilletais, l'autre jour, une Bible splendidement illustrée. Dès les premières pages, une scène me toucha : les flots du déluge universel s'amoncelaient, grossissaient, emportant tout sur leur passage ; au sommet d'un rocher que les eaux n'avaient encore

pu atteindre, était une femme, une mère, à moitié vêtue et toute meurtrie ; il ne lui restait plus qu'un souffle de vie, et ce souffle, elle s'en servait pour élever son enfant au-dessus des eaux et le sauver du gouffre qui allait le dévorer.

Figura 6. *La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge*. *Journal illustré de l'enfance*. Página com gravura extraída da coleção referente ao segundo ano de circulação do jornal (1875).

Fonte: <http://www.inrp.fr/mnemo>.



Figura 7. *A Mãe de Família ou Educação da Infância e Hygiene da Família.*
Jornal Científico, Litterario e Illustrado.
Página com gravura extraída da coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal
(1879).
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

As fontes utilizadas nos jornais são idênticas. Embora mais difícil de compará-las no corpo do texto, ao isolarmos um caractere (letra A maiúscula, por exemplo) percebemos as semelhanças:

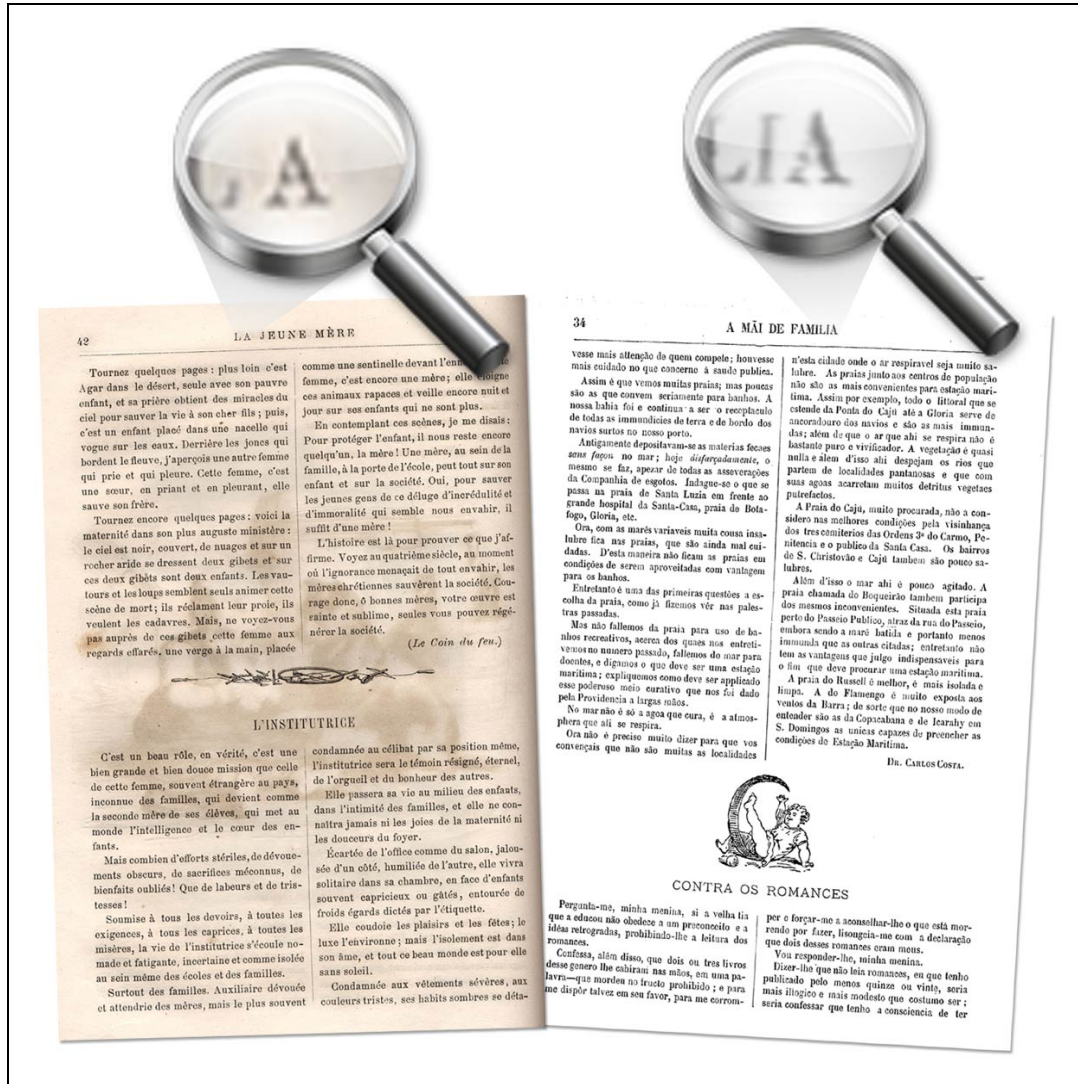


Figura 8. Comparação das fontes utilizadas nos jornais *La Jeune Mère* e *A Mãe de Família*.

Cabe aqui acrescentarmos algumas informações sobre a companhia que realizava o trabalho de impressão do periódico *A Mãe de Família*. De propriedade do belga Jean Baptiste Lombaerts e de seu filho Henri Gustave Lombaerts, a companhia *Lombaerts* pouco editava, realizando, em sua maioria, trabalhos de impressão por encomenda. A sociedade vigorou entre os anos de 1848 e 1904, quando o estabelecimento em que funcionava foi demolido para a construção da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco (HALLEWELL, 1985).

Tournez quelques pages : plus loin c'est Agar dans le désert, seule avec son pauvre enfant, et sa prière obtient des miracles du ciel pour sauver la vie à son cher fils ; puis, c'est un enfant placé dans une nacelle qui vogue sur les eaux. Derrière les joncs qui bordent le fleuve, j'aperçois une autre femme qui prie et qui pleure. Cette femme, c'est une sœur, en priant et en pleurant, elle sauve son frère.

Tournez encore quelques pages : voici la maternité dans son plus auguste ministère : le ciel est noir, couvert, de nuages et sur un rocher aride se dressent deux gibets et sur ces deux gibets sont deux enfants. Les vautours et les loups semblent seuls animer cette scène de mort ; ils réclament leur proie, ils veulent les cadavres. Mais, ne voyez-vous pas auprès de ces gibets cette femme aux regards effarés, une verge à la main, placée

comme une sentinelle devant l'ennemi ? Cette femme, c'est encore une mère ; elle éloigne ces animaux rapaces et veille encore nuit et jour sur ses enfants qui ne sont plus.

En contemplant ces scènes, je me disais : Pour protéger l'enfant, il nous reste encore quelqu'un, la mère ! Une mère, au sein de la famille, à la porte de l'école, peut tout sur son enfant et sur la société. Oui, pour sauver les jeunes gens de ce déluge d'incrédulité et d'immoralité qui semble nous envahir, il suffit d'une mère !

L'histoire est là pour prouver ce que j'affirme. Voyez au quatrième siècle, au moment où l'ignorance menaçait de tout envahir, les mères chrétiennes sauvèrent la société. Courage donc, ô bonnes mères, votre œuvre est sainte et sublime, seules vous pouvez régénérer la société.

(Le Coin du feu.)



L'INSTITUTRICE

C'est un beau rôle, en vérité, c'est une bien grande et bien douce mission que celle de cette femme, souvent étrangère au pays, inconnue des familles, qui devient comme la seconde mère de ses élèves, qui met au monde l'intelligence et le cœur des enfants.

Mais combien d'efforts stériles, de dévouements obscurs, de sacrifices méconnus, de bienfaits oubliés ! Que de labeurs et de tristesses !

Soumise à tous les devoirs, à toutes les exigences, à tous les caprices, à toutes les misères, la vie de l'institutrice s'écoule nomade et fatigante, incertaine et comme isolée au sein même des écoles et des familles.

Surtout des familles. Auxiliaire dévouée et attendrie des mères, mais le plus souvent

condamnée au célibat par sa position même, l'institutrice sera le témoin résigné, éternel, de l'orgueil et du bonheur des autres.

Elle passera sa vie au milieu des enfants, dans l'intimité des familles, et elle ne connaîtra jamais ni les joies de la maternité ni les douceurs du foyer.

Écartée de l'office comme du salon, jaloussée d'un côté, humiliée de l'autre, elle vivra solitaire dans sa chambre, en face d'enfants souvent capricieux ou gâtés, entourée de froids égards dictés par l'étiquette.

Elle coudoie les plaisirs et les fêtes ; le luxe l'environne ; mais l'isolement est dans son âme, et tout ce beau monde est pour elle sans soleil.

Condamnée aux vêtements sévères, aux couleurs tristes, ses habits sombres se déta-

Figura 9. *La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge. Journal illustré de l'enfance.* Página extraída da coleção referente ao segundo ano de circulação do jornal (1875).
Fonte: <http://www.inrp.fr/mnemo>.

vesse mais atenção de quem compete; houvesse mais cuidado no que concerne à saúde pública.

Assim é que vemos muitas praias; mas poucas são as que convem seriamente para banhos. A nossa bahia foi e continua a ser o receptaculo de todas as immundicies de terra e de bordo dos navios surtos no nosso porto.

Antigamente depositavam-se as materias feccas *sans façon* no mar; hoje *disfarçadamente*, o mesmo se faz, apezar de todas as asseverações da Companhia de esgotos. Indague-se o que se passa na praia de Santa Luzia em frente ao grande hospital da Santa-Casa, praia de Botafogo, Gloria, etc.

Ora, com as marés variaveis muita cousa insalubre fica nas praias, que são ainda mal cuidadas. D'esta maneira não ficam as praias em condições de serem aproveitadas com vantagem para os banhos.

Entretanto é uma das primeiras questões a escolha da praia, como já fizemos vêr nas palestras passadas.

Mas não fallemos da praia para uso de banhos recreativos, acerca dos quaes nos entretivemos no numero passado, fallemos do mar para doentes, e digamos o que deve ser uma estação marítima; expliquemos como deve ser applicado esse poderoso meio curativo que nos foi dado pela Providencia a largas mãos.

No mar não é só a agoa que cura, é a atmosphera que ali se respira.

Ora não é preciso muito dizer para que vos convençais que não são muitas as localidades

n'esta cidade onde o ar respiravel seja muito salubre. As praias junto aos centros de população não são as mais convenientes para estação marítima. Assim por exemplo, todo o littoral que se estende da Ponta do Cajú até a Gloria serve de ancoradouro dos navios e são as mais immundas; além de que o ar que ahi se respira não é bastante puro e vivificador. A vegetação é quasi nulla e além d'isso ahi despejam os rios que partem de localidades pantanosas e que com suas agoas acarretam muitos detritus vegetaes putrefactos.

A Praia do Cajú, muito procurada, não a considero nas melhores condições pela vizinhança dos tres cemiterios das Ordens 3^a do Carmo, Penitencia e o publico da Santa Casa. Os bairros de S. Christovão e Cajú tambem são pouco salubres.

Além d'isso o mar ahi é pouco agitado. A praia chamada do Boqueirão tambem participa dos mesmos inconvenientes. Situada esta praia perto do Passeio Publico, atraz da rua do Passeio, embora sendo a maré batida e portanto menos immunda que as outras citadas; entretanto não tem as vantagens que julgo indispensaveis para o fim que deve procurar uma estação marítima.

A praia do Russell é melhor, é mais isolada e limpa. A do Flamengo é muito exposta aos ventos da Barra; de sorte que no nosso modo de entender são as da Copacabana e de Icarahy em S. Domingos as unicas capazes de preencher as condições de Estação Marítima.

DR. CARLOS COSTA.



CONTRA OS ROMANCES

Pergunta-me, minha menina, si a velha tia que a educou não obedece a um preconceito e a idéas retrogradadas, prohibindo-lhe a leitura dos romances.

Confessa, além disso, que dois ou tres livros desse genero lhe cahiram nas mãos, em uma palavra—que mordeu no fructo prohibido; e para me dispôr talvez em seu favor, para me corrom-

per e forçar-me a aconselhar-lhe o que está morrendo por fazer, lisongeia-me com a declaração que dois desses romances eram meus.

Vou responder-lhe, minha menina.

Dizer-lhe que não leia romances, eu que tenho publicado pelo menos quinze ou vinte, seria mais illogico e mais modesto que costume ser; seria confessar que tenho a consciencia de ter

Figura 10. *A Mãe de Família ou Educação da Infancia e Hygiene da Família.*
Jornal Scientifico, Litterario e Illustrado. 1879.

Página extraída da coleção referente ao primeiro ano de circulação do jornal (1879).

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Mediante tudo que foi desenvolvido neste capítulo, fica evidente o predomínio do processo parafrástico (de produtividade) sobre o processo de criação no espaço discursivo do periódico *A Mãe de Família*.

[...] Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. [...] Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem assim sentidos diferentes (ORLANDI, 2005, p. 37).

Baseando-nos na citação de Orlandi (2005), entendemos que o jornal reitera o “já dito” em outro(s) discurso(s) por intermédio de paráfrases. Ao vincular-se às tramas da formação discursiva científica presente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ao periódico francês *La Jeune Mère*, o sujeito tem o trabalho de deslocar sentidos sobre as mulheres e sobre a maternidade, (re)produzindo-os ou adaptando-os conforme o caso. Vejamos no capítulo a seguir como se deu este processo de significação ao analisarmos o discurso encontrado nas seções *Palestra do Medico* e *A Educação da Mulher*.

Capítulo 4

A transformação das mulheres em mães: (re)produção de sentidos no periódico *A Mãe de Família*

“Ela recebeu da natureza a tripla e sublime missão de conceber, de pôr no mundo e criar o gênero humano. Convém, pois esquecer as lacunas do seu caráter, as perfídias das suas seduções, as imperfeições da sua natureza, e não lembrar senão esse fato que é como que a razão do seu ser”
(Significado do verbete *mãe* segundo o *Grand Dictionnaire Larousse* do final do século XIX, apud Maluf; Mott, 1998)

Neste capítulo, buscamos compreender os sentidos (re)produzidos sobre a maternidade presentes no discurso veiculado pelo periódico *A Mãe de Família*. Em meados do século XIX brasileiro, uma nova imagem começava a ser delineada em torno das mulheres. Os reformadores sociais, dentre os quais destacamos os médicos e higienistas, colocavam em circulação um modelo ideal feminino caracterizado como dona-de-casa responsável, esposa companheira e, principalmente, mãe de família dedicada. E pretendiam estabelecê-lo utilizando como respaldo o discurso da ciência, da natureza e da religião.

Vejamos como o discurso do jornal organiza os papéis sociais de mulheres e homens mediante a mobilização da categoria gênero na análise discursiva das seções *Palestra do Medico*, *A Educação da Mulher* e *Variedade*, presentes no jornal.

4.1 Organizando o discurso

Na fala introdutória ao primeiro número do jornal, o sujeito posicionado como redator principal esclarece as razões que impulsionaram a criação d' *A Mãe de Família*, como podemos observar a partir do seguinte recorte discursivo:

21. Um paiz tão novo como o nosso, que se diz tão adiantado materialmente, está entretanto em uma perigosa marcha para a decadencia physica dos homens.

Estão elles quasi aniquilados no physico como no moral, fatal consequencia.

É triste dizer-se, mas é certo, sob o ardente sol intertropical em uma terra onde a Nature a derramou a grandeza e a opulencia são sómente mãos os homens (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879).¹

Apesar da grandiosidade material e natural do país, o redator afirma que a nação estaria com seu futuro comprometido já que sua população padecia de males físicos – referentes à saúde – e morais – referentes à educação, à conduta pessoal. Conforme observa Sonia Maria Giacomini (1985), essa “fraqueza da constituição” dos homens estaria relacionada aos cuidados impróprios dispensados às crianças, enquanto “vir a ser homem”, ou melhor, “vir a ser cidadão”. Prosseguindo com a explicação, o redator acrescenta:

22. Mas o mal de onde vem? **Desde o berço minhas senhoras.** É esquecida, abandonada ou melhor ignorada a maneira de formar-se o homem, não cuidando-se seriamente da criança (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

Após detectar a origem dos problemas, isto é, “desde o berço”, o jornal tentará intervir nas famílias, especificamente junto às mulheres a quem se dirige de forma direta ao chamá-las pelo vocativo “minhas senhoras”. A criança é, portanto, o marco referencial a partir do qual será construído o discurso.

23. **A criança** quer seja nascida entre o damasco e a sêda, quer seja oriunda dos desprotegidos da sorte; quer tenha visto a luz entre as douradas parêdes de um palacio ou entre os cafesaes de uma fazenda, na maior parte das vezes **é entregue aos caprichos da natureza** que nem sempre é previdente... (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

Na materialidade da língua, mais especificamente, na sintaxe verbal expressa na voz passiva da oração “[a criança] é entregue aos caprichos da natureza”, fica claro que as crianças não aparecem como sujeitos ativos; pelo contrário, são objetos sobre os quais incidem as ações de outras pessoas, neste caso, das mães. O

¹ Vale lembrar que optamos por reproduzir a grafia encontrada no jornal, como sublinhamos na página 3.

redator principal continua sua argumentação, voltando-se para as mulheres, conforme destacado no recorte discursivo a seguir:

24. As mulheres em nosso paiz não cumprem tanto quanto deviam os **sagrados deveres de mães** ...

Uma por vaidade, outras por pobreza e finalmente muitas por desculpada ignorancia não cumprem a sua **missão sublime, a unica que lhes foi confiada**, a da **Maternidade!** (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

Às mulheres é associada uma *essência materna* manifesta por intermédio das construções “sagrados deveres de mães”, “missão sublime” e “a única que lhes foi confiada”. Esse discurso externado pelo redator principal reflete o consenso masculino acerca do principal papel feminino naquela sociedade: a maternidade – não por acaso vocábulo grafado no jornal com letra maiúscula!

Apesar de possuírem uma *essência materna*, as mulheres brasileiras, no entender do redator, não seriam verdadeiramente boas mães. A vaidade, a pobreza e a ignorância impediriam o florescer das qualidades maternais. Em particular, o vocábulo “ignorancia” não diz respeito somente à educação, à aquisição das letras, vai mais além: refere-se à falta de conhecimentos médicos e higiênicos imprescindíveis ao bem-estar das crianças. Delineia-se, então, o objetivo do jornal *A Mãe de Família*:

25. [...] se procurará **ensinar** tudo quanto se liga à Educação physica da criança, **mostrar**, baseados na experimentação e na prática de todos os homens de sciencia, o caminho errado que seguem em geral para o fim almejado, tudo fazer para **convencer** dos inconvenientes de prejuízos e erros aceitos pelas senhoras, etc., será cumprir um dever (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

A partir deste ponto, Carlos Costa movimenta-se entre a posição de sujeito-redator e a posição de sujeito-médico no espaço discursivo do jornal. Este deslocamento de mão dupla pode ser percebido no decorrer de toda a publicação. Também é importante ressaltar as diferenças entre o sujeito discursivo e o sujeito empírico: enquanto o primeiro é múltiplo, podendo ocupar diversas posições enunciativas, o segundo é individual, podendo ser exemplificado na pessoa de Carlos Costa.

Ainda de acordo com o fragmento 25, percebemos no discurso do médico um cunho pedagógico, identificado por meio dos verbos “ensinar”, “mostrar” e “convencer”, que intenta normatizar as atividades feminino-maternas no interior dos lares. Elencamos algumas orações nas quais percebemos a reincidência dos mesmos verbos:

26. “**ensinar** tudo quanto se liga á Educação physica da criança”;
 “**convencer** dos inconvenientes de prejuizos e erros”;
 “pensamos que já **temos convencido** ás nossas estimadas leitoras”;
 “**procurar convencer** algumas senhoras de afastarem-se do máo caminho”;
 “muito tendes que **aprender** para que eduqueis convenientemente os vossos filhos”;
 “**aconselhar** ou antes **repetir** o que temos aconselhado”;
 “com effeito, não cessarei de **repetir** que”;
 “assim pois **insistindo** direi”;
 “**procurar convencer** de que”;
 “apresentar uma norma de conducta que **devem observar**”.

Este discurso pedagógico e normatizador que incide sobre as mulheres só é possível porque, na posição discursiva de médico, o sujeito articula um conhecimento científico que respalda, dá autoridade e confere poder à sua fala. Na relação de forças estabelecida entre o médico e as leitoras, aquele sai ganhando.

Para legitimar ainda mais sua fala e dar-lhe mais credibilidade, o médico desqualifica o(s) discurso(s) do(s) outro(s). Baseando-nos em Mariani (1998, p.118), podemos acrescentar que a adjetivação, a ironia, entre outras formas lingüísticas, funcionam discursivamente de modo a silenciar a fala indesejada e, simultaneamente, amparar a formação discursiva defendida. A princípio, o médico se detém no combate aos curandeiros. Para tanto, inabilita suas práticas tão populares entre as camadas pobres das cidades. Utiliza os termos “beocios” e “fanáticos” para qualificar de forma pejorativa aquelas pessoas que recorriam a esse tipo de tratamento e a expressão “illusorio allivio a seus soffrimentos” para marcar a ineficácia desses procedimentos que não possuíam o respaldo da ciência, conforme podemos observar no recorte discursivo a seguir:

27. [...] Ninguém manda fazer sapatos a um funileiro ou calças a um espingardeiro; mas não há quem não se julgue com direito de aconselhar medicamentos, discutir questões de medicina, criticar os actos do medico, analysar os preparados do pharmaceutico, etc., etc. É igualmente sabido, que para os lados de Nictheroy existe um

caboclo, que affronta todas as leis de nossas corporações sanitárias, e a torto e a direito, receita para uma infinidade de **beocios** e **fanáticos** que lá vão, a despeito de todos os incommodos e sacrifícios buscar **illusorio allivio a seus soffrimentos** (Moléstias das Crianças, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

Também se coloca contra as parteiras leigas, por vezes chamadas de “comadres” devido à proximidade entre estas e as parturientes. A partir de meados do Oitocentos, as comadres passaram a ser alvo do descrédito da comunidade médica. Além disso, sofreram a concorrência de profissionais diplomadas – estrangeiras e brasileiras – e ainda de médicos cirurgiões que reivindicavam para si a prática da obstetrícia (MOTT, 2006). Como podemos notar no recorte discursivo a seguir, o jornal defende a atuação dos “homens da sciencia” em oposição à atuação das “comadres”:

28. [...] sois vós, mãis de familia, quem deveis infligil-o, desprezando os pedantes e os conselhos até das **comadres mexiriqueiras** e procurando sempre as prudentes admoestações dos **homens da sciencia** (Moléstia das Crianças, M.F., nº.1, jan. 1879 – grifos nossos).

Trabalhando discursivamente para substituir a figura feminina pela figura masculina na assistência à parturiente, o médico também reproduz fragmentos do texto intitulado *Tratado de Partos* de autoria do dr. Vicente Sabóia, um dos diretores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Palestra do Medico LIV, M.F., nº.7, abr. 1881).

De forma a reiterar a desqualificação das comadres, o médico lhes atrela alguns predicativos cujos sentidos são sempre-já negativos. Senão, vejamos: as “comadres” são “mexiriqueiras”, são “aventureiras”, são “mulheres praticas”, são as “que tudo ignoram” (Palestra do Medico LIII, M.F., nº.6., mar. 1881). Corroborando ainda mais para denegrir a imagem dessas mulheres, o médico as situa como sujeitos ativos de ações mal acabadas, conforme podemos observar na sintaxe do fragmento a seguir:

29. [comadres] que **não sabem fazer** o mais leve exame, que **não podem dizer** a posição ou apresentação do feto, que **deixarão passar** desapercibidos phenomenos serios, que mais tarde terão de complicar o ‘trabalho de parto’, que enfim absolutamente **não deveriam exercer** tão serio encargo e **tomar** tão grave

responsabilidade (Palestra do Medico LIII, M.F., nº.6, mar. 1881 – grifos nossos).

Em contrapartida, observamos a constante valorização da figura do médico. Para tanto, é notória a recorrência à formação discursiva religiosa que, ao perpassar todo o discurso do jornal, justifica a atuação dos médicos na família e na sociedade. Eles seriam “aquelles que receberam de Deus o unico verdadeiro signal de superioridade” (Palestra do Medico, VIII, M.F., nº.8, abr. 1879) e a eles “incumbe o elevado encargo de cuidar da saude publica, cabe a sublime missão de aconselhar” (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879). A função médica seria, assim, quase um sacerdócio.

30. Aquelles, que se incumbiram da grave e elevada missão de curar de seus semelhantes, deverão ser incansáveis em empregar todos os meios para que sejam vulgarizados todos os conselhos que tiverem por fim mostrar os males que nos cercam para que elles sejam provenientes [sic] antes de remediados (Apresentação, M.F., nº.1, jan. 1879).

É válido ressaltar que o dr. Carlos Costa não está só nesse empreendimento. Outros médicos e higienistas, alguns farmacêuticos, bem como alguns escritores assinam seções específicas do jornal, que é também constituído por traduções de periódicos europeus, destacando-se o francês *La Jeune Mère*, organizado pelo dr. Brochard. No entanto, fica aparente que o sujeito na posição de redator principal comanda a unidade discursiva do jornal ao selecionar o que será publicado (MARIANI, 1998).

Baseando-nos no discurso construído nas páginas do jornal *A Mãe de Família*, especificamente nas seções *Palestra do Medico* e *A Educação da Mulher*, procuramos compreender os sentidos (re)produzidos em torno da maternidade.

4.2 Moldando mulheres para a maternidade

Ao observarmos a gravura que se segue – na qual uma mulher é representada juntamente com duas crianças, a mais nova em seus braços e a mais velha mostrando-lhe um papel –, percebemos que os sentidos que dela transbordam caracterizam as mulheres-mães como cuidadoras e educadoras.



Figura 11. Gravura representando o ideal higiênico de mãe de família.
A Mãe de Família, n.º.1, jan. 1879.
 Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Esta gravura foi veiculada na primeira página de todas as edições do periódico. Mesmo após a mudança que nele ocorreu no ano de 1884, quando houve a alteração de seu subtítulo de *Jornal Científico, Litterario e Illustrado* para *Jornal Científico e Litterario* e a conseqüente remoção das demais gravuras de suas páginas.

Baseando-nos na figura 11, podemos fazer duas considerações: devido à sua repetição em todas as edições, a gravura torna-se um modelo, um estereótipo de mãe a ser seguido pelas leitoras e, também, ancora-se com maior facilidade na memória das mulheres, lembrando-as das principais atividades maternas, segundo a concepção do jornal.

Ao conciliarmos a gravura (um discurso imagético) com o discurso verbal, percebemos que a característica de cuidadora das mães seria expressa no ato de amamentar os filhos. Vejamos como foi conduzido o discurso sobre a amamentação.

4.2.1 Amamentação

Extremamente incentivado no discurso do jornal, o ato de aleitar expressaria todo o amor das mulheres-mães por seus filhos. Observemos o recorte discursivo a seguir:

31. Se a mulher nasceu para ser mãe; se durante nove mezes elle [sic] reparte seu sangue com o **embryão**; depois com o **feto** e mais tarde com o **filho**, porque não continuará ella a dar-lhe esse mesmo

sangue que a natureza transformou em um líquido, contido em seus seios **sob o nome de leite?!...** (Palestra do Medico VIII, M.F., nº.8, abr. 1879 – grifos nossos).

O sujeito-médico constrói e ordena o discurso de maneira cronológica. Parte do momento da concepção, passando pelas fases de formação da criança – “embrião” e “feto” – para, finalmente, culminar no nascimento – “filho”. Em todas as etapas está expressa a noção de provimento, de alimentação por intermédio da mãe: sangue que se transforma em leite.

A formulação médica sobre a origem do leite materno remete à Antigüidade e reproduz as antigas idéias fisiológicas acerca do corpo feminino. Conforme explica Agnès Fine (2003, p. 65 – 66), “segundo Aristóteles, durante a gravidez, a criança se alimenta do sangue da mãe, que ‘para’ de descer; depois, no momento do parto, o leite é produzido a partir do sangue menstrual da mulher. [...] Assim, em vez de ‘descer’ ou ficar no útero para nutrir o embrião, o sangue menstrual sobe aos seios, onde sofre uma elaboração que o cozinha e embranquece”. Esta explicação dá suporte às recomendações médicas de prolongado resguardo após o parto. Caso a mulher engravidasse novamente, teria seu leite enfraquecido, ou até mesmo envenenado, pois, de acordo com a dinâmica dos fluidos, o sangue que nutre seria repartido entre o embrião e o recém-nascido que amamenta.

32. Se a ovelha, a cabra e outros animaes o fazem, sem que ninguém lhes tivesse aconselhado, porque será preciso que se diga á mulher, que tem **a felicidade de possuir uma intelligencia**: ‘não serás verdadeiramente mãe, sem que alleites teu filho?’ (Palestra do Medico VIII, M.F., nº.8, abr. 1879 – grifos nossos).

A partir do fragmento acima, percebemos que o médico aconselha as mães a seguirem os exemplos encontrados na natureza. Badinter (1985) afirma que esta estratégia era muito utilizada pelos reformadores sociais franceses² – entre estes, podemos citar o dr. Brochard. A autora acredita que o culto à natureza devia-se à determinação dos animais em seguir seus instintos naturais, principalmente no que diz respeito à alimentação de seus filhotes.

² Badinter (1985, p. 182 – 192) acrescenta que exemplos da vida selvagem e da Antigüidade também eram recorrentes entre os moralistas franceses. A seu ver, este retorno ao passado significava mais um desapontamento com a sociedade da época (finais do século XVIII e início do século XIX) do que uma admiração pelos costumes daqueles povos e civilizações.

Ao comparar as mulheres a outros mamíferos, tais como ovelhas e cabras, o médico preconiza a amamentação como uma prática natural do sexo feminino – fato que realmente se comprova. Por analogia, o médico pressupõe que a maternagem seria um sentimento inerente a todas as fêmeas – o que nem sempre se observa.

Assim, o médico veicula artigos que sustentam o pressuposto de que todas as fêmeas – sem distinção entre espécies – vivenciariam o sentimento do amor materno ou o instinto maternal. Vejamos os títulos que seguem, elucidando o conteúdo desses artigos:

- 33. O amor materno dos insectos – os hymenópteros (M.F., nº.2, jan. 1880);
- O amor materno dos insectos – as formigas criadeiras (M.F., nº.3, fev. 1880);
- O amor materno dos insectos – peixes (M.F., nº.7, abr. 1880);
- O amor materno nos cetaceos (M.F., nº.9, maio 1880);
- O amor materno das aves (M.F., nº.11, jun. 1880);
- O amor materno das andorinhas (M.F., nº.4, fev. 1881);
- O amor materno da vibora (M.F., nº.7, abr. 1881).

Após observarem os exemplos dados pela natureza – a maternidade nas aves, nos insetos, nos peixes e nos anfíbios – e tendo “a felicidade de possuir uma intelligencia” (fragmento 32), por que as mulheres ainda se negariam a expressar todo o amor materno por intermédio do aleitamento de seus filhos?, indaga o sujeito.

Ao buscarmos compreender a resposta médica desenvolvida nas páginas do jornal, percebemos que o sujeito organiza seu discurso a partir da seguinte **estrutura retórica**:

Problema + Conselho + Ameaça = Ação positiva das leitoras

Onde:

“Problema” = o modo errôneo de tratar o corpo e a moral; as práticas comumente adotadas pelas leitoras;

“Conselho” = os preceitos médicos e higiênicos corretos;

“Ameaça” = as más conseqüências advindas da não observância dos conselhos higiênicos;

“Ação positiva” = a adequação dos hábitos das leitoras aos conselhos higiênicos veiculados (ressaltamos que não é possível observar esta mudança nos limites desta pesquisa, já que as vozes das mulheres não aparecem nas páginas do jornal).

Essa estrutura retórica é válida em outros momentos do discurso, conforme veremos mais adiante, ao tratarmos da criação das meninas para a maternidade. Trabalhando com seus elementos, é possível organizar um quadro demonstrativo e, também, compreender a resposta médica à pergunta delineada acima – por que as mulheres se negariam a aleitar seus filhos?.

Quadro 4: Estrutura retórica relativa ao aleitamento.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>“Em geral, em nossa terra, todos pensam saber muito e abandonam, por julgarem inúteis, cousas muito importantes” (Palestra do Medico VIII, M.F., n.º.8, abr. 1879).</p>		<p>“Custam-lhes muitas lagrimas, muitas dores ao verem seus filhos succumbirem entre as mãos estranhas das amas mercenárias” (Palestra do Medico IX, M.F., n.º.9, maio 1879).</p>
<p>“Entretanto, a negligencia, o egoísmo, a indolência, a servil submissão ás etiquetas sociaes, a vaidade e o luxo impedem ás mãis de cumprirem o sacrosanto dever que lhes é imposto pela natureza” (Palestra do Medico IX, M.F., n.º.9, maio 1879).</p>	<p>“[...] não serás verdadeiramente mãe, sem que alleites teu filho” (Palestra do Medico VIII, M.F., n.º.8, abr. 1879).</p>	<p>“Outrosim é facto averiguado por grande numero de especialistas de moléstias uterinas, que estas tem augmentado em proporção com a diminuição do aleitamento. O grande número de casos de diversas affecções uterinas, também encontra como causa a suspensão ou desaparecimento brusco da secreção do leite” (Palestra do Medico IX, M.F., n.º.9, maio 1879).</p>
<p>“Sabem, Vv. Eexs., que o sempre condemnavel collete, com a sua incalculável constrictão, até disforma os seios, cuja conformação é absolutamente necessária para a perfeita succção pela criança; essa constrictão poderá mesmo impedir a secreção láctea” (Palestra do Medico IX, M.F., n.º.9, maio 1879).</p>		<p>“Vem a proposito dizer que segundo observações de muitos gynecologistas as senhoras que amamentam estão menos sujeitas a soffrimentos uterinos” (Palestra do Medico LXV, M.F., n.º.17, set. 1881).</p>
<p>“É também causa de tornarem-se as mãis impróprias para a amamentação, a falta da alimentação sufficiente” (Palestra do Medico IX, M.F., n.º.9, maio 1879).</p>		

Fonte: Palestra do Medico. In: *A Mãe de Família*. Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia, 1879; 1881. Os grifos em negrito são nossos.

A partir da observação do quadro acima, em especial da coluna “problema”, encontramos vários obstáculos que inviabilizariam o aleitamento materno. São eles: “negligencia”, “egoísmo”, “indolência”, “servil submissão às etiquetas sociais”, “ vaidade” e “luxo”. Na concepção do sujeito, esses empecilhos ao aleitamento se manifestavam pelo hábito de as mulheres abastadas vestirem coletes apertados e se alimentarem mal, seguindo, assim, os ditames da sociedade francesa que influenciava o país na época. Esse fato se tornava ainda mais grave durante o período da gestação, pois, da inapropriação do vestuário decorreria a deformação dos seios, podendo até mesmo, “impedir a secreção láctea”. Por outro lado, a dieta inadequada teria efeitos negativos sobre a qualidade do leite materno. É importante ressaltar como esses empecilhos ao aleitamento relacionavam-se aos hábitos e modismos sociais seguidos pelas mulheres. Em outras palavras, a obediência a modismos sociais prejudicaria o principal papel feminino, ou seja, prejudicaria o *ser mãe*.

Ainda de acordo com o mesmo quadro, encontramos ameaças àquelas que persistissem no fato de não aleitar seus filhos. Essas ameaças estariam atreladas à saúde do corpo feminino. As mulheres correriam o risco de sofrer com doenças ovário-uterinas. Por considerar os órgãos do aparelho reprodutor feminino intrinsecamente ligados ao sistema nervoso central, o discurso médico ainda deixava implícita a ameaça de doenças como a histeria. Tendo em mente o contexto histórico do Oitocentos, em que a expectativa de vida para ambos os sexos permanecia baixa e a estimativa de mortes decorrentes do período de gestação e de pós-parto era elevada (ALENCASTRO, 1997b),³ as intimidações médicas e higiênicas talvez tenham induzido leitoras a mudar de hábitos.

Diante da árdua tarefa de convencer as mulheres a amamentarem seus filhos, o sujeito mobiliza um novo argumento: afirma que as crianças recém-nascidas que fossem nutridas com o leite materno teriam vantagens e benefícios sobre as demais, nutridas com o leite das amas. Neste sentido, o benefício se daria tanto no que diz respeito ao físico – a criança seria mais saudável –, quanto ao moral – herdaria as virtudes da mãe. Sob esses aspectos, devemos observar a seguinte explicação:

³ Alencastro (1997b, p. 71) enumera alguns cultos religiosos ligados à proteção do parto – tais como, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Luz e Nossa Senhora da Glória – e explica que por seu intermédio podemos entrever o temor feminino frente ao risco de morte no período da gestação e no momento do parto. Confirmando tal risco, o autor afirma ainda que as normas canônicas que vigoraram na Colônia e no Império determinavam a confissão obrigatória em três momentos distintos da vida: na extrema-unção, na Quaresma e antes do parto.

34. [...] é facto, de cuja exactidão estou convencido, que as crianças adquirem o gênio, o character das mãis ou das amas, desde os primeiros tempos da vida. Desde essa idade convém ser educado o homem, que é tão fácil em adquirir tudo quanto é máo.

Entregam-se com toda a liberdade as crianças às **amas, negras africanas, estúpidas, cheias de vícios**, sem carinho, etc., o que faz que as crianças facilmente adquiram esses vícios, tornam-se impertinentes, etc., etc (Palestra do Medico IX, M.F., nº.9, 1879 – grifos nossos).

Objetivando distanciar as amas-de-leite dos recém-nascidos, o sujeito as representa no discurso como pessoas *doentes* – vale lembrar aqui que a escravidão era concebida como *cancro social* que retardava a marcha rumo ao progresso e à civilização do país. Vejamos o deslocamento de sentidos em torno do termo amas-de-leite que permite classificá-las como doentes: “amas” = “negras africanas” = “estúpidas” = “cheias de vícios”. Os vícios morais e as doenças físicas estariam atrelados à *raça negra* e seriam extremamente *contagiosos*. Fundamentado neste discurso, o leite das amas é desqualificado sob a alegação de que por seu intermédio mazelas como a sífilis e a tuberculose seriam inoculadas às crianças em formação.

Chegamos, assim, à finalidade mais importante da amamentação materna, qual seja, excluir definitivamente da esfera familiar a escrava, mucama ou ama-de-leite, pois esta se localizava entre a mãe e os filhos, isto é, era empecilho para a total transformação das mulheres abonadas em mães.

No entanto, havia uma certa contradição em meio à formação discursiva científica presente no jornal: se o sujeito trabalha discursivamente para que a amamentação seja feita pelas próprias mães, por que incentiva o exame clínico das amas?. No artigo intitulado *Exame de Amas de Leite* (M.F., nº.9, maio 1881), o médico exaltava a iniciativa particular do cidadão Rodolpho de Souza Pinto que abrisse um escritório para o exame das amas, sob a responsabilidade dos médicos dr. Moncorvo de Figueredo e dr. Silva Araújo. Paralelamente, lamentava o fracasso da *Associação do Saneamento da Capital do Império* e denunciava a administração pública local pela ausência de leis que obrigassem o exame regular das amas-de-leite.

Entendemos que, embora empenhado em aproximar mães e filhos no momento da amamentação, o discurso do sujeito variava conforme o caso hipotético em questão. Assim sendo, para as mães que encontravam dificuldades em

amamentar, seja por alguma fraqueza física, ou pela ausência de secreção, o médico aconselhava o recurso às amas-de-leite. “[...] n’esse caso o único meio, o único, atendei bem, de salvardes vossos filhos é dar lhes uma ama”, alertava dr. Carlos Costa (Palestra do Medico XIII, M.F., nº.13, jul. 1879). Nesses casos, desejava-se preservar a vida do lactente a qualquer custo e o leite das amas era o último recurso disponível.⁴ Por isso, sobre elas deveria incidir uma vigilância constante e um exame clínico periódico. Nestas circunstâncias, o leite mercenário não era desqualificado, pelo contrário, o médico parecia “esquecer-se dos perigos” que o líquido representava.

35. [...] pelo estado do filho se poderia ajuizar da qualidade do leite. Assim é, mas antes de tudo deverei vos dizer que **é extremamente inconveniente** para o bem estar de vossos filhos e o vosso socego **alugardes ama com filho.**

Bem compreendeis quando difficil é a posição da mulher que tem de repartir seu leite com o filho de outra! (Palestra do Medico XI, M.F., nº.11, jun. 1879 – grifos nossos).

Observamos que o conselho dado no recorte discursivo acima, isto é, “é extremamente inconveniente [...] alugardes ama com filho”, leva à negação da maternidade às escravas. Em outras palavras, o modelo ideal de maternidade apregoadado no discurso do jornal caberia somente às mulheres das camadas elevadas da população. Atestando, assim, que certos parâmetros como raça e grupo sócio-econômico devem ser tomados em consideração na análise das construções dos gêneros.

Parafraseando as recomendações médicas presentes no fragmento 35 temos: para melhor atender o filho de outra mulher, é indicado que a ama não possua seus próprios filhos. Isto poderia ocorrer em duas hipóteses: se o senhor vendesse as crianças ainda pequenas, ou, então, se elas viessem a falecer. Neste último caso, podemos pensar em algumas razões cabíveis para a morte das crianças: causa

⁴ Ressaltamos que a amamentação artificial feita com leite de vaca era pouco divulgada nas páginas do jornal durante o período estudado. Apesar de ser o alimento que mais se assemelhava ao leite materno na época, o médico não o recomendava com frequência, visto que o estado de higiene em que os animais eram criados e que a ordenha era feita levantavam questionamentos.

Já a amamentação artificial em que eram utilizados o leite condensado e a farinha láctea começava a ser divulgada no Rio de Janeiro em meados do Oitocentos. Na seção de anúncios do periódico *A Mãe de Família* encontra-se a seguinte propaganda: “A farinha láctea e o leite condensado de Nestlé, premiados na exposição de Paris, inutilizam hoje em dia todas as amas de leite alugadas./Um folheto sobre a nutrição das crianças de peito acompanha cada lata deste excellente alimento. /Vende-se em casa de Filippone, à rua do Ouvidor n. 93. /N.B. – Todas as muitas latas expedidas para o Brazil têm o rotulo em portuguez” (M.F., nº.5, mar. 1879).

natural, maus tratos e, ainda, infanticídio. Visto por esse ângulo, a ausência de filhos não garantiria necessariamente uma boa ama-de-leite. Provavelmente, advém daí as demais recomendações que seguem:

36. [...] de vossa parte deverá haver toda a vigilância.

A ama não deverá ser arredada um só instante, se for possível, de vosso lado [...] deveis obrigar as amas ao mais **escrupuloso** aceio e que no quarto em que durmam sejam **severamente** observados os preceitos hygienicos. Não vos canseis, minhas senhoras, de recommendar ás amas que não durmam com as crianças no mesmo leito ou no collo... (Palestra do Medico XI, M.F., nº.11, jun. 1879 – grifos nossos).

A presença de adjetivos e advérbios que denotam intensidade, tais como, “escrupuloso” e “severamente”, respectivamente, demonstra a preocupação do médico com a integridade física das crianças. Sem confiar no cuidado das amas, ele alerta as mães a terem “toda a vigilância”.

Muitas vezes qualificadas de “ignorantes”, as amas-de-leite e, também, as mães deveriam conhecer as noções médicas e higiênicas fundamentais no trato com as crianças. Desta forma, percebemos que “ignorantes” não significava somente ausência de instrução, mas, sobretudo, a ausência da conduta higiênica, derivando-se daí a necessidade de educar as mulheres-mães.

4.2.2 Educação

Dr. Carlos Costa, situado na posição discursiva de redator principal, dava especial atenção à educação das mulheres. Evidência disto foram alguns artigos veiculados sobre o tema no decorrer dos cinco primeiros anos de circulação do jornal. Além disso, a seção *A Educação da Mulher* se voltava inteiramente para o assunto. Com conteúdo extraído do livro *Noções da Vida Doméstica* (1879), do jornalista e crítico de livros didáticos Felix Ferreira, a seção permaneceu nas páginas do jornal durante quatro anos. Observemos, por intermédio do recorte discursivo a seguir, a importância atribuída à educação feminina.⁵

⁵ A pesquisa de Bernardes intitulada *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX* (1988) apresenta uma análise do documento *Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo Feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios* (1881) que fora organizado com a ajuda de Felix Ferreira. No documento constam textos sobre a educação feminina escritos por pessoas ilustres da

37. A mulher em nossos dias não é tão somente chamada para dirigir uma casa, seu papel tem mais importância, por se ter multiplicado a somma dos deveres a cumprir como **filha**, como **esposa**, como **mãe** e **até** como **professora**; por isso é que também a sociedade moderna compreendeu a necessidade de prepará-la com estudos sérios e mais profundos para preencher dignamente a sua missão (A Educação da Mulher, M.F., nº.7, abr. 1879 – grifos nossos).

O sujeito relaciona alguns papéis femininos aceitos e valorizados socialmente, quais sejam, o papel de “filha”, de “esposa” e de “mãe”. A função de “professora”, precedida pelo advérbio “até”, é referida com certa condescendência e indica que algumas mulheres haviam conquistado esta posição. Para exercer plenamente seu principal papel social, a maternidade, a mulher deveria ser educada.

A educação referida no jornal tem uma dupla face: educação doméstica e educação intelectual. A primeira abrange os conhecimentos necessários para a perfeita administração de uma casa. Estes conhecimentos podem ser resumidos em relacionar as despesas domésticas, avaliar preços, conservar os móveis, escolher e preparar os alimentos, distinguir tecidos e preparar o vestuário da família. Cabe lembrar que em algumas casas de elite já empregava-se o trabalho remunerado, enquanto em outras, parte das tarefas domésticas ainda ficava a cargo dos escravos. Em meio ao discurso do jornal, há uma utilização indiscriminada dos vocábulos “servidores” e “empregados”. Entendemos que este modo de designação, por omitir a palavra “escravos”, expressa discordância com a permanência da escravidão, cujo campo semântico remete às noções de atraso e degeneração sociais.

Já a educação intelectual abrange os conhecimentos necessários para fazer das mulheres mestras de seus filhos e companheiras de seus maridos. Estes podem ser resumidos em aprender a escrever, ler, desenhar, costurar e bordar. Percebemos, assim, o claro intuito de instruir as mulheres abastadas naquilo que fosse considerado útil para a plena realização de seus papéis sociais. Neste sentido, vejamos os recortes discursivos a seguir:

sociedade carioca daquela época. A autora classifica estes textos em cinco categorias, de acordo com as semelhanças existentes entre eles. Na categoria “educar a mulher é contribuir para a dignificação da família, da nação e do mundo”, encontra-se referência ao dr. Carlos Costa. Esta observação pode ajudar a compreendermos melhor o sentido da educação no âmbito do jornal *A Mãe de Família*.

38. Esta partica [sic] dos deveres de uma casa de familia, não é incompativel com os estudos mais variados. **Deve-se dar a instrução litteraria e artistica á par dos habitos da boa ordem e da economia domestica** (A Educação da Mulher XIV, M.F., n.º.13, jul. 1880 – grifos nossos).

39. O lar é o dominio onde se exercem constantemente todas as **faculdades da mulher**; é ahi que se estende sem limites a sua soberania.

O habil emprego dos recursos, abundantes ou escassos, de que ella póde dispor, o calculo, a prudencia e a previdencia applicados à escolha da casa, aquisição e arranjo da mobilia, sua manutenção e conservação; o bem estar, emfim, da familia, e sobretudo, a administração dos servidores **demandam muito tino e reflexão**.

[...]

Uma boa dona de casa deve conhecer os preceitos da hygiene, que previnem muitas enfermidades produzidas pela humidade local, má alimentação, falta de ar, de aceio, e até mesmo pelo exagero de precauções (A Educação da Mulher XIX, M.F., n.º.23, dez. 1880 – grifos nossos).

40. [...] quanta alegria não abriga o lar domestico; mas também, **quanto tino não é preciso para saber governal-o!** A mulher **intelligente**, porém, devotada aos seus pelo amor e pelo dever, triumpha de todas essas difficuldades (A Educação da Mulher XXI, M.F., n.º.2, jan. 1881 – grifos nossos).

O sujeito do discurso valoriza de tal forma as tarefas domésticas e familiares que, para bem exercê-las, as mulheres deveriam utilizar todas as suas “faculdades”, todo “tino e reflexão”. Essa valorização das tarefas referentes ao cotidiano do lar ora vem rivalizar, ora vem conciliar-se às atividades mundanas das mulheres economicamente bem situadas – caracterizadas pela freqüência a salões e bailes. Podemos observar este conflito nos recortes discursivos abaixo:

41. Já dissemos e não cansaremos de repetir: **as funcções de uma bôa dona de casa não prejudicam**, antes dão relevo, **às elegancias do salão** (A Educação da Mulher XIV, M.F., n.º.13, jul. 1880 – grifos nossos).

42. [...] saberá apreciar as doçuras da vida domestica e preservar-se dos defeitos quase geraes **das senhoras ricas**, que de suas casas **só gostam da sala de visitas, do toucador ou do jardim**, onde passeiam quase sempre cheias de aborrecimento (A Educação da Mulher XVI, M.F., n.º.15, ago. 1880 – grifos nossos).

É notável a heterogeneidade presente no discurso. De um lado, o sujeito afirma que “as funcções de uma bôa dona de casa não prejudicam [...] às elegancias do salão”; de outro, denuncia que “as senhoras ricas [...] só gostam da sala de visitas, do toucador ou do jardim”, em uma alusão à primazia dada aos hábitos sociais. De acordo com o aparato teórico adotado, essa heterogeneidade é comum, pois o sujeito sempre será atravessado por várias formações discursivas. Por mais que ele tente manter a coerência no momento da enunciação, sempre haverá o risco de deslocamentos de sentidos entre as formações discursivas.

Segundo o discurso veiculado pelo jornal, a instrução das mulheres abastadas teria dois objetivos principais: de forma específica, contribuiria para o estreitamento dos laços familiares; de forma geral, concorreria para o engrandecimento da pátria. Vejamos, separadamente, cada um desses objetivos.

43. Um dos poderosos meios de estreitar o mais possivel o laço que une dous esposos, é a instrucção da mulher. É isto uma necessidade que cada dia se torna mais evidente.

Não basta que um marido conte com a affeição da esposa, é preciso tambem que saiba **que elle não terá uma preocupação na vida que não possa fazel-a participante, que nenhuma combinação de seu espirito deixará de ser comprehendida por ella; que em todos os casos que precisar de conselhos ninguem melhor que ella os dará** de conformidade com os seus interesses.

Por esse modo a união dos espiritos completará a dos corações [...] (A Educação da Mulher XXXII, M.F., nº.21, nov. 1881 – grifos nossos).

A mulher educada promoveria a intimidade familiar ao tornar-se companheira e auxiliar do marido. No discurso analisado, encontramos de forma repetitiva as seguintes construções: “esposa que se destina a partilhar as adversidades do marido” (A Educação da Mulher XVII, M.F., nº.19, out. 1880); “a esposa [...] tem poderosos meios de auxiliar o marido” (A Educação da Mulher XXXIV, M.F., nº.23, dez. 1881); “a mulher que quer auxiliar o marido [...] é pois necessario estar-se sempre prevenida e reflectir muito, para a tempo dar bons conselhos ao marido” (A Educação da Mulher XXXIV, M.F., nº.24, dez. 1881). Embora o discurso atrelasse novas responsabilidades às mulheres quando no papel social de esposa, estas atribuições não teriam a mesma igualdade de importância se comparadas com as responsabilidades atreladas aos homens quando no papel social de marido. Se a

eles pertenceria o mundo do trabalho de onde tiraria o provimento familiar, a elas caberia o mundo da casa onde receberia e acolheria o esposo.

Percebemos ainda que os papéis sociais de esposa e mãe, marido e pai estariam determinados pelas leis da natureza. A suposta predominância do natural sobre o social impediria que as relações entre os gêneros fossem questionadas. Para aquelas que tentassem subverter a ordem natural das coisas, cabia um alerta que pode ser encontrado no recorte discursivo a seguir:

44. **As relações entre os esposos, entre os pais e os filhos são determinadas pela natureza**, e não é sem **grande perigo** que os papéis se invertem, as conveniências se esquecem, e os deveres se relaxam (A Educação da Mulher XXII, M.F., nº.4, fev. 1881 – grifos nossos).

O outro objetivo da instrução das mulheres das elites seria auxiliar o país em sua marcha rumo ao progresso. Neste sentido, as mulheres cooperariam de duas formas: transmitindo o conhecimento das primeiras letras aos seus próprios filhos, pois “Assim como ela deve ser a única ama também deveria ser a primeira mestra” (O papel da mãe na educação da primeira infância, M.F., nº.24, dez. 1879); e, também, transmitindo o conhecimento aos pobres daquela sociedade. Sobre este último ponto, devemos considerar o recorte discursivo abaixo:

45. [...] Os estudos litterarios e scientificos, a cultura das bellas-artistas, converteram-se também em alimentos de vida para as senhoras. Aos próprios ricos esses conhecimentos fornecem meios de **socorrer aos indigentes**.

A mulher instruída e hábil não gosa somente do passatempo que lhe faculta o estudo, **ensina também o que sabe. Na Europa as senhoras ricas entretêm-se em leccionar nas escolas e officinas dos orphãos desvalidos** e por esse modo dão um grande e efficaz exemplo de amor ao trabalho.

[...] E porque não hão de as filhas-familia, as esposas e mãis ricas consagrar também algumas horas em idênticos estabelecimentos do sexo feminino? [...] (A Educação da Mulher, M.F., nº.11, jun. 1879 – grifos nossos).

A princípio, a atividade proposta pelo sujeito parece ir de encontro às funções maternas sublinhadas no discurso do jornal. Afinal, como uma mãe deixaria sua família para ensinar aos pobres?. Entretanto, se analisarmos a atitude como ato de filantropia, entenderemos que as mulheres seriam como “mães dos pobres” ao auxiliar os carentes em suas necessidades intelectuais e materiais. Algumas

atividades de benemerência sugeridas pelo jornal são: lecionar para os pobres, fundar associações para socorro dos necessitados e arrecadar ofertas em teatros e bailes.

Convêm notarmos que o exemplo de conduta utilizado pelo sujeito foi extraído do contexto europeu, modelo de civilização. Com isso, as mulheres das camadas sociais mais favorecidas que praticassem a caridade se equiparariam às estrangeiras. Outros méritos que sobreviriam às senhoras seriam o reconhecimento da sociedade – seus nomes seriam escritos na memória coletiva –, e o reconhecimento divino.

46. [...] que o povo bem dirá o vosso nome, a pátria o inscreverá no livro de seus beneméritos, a posteridade o lerá cheia de admiração e o que é mais Deus saberá recompensar tal benefício (A Educação da Mulher, M.F., nº.11, jun. 1879).

Nunca é demais ressaltarmos que a proposta de educação feminina expressa no discurso do periódico *A Mãe de Família*, em particular na seção *A Educação da Mulher*, é uma percepção masculina condizente aos papéis sociais e às funções que deveriam ser exercidas pelas mulheres. Além disso, é um modelo aplicável somente às mulheres abastadas daquela sociedade, cujas fortunas lhes permitiriam praticar a caridade e, também, realizar as atividades do lar. A instrução das escravas não foi cogitada em nenhum momento e a instrução das mulheres pobres deveria lhes dar acesso a alguma formação profissional, para que pudessem sustentar-se ou contribuir para a complementação da renda familiar. Sob esse aspecto, vejamos o seguinte recorte discursivo:

47. Muito feliz, e até mesmo menos penosa, seria a missão de mulher, se concentrasse unicamente no lar domestico toda a actividade, intelligencia e ternura que fazem della o anjo da familia; se tivesse, emfim, somente de consagrar-se á guarda e a ventura do casal.

[...]

[...] **A mulher, quando pobre, tem ás vezes de afastar-se de seus queridos e pacíficos deveres domesticos**, para tomar parte no movimento e na vida externa.

[...] A sociedade moderna creou-lhe porém **profissões, para as quaes a mulher revela uma aptidão e intelligencia de que nunca havia sido julgada capaz** (A Educação da Mulher XXXIII, M.F., nº.22, nov. 1881 – grifos nossos).

Àquelas que teriam a necessidade de se aventurarem no mundo do trabalho – mundo predominantemente masculino –, o sujeito propõe a dedicação aos trabalhos agrícolas de plantio e de criação de animais; aos trabalhos de costura e aos demais relacionados com a casa. Desta forma, a execução das atividades sugeridas não as levaria a ocupar uma função masculina, já que estariam próximas daquilo que se considerava uma extensão das funções sociais femininas.

A excepcionalidade que transparece da fala “a mulher revela uma aptidão e intelligencia de que nunca havia sido julgada capaz” diz respeito às profissões ocupadas por mulheres nos contextos europeu e norte-americano. São trabalhos em “correio”, “bellas artes”, “pintura”, “musica”, “esculptura”, “gravura”, “lithographia”, “flores artificiaes” e “officinas de typographia, de relojoaria, de gravura e muitas outras que seria longo enumerar” (A Educação da Mulher XXXIV, M.F., nº.24, dez. 1881). O exemplo desses países certamente fez com que o médico Carlos Costa defendesse a criação de uma “escola de enfermeiras” que, além de prover a cidade com profissionais capacitadas, traria uma oportunidade de sustento para as mulheres pobres.

Identificada no discurso como “grande auxiliar do medico” (Palestra do Medico LXVI, M.F., nº.19, out. 1881) ou “tão util adjutorio do medico”, a enfermeira seria uma importante assistente no amparo aos doentes. No entanto, sua função seria sempre complementar, “auxiliar” e “adjutório [a]” à função do médico. Isso se devia, principalmente, às concepções científicas da época que descreviam a inteligência feminina como limitada se comparada à inteligência masculina. Sob este aspecto, vejamos o recorte discursivo abaixo:

48. Para o estudo theorico das enfermeiras há necessidade de livros especialmente escriptos para as suas intelligencias.⁶

[...]

Compreende-se que esses **conhecimentos não podem ser aprofundados**, apenas noções que são indispensaveis para o exercício d’esse encargo, que sendo **tão util adjutorio do medico**, em sua falta, é um constante motivo de compromettimentos e de atrazo para o andamento das molestias (Palestra do Medico LXVII, M.F., nº.20, out. 1881 – grifos nossos).

⁶ No final do ano de 1881 e durante todo o ano de 1882, foi publicado um tratado de anatomia e fisiologia na seção *Palestra do Medico*. Entendemos que estes textos – muito minuciosos quanto aos termos científicos, porém, de fácil compreensão – tinham a função de instruir as mães de família e, também, de servir como material de ensino para uma possível escola de enfermeiras.

Dr. Carlos Costa não está só ao considerar a inteligência feminina limitada, na qual os “conhecimentos não podem ser aprofundados”. Esta noção também está presente na fala – traduzida e transcrita – do dr. Brochard, extraída do periódico francês *La Jeune Mère*:

49. [...] É uma questão de medida e se o homem, ainda que mais robusto, sucumbi algumas vezes a um trabalho mental excessivo, torna-se irritável e nervoso, seria de lastimar que a mulher fosse exposta a um tal perigo.

Usar sem abusar é a regra da instrução como de todas as coisas, e **as mulheres cujas aptidões dirigirem-nas à carreira das ciências e das letras e que chegarem até a celebridade; serão sempre brilhantes exceções**. A modéstia, a calma e a simplicidade são as condições mais felizes de seu bem estar e do futuro de sua descendência (M.F., nº.13, jul. 1879 – grifos nossos).

Por se posicionarem em meio a uma formação discursiva científica, ambos os sujeitos, na posição discursiva de médico, justificam os limites impostos à instrução das mulheres por intermédio do corpo (fragmentos 48 e 49). O sistema reprodutor feminino determinaria uma sensibilidade emocional e moral que faria das mulheres seres incapazes de raciocínios longos, abstrações e atividades intelectuais (COSTA, 1979). Esta suposta limitação também encontrava respaldo nos então recentes estudos de antropometria e de craniologia que afirmavam ser o cérebro das mulheres menores do que o dos homens (SCHWARCZ, 1993). Desse modo, as características atribuídas aos gêneros estariam intrinsecamente ligadas à anatomia e à fisiologia humanas.

Aquelas que, porventura, fugissem à determinação biológica, eram consideradas “brilhantes exceções”. Como é o caso da primeira médica brasileira, dra. Maria Augusta Generoso Estrela (1861 – 1946).

50. [...] uma nossa joven patricia, que não tendo sido favoreada pela sorte, **soube** entretanto **afastar-se do commum dos temperamentos indolentes e inactivos das brasileiras** e, **com uma energia e perseverança dignas de ser invejadas mesmo pelo sexo forte**, buscar a patria de Washington e ahi acoroçada pelo edificante exemplo dos maiores trabalhadores do globo, abandonou os prazeres ephemeros da vida, **tornou opaco o espelho onde se reflectiam os seus encantos femininos**, esqueceu os erros e preconceitos da educação de sua patria, **suffocou os impulsos da americana do sul** e só, longe dos seus, aproveitando os recursos de sua **previligiada intelligencia** procurou desvendar os arcanos da sciencia que ensina a suavisar e curar os

males physicos da humanidade (A Doutora Generoso Estrella, M.F., n.º.23, dez. 1882 – grifos nossos).

Em 1875, a moça de quatorze anos deixou o Brasil para estudar medicina nos Estados Unidos. No ano seguinte, como resultado de algum estudo preparatório, Generoso Estrella ingressou no *New York Medical College and Hospital for Women*. Algum tempo depois, quando o pai de Estrella passou por dificuldades financeiras, alguns amigos o ajudaram com as despesas educacionais da moça. O imperador, D. Pedro II, também contribuiu, subvencionando seus estudos no exterior. Em 1881, Generoso Estrella formou-se médica, voltando para o Brasil no ano seguinte, após desenvolver trabalhos de pós-graduação em hospitais americanos (HAHNER, 2003, p. 138 – 144).

A trajetória brilhante da dra. Generoso Estrella é digna de ser mencionada nas páginas do jornal. No entanto, observamos que o discurso proferido praticamente a transforma em um homem para que fosse plausível sua admissão em um curso superior. De acordo com o recorte acima (fragmento 50), a médica “tornou opaco o espelho onde se reflectiam os seus encantos femininos”. Além disso, as suas qualidades, como “energia”, “perseverança” e “intelligencia”, poderiam até ser invejadas pelos homens.

Seguindo o pensamento científico da época, a inteligência da dra. Generoso Estrella era considerada um caso excepcional. O próprio dr. Carlos Costa procura estabelecer diferenças entre a médica e as demais mulheres. Para isso diz que ela “soube afastar-se do commum dos temperamentos indolentes e inactivos das brasileiras” e também “suffocou os impulsos da americana do sul”. Procedendo desta forma, desqualifica como indolentes e inativas as mulheres, contribuindo para a construção de um perfil de gênero que seria generalizado como próprio das brasileiras e, até mesmo, das sul-americanas daquele século.⁷

As conquistas da médica concorreram no sentido de abrir caminho para as reformas na legislação educacional do país. Em 1879, as escolas superior de medicina eram abertas para estudantes mulheres. Embora perdurando até a Constituinte de 1891, esta resolução foi um grande passo nas lutas pela emancipação das mulheres. A própria dra. Generoso Estrella, juntamente com a

⁷ Infelizmente, este perfil de gênero tornou-se memorável em nossa sociedade. Reproduzido por autores renomados, tais como Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala*, este estereótipo vem sendo revisto pela historiografia atual.

médica Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira, publicou o periódico *A Mulher*, destinado a convencer as leitoras brasileiras de suas capacidades e a mostrar que “tanto a mulher como o homem se pode dedicar ao estudo das ciências” (*A Mulher*, jan. 1881 apud HAHNER, 2003, p. 142).⁸

Embora digna de louvor, a vida da dra. Maria Augusta Generoso Estrella não serviria de exemplo para as leitoras do periódico *A Mãe de Família*. Estas últimas, como vimos, deveriam ater-se aos estudos da economia doméstica e aos estudos que lhes permitissem promover a intimidade da família, bem como participar do progresso da nação – como primeira mestra dos filhos e como mãe dos pobres. Este modelo de educação feminina difundido pelo discurso do jornal deveria orientar a criação das moças pertencentes a famílias renomadas, conforme veremos no item a seguir.

4.3 Criando meninas para a maternidade

O discurso veiculado pelo periódico *A Mãe de Família* se detém, inúmeras vezes, no tema relativo à criação das moças. A importância atribuída a elas se deveria ao fato de possuírem o potencial latente de boas mães. Todas já nasceriam com a *essência materna* que com o passar do tempo se desenvolveria. Assim, as moças seriam valorizadas por *virem a ser mães de família*.

No entanto, o sujeito, na posição discursiva de médico, se queixa da pouca atenção dispensada às moças justamente no momento em que deveriam ser aperfeiçoadas as características das *futuras mães*. Vejamos o recorte discursivo a seguir:

51. Hoje mais do que nunca **a educação da menina, isto é, da futura mãe de família**, é entregue às mãos mercenárias ou á superficial direcção dos ante-hygienicos internatos. Não é só isso. Desde que a menina é moça, ou mesmo antes; durante o periodo da vida, em que só ella procura brincar, as *mães modernas* só tratam de excitar-lhes a vaidade [...]

⁸ O periódico *A Mulher* foi lançado nos Estados Unidos, no ano de 1881, quando suas redatoras cursavam a faculdade de medicina. Após retornarem ao Brasil, as médicas tentaram manter a publicação, porém, por pouco tempo. Informações sobre o jornal podem ser encontradas em BICALHO, 1988; HAHNER, 2003 e ALCÂNTARA, Josiane S. de; MELO, Hendy H. M. *Imagens da mulher instruída nos jornais femininos do Rio de Janeiro no século XIX: memória, discurso e educação*. In: *I Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2007, Niterói. Programa e resumo dos trabalhos*. Niterói: H. P. Comunicação; EdUFF, 2007. p. 153 – 154.

A menina sempre attrahida pelo luxo, somente cercada de luxo, chega até a puberdade com o espirito tão mal alimentado quanto o corpo.

Enfim, [...] **nada se lhes ensina dos deveres da mãe de familia** (Palestra do Medico XXXVII, M.F., nº.13, jul. 1880 – os grifos em negrito são nossos).

Após delinear um quadro de total descaso das senhoras abastadas para com a criação de suas filhas, o médico afirma que a eficiente preparação das moças para o advento da maternidade passaria por dois estágios: a educação do corpo e a educação moral, ambas interligadas. Vejamos por intermédio do recorte discursivo abaixo – extenso, porém bastante ilustrativo –, como o sujeito concebia a criação das moças, comparando-a com a preparação dos rapazes:

52. Reparae que as creanças, meninos e meninas, até os seis annos andam vestidos do mesmo modo; depois dessa idade é que se dá a cada um o vestuario de seu sexo. É então que elles deixam de dormir no mesmo leito e que **a educação começa a divergir entre elles. O irmão vae aprender latim, os estudos serios** vão começar para elle, **a regularidade a mais rigorosa vae presidir os seus trabalhos**, enquanto **a irmãsinha continua a viver e a estudar sob a vigilancia materna.**

É preciso que ella cresça e se fortifique. Já sabe ler alguma cousa, vae para o collegio, começa a aprender musica, *crochet* e francez é então que principia também a por as mãos nos utensilios domesticos mas sem quebral-os; vae aprendendo a por os pratos com symetria, a estender a toalha, a arrumar o toucador, a entrelaçar as fructas na fructeira com as flôres que colheu pela manha no jardim.

[...]

Durante esse tempo **o irmãosinho** chegou aos dez annos e **entrou de pensionista em um grande collegio.** E preciso pois apurar a lettra, ter cuidado na orthographia, para se poder escrever ao **querido exilado**, para que elle saiba que não está esquecido, que a *mamã* falla delle ao chá e o *papá* promette trazel-o um domingo se tiver boa nota dos professores.

A instrucção da menina segue seu curso suavemente. Ella tem tantas cousas que aprender!

[...]

[...] Aos dez para os doze annos, já habituada a lêr, a pensar, a se apropriar na leitura do que se póde ser util á vida de creança, eis chegada ao momento em que **um estudo mais desenvolvido, mais scientifico, vem completar a educação primaria** (A Educação da Mulher XXX, M.F., nº.16, ago. 1881 – os grifos em negrito são nossos).

O discurso ilustra a maneira com que as famílias privilegiadas criavam seus filhos naquela sociedade do Oitocentos. Ao traçar um paralelo entre a educação das moças e a educação dos rapazes, o sujeito deixa claro que as diferenças existentes na educação de ambos estariam baseadas na suposta determinação natural dos sexos. Ao associar os adjetivos “serios” e “rigorosa [o]” ao trabalho de aprendizado do rapaz e o advérbio “suavemente” ao esforço de aprendizado da moça, o discurso vem ratificar uma das concepções médicas difundidas na época que afirmava ser a inteligência masculina inclinada para as análises abstratas e para os cálculos – *matérias sérias* –, enquanto a inteligência feminina seria inclinada para as atividades manuais – *matérias suaves*. Caso este modelo se invertesse, ou seja, caso as moças se dedicassem às matérias sérias, haveria o risco do cérebro se desenvolver mais do que os órgãos do sistema reprodutivo, ovários e útero, podendo fazer com que as moças se tornassem débeis, nervosas e estéreis (COSTA, 1979). Em suma, a instrução masculina poderia ser aprofundada, enquanto a instrução feminina deveria ser superficial para não prejudicar a conformação anatômica e fisiológica que predisponha as moças à maternidade. Mais uma vez, a formação discursiva científica prevalece no âmbito do jornal.

De acordo com o mesmo recorte discursivo (número 52), percebemos que as moças deveriam aprender as atividades domésticas e familiares desde cedo (o fragmento traz a idade de seis anos). Para tanto, teriam como primeira mestra a própria mãe: “a irmãsinha continua a viver e a estudar sob a vigilância materna”. Até que, em dada idade (entre dez e doze anos), as moças estariam aptas a ingressar em uma escola, “momento em que um estudo mais desenvolvido, mais científico, vem completar a educação primária”. O fragmento não nos permite entrever em que consistiria um estudo mais científico. No entanto, tendo já percorrido um caminho de análise discursiva, podemos considerar que este estudo deveria incluir as noções médicas e higiênicas, tão úteis para o futuro das mães de família. Defendendo este modelo de educação para as moças, dr. Carlos Costa argumenta com alguma indignação:

53. [...] quanto terão que lucrar em saber *como se come, esmo [sic] se nutre, como se respira. como se faz a circulação do sangue, etc., etc.*

Esta instrução, que poderia ser adquirida nos collegios ahi é completamente esquecida, por que se supõe, que esses conhecimentos são muito dispensaveis.

Perguntarei: Porque haverá mais interesse em ensinar às meninas os nomes dos astros, a sua rotação, etc., e não os nomes dos órgãos do corpo humano, o seu mecanismo e funções?

Sabendo-se como funciona normalmente o estomago, mais facilmente se compreenderá qualquer alteração e com isto há mais que lucrar uma senhora, uma mãe de família, do que saber as constellações do firmamento, as phases da lua, a passagem dos cometas! (Palestra do Medico LXXIII, M.F., n.º.1, jan. 1882).

A província do Rio de Janeiro não dispunha de instituições públicas ou gratuitas suficientes que atendessem às moças no ensino elementar e secundário. Por isso, as famílias de posses recorriam aos professores particulares ou às instituições privadas. Algumas escolas tentaram ampliar seus currículos nas últimas décadas do Oitocentos, oferecendo lições de astronomia, botânica e história natural às suas alunas (COSTA, 2007). De acordo com o recorte discursivo acima (número 53), percebemos que o médico opunha-se veementemente às novas tentativas de mudança, entendendo que estas preteriam as noções higiênicas.⁹

Por um lado, os colégios não ensinariam as noções médicas e higiênicas importantes para a formação de mães de família. Por outro, em seus prédios não seriam observadas as normas higiênicas. Fato de maior agravo em se tratando de colégios internos. Em suma, estas instituições errariam por ignorar todo e qualquer conselho científico. Observemos a organização da estrutura retórica presente no discurso quando o tema em questão diz respeito aos internatos:

Quadro 5: Estrutura retórica relativa aos colégios e internatos.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>“Tenho-me pronunciado abertamente contra os internatos, considero-os anti-hygienicos, sobretudo entre nós, onde os edificios dos collegios são impropriamente construídos para tal fim, onde se accumulam nos dormitorios grande numero de crianças, que nem todos respeitam as leis do aceio, que nem todos são moralmente educados da mesma maneira; de sorte a produzir inconvenientes imitações, etc., etc”</p>	<p>“Assim pois aconselho que sejam retiradas <i>imediatamente</i> dos internatos as meninas logo que se tornarem mulheres”</p>	<p>“O espirito como que fica mais apto para adquirir os mãos costumes que porventura observe, é como que uma verdadeira impregnação”</p>

⁹ Costa (2007, p. 504) cita um exemplo de resistência à expansão dos currículos escolares: “Em 1869, quando uma escola de meninas no Rio de Janeiro tentou diversificar seu programa, sentiu a necessidade de anunciar que seu propósito não era promover a ‘emancipação das mulheres’ e sim educar as futuras mães para que pudessem educar melhor seus filhos. A fim de tornar seu programa mais atraente, fazia também saber que seus objetivos eram o de introduzir no Brasil ‘os melhoramentos que as meninas usufruíam nos países mais desenvolvidos’”. A autora arremata dizendo que apesar de todos os esforços a escola voltou ao seu programa original.

“[...] apesar de toda a vigilância e cuidados, no seio da família, as mocinhas comettem imprudencias, das quaes resultam grave damno á saude, quanto mais nos Collegios, muito fréquentados, onde a atenção dos mestres não é a mesma, divide-se, escapa”

“[...] não se observam n’elles [nos estabelecimentos de educação] todas as precisas regras de hygiene” (Palestra do Medico XLVII, M.F., n°.23, nov. 1880).

“A educação d’ahi por diante deverá ser mais rigorosamente fiscalizada pela mãe.

Toda a atenção deve haver na escolha dos livros e nas horas do estudo e do repouso.

Os romances, novellas apaixonadas, etc., etc., devem ser prohibidos.

Não deverão estar, durante muito tempo sentadas.

Deverão fazer exercícios leves. Finalmente por em pratica tudo quanto tenho já aconselhado e que excuso agora repetir”

(Palestra do Medico XLVII, M.F., n°.23, nov. 1880).

“Depois, mais tarde, quando o espirito se revelar, quando fôr mistér a sua educação, ainda a mãe deverá dirigir os primeiros passos, *evitando tanto quanto possivel, confiar tambem à mãos estranhas* a educação intellectual de suas filhas” (Palestra do Medico XLVIII, M.F., n°.24, dez. 1880).

“[...] de sorte que adquirem-se vicios *perigosissimos*”

“De sorte que não é muito de admirar que se tornem hystericas” (Palestra do Medico XLVII, M.F., n°.23, nov. 1880).

Fonte: Palestra do Medico. In: *A Mãe de Família*. Lombaerts e Cia: Rio de Janeiro, 1880. Os grifos em negrito são nossos.

Tomando o quadro demonstrativo acima, podemos perceber que na coluna “problema” o sujeito ratifica a noção de que os colégios internos não seriam os lugares mais apropriados para se criar futuras mães de família, devido aos riscos físicos – inapropriação do ambiente e inobservância das normas higiênicas – e morais – imitação de comportamentos indesejáveis. Junto a esses riscos está implícito o onanismo.¹⁰ A tal perigo vinculam-se os seguintes conselhos: “Os romances, novellas apaixonadas, etc., etc., devem ser prohibidos”, “Não deverão estar, durante muito tempo sentadas”.

Tendo como objeto de seu discurso somente a educação das moças, o médico não se preocupa com a educação dos rapazes. Entretanto, ao retomarmos o fragmento número 52, concluímos que enquanto os colégios não seriam lugares para moças de família, o seriam para os rapazes. A elas, então, caberia preferencialmente “fazer-se a educação na família” (Palestra do Medico XLVII, n°.23,

¹⁰ O onanismo, ou masturbação, era visto pelos médicos da época como um risco para a saúde tanto de rapazes, quanto de moças (Costa, 1979).

dez. 1880), enquanto a eles caberia entrar como “pensionista de um grande collegio”, tornando-se “querido exilado”.

Desta forma, as senhoras deveriam instruir suas filhas durante a primeira infância e zelar por elas durante o período da puberdade. Observemos o quadro abaixo que traz a estrutura retórica referente aos cuidados que as mães deveriam ter com a alimentação, as vestimentas e o comportamento de suas filhas:

Quadro 6: Estrutura retórica relativa aos cuidados com as moças.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>Alimentação:</p> <p>“A alimentação defeituosa e insuficiente é a causa de todos os males” (Palestra do Medico XXXVII, n.º.13, jul. 1880).</p> <p>“[...] não ficam gordas, conservam a pallidez poética que dispensa o pó de arroz, as olheiras que não precisam ser feitas a <i>crayon</i>” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p>	<p>“[...] comer boa carne, pão, vinho, legumes frescos, com ordem e regularidade [...]” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p> <p>“[...] satisfazer o menos possível esses caprichos de apetite por fructas não sazonadas, doces indigestos e mal preparados e esse sem numero de golodices, que ainda hoje vêmos vender-se em taboleiros...”</p> <p>“O café e chá devem ser tomados fracos e duas vezes apenas por dia”</p> <p>“É preferível o uso do <i>leite</i> e do <i>matte</i>” (Palestra do Medico XLIV, n.º.20, out. 1880).</p> <p>“Acostumal-as [...] a terem uma alimentação succulenta” (Palestra do Medico XLVI, n.º.22, nov. 1880).</p>	<p>“as moças ou meninas tornam-se o que sabem todos: chloroticas, anêmicas, lymphaticas”</p> <p>“As suas regras são por esse ponto em pequena quantidade e mesmo difficeis, dolorosas, seguidas de accidentes nervosos, hystericos”</p> <p>“são raras as moças que não soffrem de <i>leucorrhéas</i> (corrimentos, flôres brancas)” (Palestra do Medico XXXVII, n.º.13, jul. 1880).</p> <p>“[...] adquirem os germes da tísica pulmonar ou mesenterica, que desenvolvendo-se com grande rapidez, as leva ao tumulto no verdor dos annos, na primavera da vida” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p>
<p>Vestimentas:</p> <p>“[...] as modas parisienses não estão em relação com o nosso clima, com as nossas estações; ora quando as senhoras que se dizem elegantes [...] querem observar á risca os figurinos, usam no tempo de câlor de roupas de inverno e <i>vice-versa</i>” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p>	<p>“[...] passear ao sól no inverno, fugir da humidade, agazalhar os pés e o peito [...]” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p>	<p>“[...] os resfriamentos, que dão lugar a bronchites, pleurizes, pneumonias que desenvolvidas em um organismo enfraquecido já por tantas causas, facilmente se terminam pela <i>tísica galopante</i>...” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p> <p>“[...] subitamente baixou ao seio da terra, ferida da terrível affecção pulmonar!...” (Palestra do Medico XXXVIII, n.º.14, jul. 1880).</p>

<p>Vestimentas: “É com este <i>instrumento de tortura</i> [colete] que tanto apraz ás senhoras e que desde o começo da adolescencia se applica ás moças [...]” (Palestra do Medico XLIII, n°.19, out. 1880).</p>	<p>“A mocinha não deverá usar vestidos apertados sobretudo no peito e no ventre” “O collete deve portanto ser prohibido” (Palestra do Medico XLIII, n°.19, out. 1880).</p>	<p>“[...] os seios se pronunciam e n’essa idade de desenvolvimento, qualquer constricção poderá ocasionar sérios incommodos e mesmo parar o crescimento gradual, tornando impróprias para o futuro essas glândulas secretoras do fluido vivificador, que dá á mulher o verdadeiro direito de mãe” “[...] produzem incommodos sérios, taes como <i>lymphatites, erysipelas, affecções do figado, do estomago</i> e até <i>da espinha...</i>” (Palestra do Medico XLIII, n°.19, out. 1880).</p>
<p>Comportamento: “A menina sente um não sei que de extraordinario que a torna triste, melancolica, que ao briga [sic] a procurar a solidão, aborrece certos divertimentos a que pouco antes se entregava com todo o prazer: não tem appetite, dorme agitada, etc. Outras ficam irritaveis, freneticas, zangam-se pela menor causa...” (Palestra do Medico XLIV, n°.20, out. 1880).</p>	<p>“N’este estado, a menina precisa de todas as atenções; esta disposição especial de seo character exige da parte dos pais intelligentes toda a doçura e prudencia. Convem não ralharem, como muitos fazem, esquecendo-se que não é voluntario qualquer acto menos conveniente que pratiquem suas filhas” (Palestra do Medico XLIV, n°.20, out. 1880).</p>	<p>“O systema nervoso excitado, por mais leve que seja qualquer choque, pode dar lugar a incommodos que muitas vezes se tornam difficeis de combater, como seja o <i>hysterismo</i>” (Palestra do Medico XLIV, n°.20, out. 1880).</p>

Fonte: Palestra do Medico. In: *A Mãe de Família*. Lombaerts e Cia: Rio de Janeiro, 1880. Os grifos em negrito são nossos.

A partir da observação do quadro acima, dois pontos necessitam ser ressaltados: primeiro, a maioria dos problemas elencados estão relacionados aos hábitos e modismos sociais seguidos pela maioria das moças abastadas daquela sociedade. Modismos que, segundo o discurso médico e higiênico, influenciariam negativamente na saúde do corpo e da moral. Assim, ao invés de freqüentarem teatros e bailes, por exemplo, as moças deveriam ficar circunscritas ao ambiente doméstico onde prevaleceriam a tranqüilidade e a ausência de luxos. Segundo ponto, as ameaças àquelas que não seguissem os conselhos higiênicos eram de extremo agravo à saúde e poderiam se tornar até fatais. Em última análise, as moças eram ameaçadas com o risco de morte, conforme vemos nas seguintes expressões: “as leva ao tumulo” e “baixou ao seio da terra”. Relacionando os dois pontos temos: a insistência em manter os hábitos e modismos sociais poderia levar à morte.

Acima de todos os cuidados que as senhoras deveriam ter durante a criação das moças, está o cuidado com a primeira menstruação. Vejamos como o tema foi tratado no discurso do jornal.

4.3.1 Menstruação

“Assumpto mais serio de que se póde occupar o medico ou o hygienista” (Palestra do Medico XLIV, M.F., n.º.20, out. 1880), a menstruação é concebida no discurso como um marco que transforma as moças em mulheres, tornando-as naturalmente aptas para a maternidade.

É possível percebermos um deslocamento de sentidos em torno do termo “menstruação”. Observemos os recortes discursivos a seguir:

54. Ha familias em que as **meninas se tornam mulheres** muito cêdo e vice-versa.

Antes dos 12 annos em nosso paiz, pela maneira porque são em geral educadas as meninas, não julgo salutar o **apparecimento das regras**.

Tem sido sempre a origem de males que se tornam até incuraveis as imprudencias commetidas durante o **periodo catamenial**.

É portanto um **estado muito melindroso** e ainda mais, como já disse, quando pela primeira vez se manifesta (Palestra do Medico XLV, M.F., n.º.21, nov. 1880 – os grifos em negrito são nossos).

Temos, assim: menstruação = “meninas se tornam mulheres” = “apparecimento das regras” = “periodo catamenial” = “epoca critica” = “estado muito melindroso”. O fenômeno biológico, próprio do corpo feminino, é significado, em suma, como uma doença. Neste sentido, a menstruação requereria das moças, já mulheres, um tratamento especial. Vejamos o quadro abaixo, no qual organizamos a estrutura retórica relativa ao tema:

Quadro 7: Estrutura retórica relativa aos cuidados com a menstruação.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>“A hygiene não póde deixar de profligar os abusos que commettem as senhoras, expondo-se n’essas condições á bailes, theatros e outros divertimentos, onde se fatigam e são obrigadas a <i>toilettes</i> inconvenientes”</p> <p>“Há muitas moças, que ignorando os perigos que correm, dansam walsas e polkas desenfreadas” (Palestra do Medico XLV, n°.21, nov. 1880).</p>	<p>“Assim, deverá ter todo o agasalho, especialmente nos pés, não andar de chinellas de sola fina, usar de vestidos largos e afogados, não se expôr ao sereno, não ter vigílias, dormir cedo, não fazer uso de alimentos excitantes e indigestos. Fica sub-entendido que os <i>cuidados de aceio devem ser duplicados</i>” (Palestra do Medico XLV, n°.21, nov. 1880).</p>	<p>“Uma suppressão de transpiração tem sido muitas vezes a causa de <i>suspensões</i>, que quando menos mal produzem, occasionam affecções uterinas e ovaricas que se tornam rebeldes e arruinam de uma vez a saude das senhoras”</p> <p>“[...] tem morrido muitas mocinhas no verdôr dos annos, de tuberculos pulmonares, e nos registros dos hospitaes e casas de saude para alienados, encontram-se alguns casos de loucura, que tiveram por causa a suppressão da menstruação”</p> <p>“Não são raros os casos de fortes hemorragias” (Palestra do Medico XLV, n°.21, nov. 1880).</p>

Fonte: Palestra do Medico In: *A Mãe de Família*. Lombaerts e Cia: Rio de Janeiro, 1880. Os grifos em negrito são nossos.

Mais uma vez, podemos constatar que os fatos elencados na coluna “problema” relacionam-se com os hábitos e costumes sociais das mulheres das elites. Por isso, os conselhos médicos e higiênicos requereriam uma mudança no comportamento feminino. A vivência no ambiente doméstico era preferida às atividades e aos divertimentos no ambiente público. Dessa forma, o discurso do periódico tenta limitar as mulheres às paredes de suas casas justamente no momento em que elas começavam a sair, conquistando espaços nas ruas da grande cidade.¹¹

Ainda segundo o mesmo quadro demonstrativo, observamos a reincidência das ameaças com o risco de morte para aquelas que não seguissem os conselhos higiênicos prescritos. Simultaneamente, surge uma nova ameaça à saúde física e moral das mulheres: a loucura. A mazela nervosa seria explicada pelos distúrbios menstruais e poderia ainda ser confirmada mediante as provas constituídas pelos “registros dos hospitaes e casas de saude para alienados”.

¹¹ Cabe aqui ressaltar que enquanto as mulheres abastadas da capital da província do Rio de Janeiro começavam a sair em meados do Oitocentos, as mulheres pobres livres e escravas já estavam trabalhando nas ruas da cidade há tempos. As gravuras do artista Debret ilustram bem esse quadro.

Tendo em vista o discurso referente à menstruação, perguntamo-nos: se os sentidos colados à palavra menstruação são *passagem da puberdade para a vida adulta e capacidade das mulheres darem à luz*, quais seriam os sentidos colados à palavra menopausa?. Vejamos o deslocamento dos sentidos em torno do termo:

55. A época d'este phenomeno natural, physiologico constitue sem duvida uma **idade critica** para a mulher.

Com muitos autores diremos que é a **ocasião em que a mulher cessa de viver**, ou melhor, que é a **epoca em que a mulher deixa de ser mulher** (Palestra do Medico LIX, M.F., nº.11, jun. 1881 – grifos nossos).

A partir dos fragmentos selecionados temos: menopausa = “idade critica” = “ocasião em que a mulher cessa de viver” = “epoca em que a mulher deixa de ser mulher”. Tendo em vista que o principal papel social legado às mulheres era a maternidade, aquelas que não pudessem mais exercer esta função eram desvalorizadas no âmbito do jornal. Podemos dizer, até mesmo, que eram descartadas pelo sujeito, quando na posição-redator principal, pois não faziam parte de seu público-alvo.

56. Compreendendo que o principal papel da mulher no mundo é o da *fecundação*, desde que ella attinja a idade, em que a *concepção* não é mais possivel, **deixa ella de ser util, começa a morrer**, bem entendido **para o physiologista** (Palestra do Medico LIX, M.F., nº.11, jun. 1881 – os grifos em negrito são nossos).

Por se tratar de uma afirmação dura “deixa ella de ser util, começa a morrer”, o sujeito se antecipa a suas leitoras, explicando como elas deveriam entender os sentidos engendrados por tal discurso. Procedendo desta forma, o sujeito “guia” suas leitoras por entre os sentidos que deseja produzir. Vejamos como se dá esta estratégia discursiva:

57. **Ouçõ desde já** os protestos que farão as santas *avósinhas*, essas verdadeiras segundas mãis, ou mãis duas vezes. Mas **não me refiro ao moral das mulheres**, não!... Bem sei que a mulher mesmo na mais avançada idade é sempre a mesma carinhosa companheira do homem [...] (Palestra do Medico LIX, M.F., nº.11, jun. 1881 – os grifos em negrito são nossos).

O discurso ríspido proferido pelo sujeito é, então, contrabalançado com elogios à moral das mulheres idosas. Também enfatiza que esses sentidos colados à palavra menopausa pertencem à formação discursiva científica ao atribuí-los aos fisiologistas. “Fallamos como medico e não como moralista, nos relevem as caras leitoras o nosso materialismo” (Palestra do Medico LIX, M.F., nº.11, jun. 1881), explica o médico.

Então, é válido afirmar que: se a menstruação é o período em que as “meninas se tornam mulheres” (Palestra do Medico XLV, M.F., nº.21, nov. 1880), a menopausa, por sua vez, é a “epoca em que a mulher deixa de ser mulher”, “começa a morrer” (Palestra do Medico LIX, M.F., nº.11, jun. 1881).

4.3.2 Casamento

Segundo o discurso veiculado pelo periódico, a menstruação não era indício de que as mulheres poderiam casar. O médico explicava que, no Rio de Janeiro, apesar de as moças se tornarem mulheres muito cedo – devido a fatores como a vida irregular da cidade, a herança familiar e a influência da zona tropical (Palestra do Medico XLV, M.F., nº.21, nov. 1880; L, nº.2, jan. 1881) –, elas não possuíam as condições físicas e morais necessárias para o casamento. Observemos o recorte discursivo a seguir:

58. Não são em pequeno numero os factos de se casarem mocinhas de 13 annos, que não só não têm completo desenvolvimento dos órgãos próprios da geração; como também não podem comprehender os elevados e difficies encargos da maternidade (Palestra do Medico L, M.F., nº.2, jan. 1881).

Podemos observar que os sentidos colados à palavra casamento se relacionam à maternidade. Ou seja, com a instituição do casamento formar-se-ia a família, espaço privilegiado onde as mulheres dos extratos sociais mais elevados exerceriam a função materna.

Ressaltamos que o sacramento do matrimônio não era observado em todas as camadas da população. Em meados do Oitocentos, na província de São Paulo, por exemplo, o número de casamentos era diminuto e, quando celebrados, restringiam-se a uma elite branca que observava certos parâmetros como cor, grupo

social e condições financeiras. Com a limitação do campo de pretendentes, era comum a união entre pessoas da mesma família. Já entre as camadas sociais menos favorecidas, prevaleciam as uniões esporádicas e o concubinato (SAMARA, 1981).

Vejam no quadro abaixo como foi desenvolvida a estrutura retórica dos argumentos relativos ao casamento no discurso veiculado pelo jornal:

Quadro 8: Estrutura retórica relativa ao casamento.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>“Não são em pequeno numero os factos de se casarem mocinhas de 13 annos, que não só não têm completo desenvolvimento dos órgãos próprios da geração; como também não podem comprehender os elevados e difficies encargos da maternidade” (Palestra do Medico L, n.º.2, jan. 1881).</p>	<p>“Tudo devem fazer para afastar do espirito de suas filhas a idéa do casamento antes dos 18 a 20 annos, salva as excepções, proparal-as para essa decisão, procurando convencel-as dos perigos que correm” (Palestra do Medico L, n.º.2, jan. 1881).</p>	<p>“Acontece então, quando não são observados os preceitos hygienicos a que me refiro, que as jovens esposas, quase crianças, em pouco tempo ficam velhas, fracas e doentes”</p> <p>“Como sabeis, as nossas jovens, especialmente das capitaes, alimentam-se mal, são geralmente chloroticas, anemicas; de sorte que, depois do primeiro parto, ainda mais augmenta-se esse estado, que as impossibilita do sublime mister da ‘amamentação’”</p> <p>“Os productos da concepção participam igualmente da má constituição das mãis” (Palestra do Medico L, n.º.2, jan. 1881).</p>

Fonte: Palestra do Medico. In: *A Mãe de Família*. Lombaerts e Cia: Rio de Janeiro, 1881. Os grifos em negrito são nossos.

Opondo-se ao costume de casarem-se cedo as filhas-família e tentando persuadi-las dos prejuízos que tal costume traria, o sujeito as ameaça de duas formas: com o risco de perderem a juventude precocemente (no quadro acima, “velhas, fracas e doentes” têm como antônimos novas, fortes e saudáveis, respectivamente); e com o risco de seus filhos nascerem debilitados (ainda no mesmo quadro, “os productos da concepção participam igualmente da má constituição das mãis”). Com efeito, o momento certo para o casamento deveria ser apontado por um médico.

59. Minhas senhoras, em geral, quando se tem de tratar do casamento de uma filha, são ouvidos todos os parentes, amigos, etc. mas raras vezes é o medico consultado.

E no entanto quantas desgraças se poderiam evitar! (Palestra do Medico XLIX, M. F., n.º.1, jan. 1881).

A opinião do médico nos assuntos concernentes ao casamento das mulheres abonadas representaria uma intervenção da ciência na vida privada das famílias. Ou ainda, representaria um poder de decisão concedido aos médicos. Para que esta autoridade externa não parecesse estranha aos membros da família, construiu-se discursivamente a figura do médico de família. Observemos como se deu este processo:

60. **Antigamente** não havia familia que não tivesse seu medico, **sempre o mesmo**. Era **quasi um parente, um amigo dedicado**, sempre presente em todos os acontecimentos felizes ou infelizes da casa. Este **amigo** conhecia os membros da familia, desde o nascimento a que assistia. Acompanhava-os em todas as phases da vida, aconselhando quer como homem de sciencia, quer como homem de sociedade (Palestra do Medico XLIX, M.F., n.º.1, jan. 1881 – grifos nossos).

De acordo com o fragmento acima, o médico é designado da seguinte forma: “sempre o mesmo” = “quasi um parente” = “um amigo dedicado”. Era como um “amigo” que o médico adentrava o recinto doméstico. Eis sua tática para ganhar confiança e exercer autoridade no seio da família.

O discurso evoca um passado inexistente para confirmar *desde sempre* a presença do “médico amigo”: “Antigamente não havia familia que não tivesse seu medico...” Isso porque, desde o período colonial, o atendimento médico mostrou-se precário no Brasil. Somente na capital das províncias mais importantes havia assistência hospitalar e esta era, em geral, fornecida pelas Santas Casas da Misericórdia, instituições religiosas filantrópicas. Nas demais regiões predominava a insuficiência de profissionais e de enfermarias. É somente no século XIX que este quadro começa a se modificar no país. Assim, o advérbio “antigamente” pode ter sido utilizado de duas formas: primeiro, de forma consciente, na tentativa de legitimar um costume fictício ou de forjar uma memória médica para o país. Segundo, de forma inconsciente, no deslize de transferir para o contexto local uma prática europeia, quiçá francesa.

No âmbito do casamento, a intervenção médica e higiênica era justificada enquanto meio de se evitar “desgraças” futuras na vida de um casal: “[...] uma gravidez horrível, de soffrimentos e de partos difficilimos e perigosissimos, que

acarretariam a morte da mãe ou da criança ou de ambos” (Palestra do Medico XLIX, M.F., nº.1, jan 1881), exemplifica o médico. No entanto, se formos além do dito, além das evidências, podemos considerar que a regeneração da sociedade brasileira – propagada pelo jornal – se daria também por intermédio da união bem sucedida de pessoas saudáveis que, por consequência, gerariam crianças perfeitas. Desse modo, encontramos indícios de idéias eugenistas¹² em meio ao discurso analisado.

Sob esse aspecto, elencamos quais problemas físicos desaconselhariam o casamento: “tuberculose pulmonar”, “escrofulose”, “lesões do coração”, “epilepsia”, “hysteria”, “moléstias mentais”, “chórea (dansa de S. Guido)”, “sífilis”, “moléstias de pele rebeldes”, entre outras (Palestra do Medico L, M.F., nº.2, jan. 1881; Palestra do Medico LI, M.F., nº.3, fev. 1881).¹³ Frente a tantas doenças nos questionamos se haveria alguma mulher apta para o casamento. Indagamos também se o controle médico que incidia sobre as mulheres era o mesmo que incidia sobre os homens. De acordo com o jornal, o único empecilho que contra-indicaria o casamento de um homem seria a idade avançada, fator que poderia comprometer o futuro da prole.

Além do que já foi mencionado, extremamente importante seria evitar os casamentos consangüíneos. Segundo o discurso científico que transpassa o sujeito quando na posição de médico, este tipo de união geraria filhos afetados por “monstruosidades, seres imperfeitos, sujeitos a moléstias nervosas taes como: epilepsia, imbecilidade ou idiotismo, surdo-mudez, paralyrias, moléstias cerebraes, decisas, etc., etc.” (Palestra do Medico LII, M.F., nº.4, fev. 1881). Desta forma, encontramos mais indícios discursivos que vêm confirmar um viés eugenista atravessando o sujeito. Senão, vejamos a estrutura retórica relativa aos casos de casamentos consangüíneos:

¹² De acordo com Schwarcz (1993), o conceito de eugenia foi cunhado pelo cientista britânico Francis Galton em 1883. Mesmo o recorte analisado sendo do ano de 1881, optamos por utilizar o termo já que o pensamento que posteriormente estabeleceria sua definição já circulava naquela época. Isso porque, segundo a referida autora, Galton “escreveu seu primeiro ensaio na área da hereditariedade humana em 1865, após ter lido *A Origem das Espécies*. Em 1869 era publicado *Hereditary Genius*, até hoje considerado o texto fundador da eugenia” (1993, p. 60).

¹³ Não podemos deixar de mencionar o famoso provérbio “quando casar passa”, comumente dito às crianças do sexo feminino quando se machucam de alguma forma. Entretanto, no discurso do periódico *A Mãe de Família*, algumas lesões e doenças seriam empecilhos ao casamento. Valendo, então, a máxima “não case porque não passa”.

Quadro 9: Estrutura retórica relativa ao casamento consangüíneo.

Problema	Conselho	Ameaça
<p>“Entre nós já são quase geralmente conhecidos os resultados de certas uniões entre algumas famílias notáveis por sua riqueza”</p> <p>“O povo mesmo ignorante, já diz: ‘não admira que seja doudo, isto é mal de família, casam-se todos entre si para a fortuna não sahir para mãos estranhas!’” (Palestra do Medico LII, M.F., nº.4, fev. 1881)</p>	<p>“[...] os paes zelosos do bem estar de sua familia devem obstar a que se realizem esses casamentos”</p> <p>“Quando observarem que seus filhos ou filhas apresentam qualquer tendencia e inclinação por seus primos ou primas, afastem-n’os, façam-lhes ler as tristes historias que a sciencia registra há longo tempo” (Palestra do Medico LII, M.F., nº.4, fev. 1881)</p>	<p>“Se as senhoras que me lêm, quizerem ter o trabalho de indagar das consequencias dos casamentos entre parentes proximos, isto é: entre tios e sobrinhas, sobrinhos e tias, entre primos irmãos até 3^a. geração, hão de ter noticia de que os filhos, com raras excepções, não duram muito tempo, por moléstias devidas á má constituição”</p> <p>“Do procedimento contrario não lhes tardará muito o remorso a vir corroer-lhes a alma” (Palestra do Medico LII, M.F., nº. 4, fev. 1881)</p>

Fonte: Palestra do Medico. In: *A Mãe de Família*. Lombaerts e Cia: Rio de Janeiro, 1881.

Ao excluir da esfera do matrimônio os relacionamentos consangüíneos e suas possíveis conseqüências relacionadas a doenças e más formações dos cônjuges, excluir-se-iam também problemas com os futuros filhos. Ao final, encontramos o ideal de família higiênica tão almejado no discurso do periódico *A Mãe de Família*: ao se preocupar com os filhos, as mulheres assumiriam o papel social de mães de família. Pelo fato de os papéis de gênero serem relacionais (SCOTT, 1996), os homens transformar-se-iam em pais diante do exemplo materno, reforçando, assim, os laços familiares e anunciando o surgimento da moderna família nuclear. A gravura que se segue redobra o discurso verbal veiculado pelo periódico, confirmando e intensificando iconograficamente suas significações:



Figura 12. Gravura representando o ideal higiênico de família. *A Mãe de Família*, nº.7, abr. 1879.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

4.4 Reiterando o discurso: *Eva e Lucia, breve história de duas mãis*

De grande sucesso entre as mulheres leitoras da sociedade do Rio de Janeiro em meados do Oitocentos, os folhetins estimulavam as vendas de jornais e revistas já que em cada edição havia um fascículo que encaminhava a história iniciada anteriormente (BUITONI, 1990).

Embora desaprove a leitura de folhetins (Palestra do Medico, M.F., nº.5, mar. 1879), o sujeito na posição discursiva de redator principal autoriza a veiculação de histórias em fascículos nas páginas do periódico *A Mãe de Família*. Tal direcionamento seria contraditório se não considerássemos a necessidade de incrementar as vendas do jornal e a existência de uma moral normatizadora nas histórias publicadas.¹⁴

Tomemos, então, para análise o folhetim intitulado *Eva e Lucia, breve história de duas mãis*, cuja autora identificava-se como “Elisa de ...”. Em linhas gerais, a história trata de duas irmãs, ambas casadas e mães, sendo que uma é extremamente dedicada ao convívio familiar, enquanto a outra não compartilha deste mesmo sentimento. Listamos, a seguir, os personagens desta história:

1. Lucia – a mãe de família zelosa;
2. Eva – a mãe negligente;
3. escrava ama-de-leite;
4. “Bêbê” – filha de Lucia;
5. “Nhônhô” – filho de Eva;
4. Augusto – marido de Lucia;
5. Alberto – marido de Eva;
6. Jorge – pai de Lucia e Eva;
7. Dr. G. – médico.

É interessante destacarmos que a ama-de-leite e as crianças presentes na história são designadas de forma genérica. Nestes casos, a ausência de nomes próprios identificando os personagens vem significar a pouca importância destes. A ama-de-leite é esvaziada de qualquer valoração social, traço da escravidão em vigor que se historiciza na língua. As crianças são meros marcos referenciais em torno dos quais

¹⁴ A título de exemplo, citamos as histórias *Eva e Lucia* (Variedade, M.F., 1879), *A mãe escrava* (Variedade, M.F., 1879/1880) e *O boneco* (Variedade, M.F., 1880) como modelos de folhetins cuja moral normatizadora era evidente.

é organizado um discurso normatizador voltado preferencialmente para as mulheres abastadas, conforme podemos conferir em outros momentos desta análise discursiva.¹⁵

Vejamos, a seguir, o recorte discursivo que marca o desenrolar da história:¹⁶

61. [...] em um **dia da semana, à 1 ou 2 horas da tarde**, aparece Eva em casa de Lucia. **Eva vinha trajada com uma elegância e um luxo dignos de nota.**

-Tu por aqui a estas horas?! disse Lucia ao ver sua irmã.

-De que te admiras? perguntou-lhe Eva, é esta a hora em que as **senhoras de gosto fazem as suas compras, vão aos dentistas, etc... etc [...]**

-Ah! É um pretexto de passeio. Mas como vai Nhonhô? Como passa Alfredo?

-Nhonhô não vai mal, um pouco impertinente com os dentes, tem uma diarehéasinha, cousa a tôa ...

-Cousa a tôa, interrompeu Lucia, pois tu julgas que é bagatella uma diarehéa nas crianças. Ah! Minha irmã!, tu esqueceste completamente aquellas nossas boas conversas. Deixas-te vencer pela **vaidade de teu marido**, que ao ver-te tão bella, **te quis apresentar em toda a parte**. Tu própria te deixa-te seduzir por esses **vãos e passageiros attractivos**, e até consintiste que teu filhinho fosse amamentado por outra mulher ... (Variedade, M.F., nº.5, mar. 1879 – grifos nossos).

Por intermédio do fragmento acima, podemos observar que o discurso médico e higiênico fala na voz da personagem Lucia. Ela é a representação das mulheres transformadas em mães com a ajuda dos reformadores sociais. Ela é o exemplo a ser seguido pelas leitoras. Lucia compreende as virtudes de esposa companheira e, principalmente, de mãe de família dedicada. Já a personagem Eva é a representação das mulheres de sociedade que preferem os prazeres mundanos às glórias domésticas. Ela é o exemplo de conduta a ser repudiado pelas leitoras. Eva destaca-se pelos costumes afrancesados de vestir-se com elegância e luxo, de passear pelas ruas do centro da cidade e de fazer compras nas lojas do Ouvidor. Ela encontra-se preocupada com outros afazeres e divertimentos que não estão ligados ao âmbito doméstico.

É interessante notar a escolha do nome Eva. Este remete as leitoras à trajetória da personagem bíblica por intermédio da memória discursiva. Mulher de

¹⁵ Conferir páginas 66 e 67.

¹⁶ Devido à incompletude da coleção do periódico *A Mãe de Família* depositada no acervo da Biblioteca Nacional (RJ), desconhecemos algumas partes do folhetim *Eva e Lucia* veiculado no ano de 1879. Por isso, tomamos para a análise a seqüência da história que permite a compreensão dos sentidos por possuir início, meio e fim.

Adão, Eva se deixou seduzir pelas palavras da serpente, provando o fruto proibido da Árvore da Vida;¹⁷ irmã de Lucia, Eva se deixou levar pelos modismos sociais, incidindo nos mais graves erros que poderiam existir na conduta de uma mãe de família: não amamentar o próprio filho e não cuidar dele com esmero. Ambas as personagens sofreram as conseqüências de suas escolhas. Mulher de Adão, Eva (e suas descendentes) foi punida com as dores do parto; irmã de Lucia, Eva foi castigada com o sofrimento de ver o seu filho à beira da morte. Vejamos o recorte abaixo que dá continuidade à história:

62. Lucia e Augusto acompanharam Eva até a porta. Quando ficaram sós, Augusto disse:

-Era tempo, porém irá ella directamente para a casa?

-Porque fazes esta pergunta? Redarquio Lucia.

-Porque teu sobrinho está doente, saio de casa de Alberto neste momento onde fui levar o medico, respondeu Augusto.

-Meu Deus! Disse Lucia.

E assim continuaram os dous na seguinte conversação:

-Eu passava por perto da casa da tua irmã quando **vi Alberto fora de si**, sem chapéo, precipitou-se do corredor para a rua.

Encontrando-se commigo, disse-me com as lágrimas nos olhos:

-Augusto, Augusto, corre, vai ver um medico, meu filhinho morre. Anda, depois te direi tudo...

Fil-o tranquillisar-se e voltar para a casa e eu fui procurar um medico. **Quis a Providencia que logo ao dobrar a rua encontrasse-me com o Dr. G.** Levei-o commigo e chegando á casa de Alberto vimos teu sobrinho com **fortes convulsões, deitado sobre a caminha, com Alberto desesperado à cabeceira.** Teu pai acabava de chegar. Explicadas as cousas, o facto se dera da maneira por que te vou contar e eis o motivo principal que me trouxe aqui.

-Céos, já prevejo...

-Escuta. Tua irmã tem o máo...

-Não a acusses Augusto...

-Pois bem, **tua irmã faz mal em se afastar tantas vezes de junto de seu filho.** Já que **Alberto teve a franqueza de prohibir que ella amamentasse e ella a maior culpa de lhe ceder.**

-Ah! Os homens...

-Não digas isto e ouve. Tu bem sabes e me fazes justiça concordando commigo, que **tua irmã passeia de mais.** Pois bem, hoje, como de costume, **ficando a criança só com a ama, esta descuidou-se e deixou o pequeno só na cama. O pequeno acordou-se, naturalmente chamou por ella, que estava distante e cahio da cama, fazendo uma grande contusão na cabeça, que foi logo seguida de convulsões.** Quando a **maldita ama** voltou, e vio o pequeno naquelle estado perdeu a cabeça, atirrou-se e foi chamar Alberto, cujo estado bem podes comprehender, quando, chegando á

¹⁷ A história bíblica de Adão e Eva encontra-se no terceiro capítulo do livro de Gênesis.

casa, não encontrou tua irmã (Variedade, M.F., n.º.7, abr. 1879 – grifos nossos).

Neste fragmento, o personagem Augusto relata à esposa Lucia o que ocorreu na casa de Eva no período em que esta esteve ausente. É interessante observarmos que Augusto compartilha do mesmo discurso médico e higiênico que fala na voz de Lucia. Ele condena a mãe por não amamentar e por “se afastar tantas vezes de junto de seu filho”. Ao organizar-se desta forma, o discurso higiênico vem reafirmar a divisão sócio-cultural dos espaços de atuação dos sexos: enquanto aos homens caberia o espaço público, às mulheres caberia o privado.

Diferente de seu cunhado, Alberto “teve a franqueza de proibir” que a esposa Eva amamentasse, pois desejava apresentá-la em toda a parte (fragmento 61). A história nos leva a crer que Alberto era homem de sociedade já que se recusou a freqüentar os eventos sociais sozinho enquanto sua companheira de folguedos estivesse recolhida em casa, aleitando o filho. Por isso, Alberto e Eva recorreram aos serviços de uma ama-de-leite.

É durante a breve aparição da ama na história que se dá toda a tragédia. A personagem é responsável por uma série de erros: “descuidou-se”, “estava distante” da criança e “perdeu a cabeça”. Ao final, ela é adjetivada como “maldita”. Mais uma vez, os sentidos sempre-já negativos colados às amas-de-leite e encontrados na seção *Palestra do Medico* são reiterados no decorrer da história.

Ressaltamos que a atitude de Eva em relação à ama contraria algumas recomendações médicas expressas no fragmento 36, analisado neste capítulo: “[...] de vossa parte deverá haver toda vigilância. A ama não deverá ser arredada um só instante, se for possível, de vosso lado...”. Entendemos que a história serve como exemplo do que poderia acontecer se as mulheres-mães relegassem a outrem os cuidados com seus filhos. Na história, a criança sofreu uma “grande contusão na cabeça”, “logo seguida de convulsões”. Somente diante deste quadro que os personagens Alberto e Eva se transformariam em pais higienicamente corretos. Vejamos o recorte abaixo, que traz o final da história:

63. Calculem as caras leitoras qual a dolorosa impressão que causaria a Eva, ‘a moça elegante, que não quis criar seu filho e que vai às compras á 1 hora da tarde e ao dentista, sem ter dentes estragados’, quando, entrando **em casa, deu com o contristador**

espectaculo de seu filhinho, com compressas geladas sobre a cabeça, **com o medico, o pai e o Avô a seu lado...**

Eva, que logo ao entrar soube do ocorrido pelos creados, **não deu um grito, não fez uma queixa, subio as escadas como uma sentenciada sobe ao patíbulo** e quando entrou no quarto, onde se desenhou o espectáculo que descrevemos, **ficou extactica** com uns olhos apatetados, **sem pronunciar uma palavra**. Era tal a sua pallidez, o seu olhar era fixo de tal forma, que Jorge seu pai e Alberto não tiveram uma palavra de censura, correram para ella e só lhe disseram:

-Nhônô está melhor...

Estas palavras acreditamos que tivessem evitado uma segunda desgraça. Eva só poudo dizer:

-Meu filho!...e precipitou-se sobre o leito, onde o medico a deteve. Nhônô moveu-se e gritou:

-Mamã!... (Variedade, M.F., nº.7, abr. 1879 – grifos nossos).

Neste último fragmento, o narrador se apresenta para revelar às leitoras a moral da história: Eva é culpada pelo sofrimento de seu filho – bem como todas as mães descuidadas representadas na personagem. Para chegar a este veredicto, o narrador constrói um tribunal onde o júri é constituído somente por homens: Alberto, marido de Eva; Jorge, seu pai; e Dr. G, o médico. Eva, a ré, entra no recinto sem dar um grito, sem fazer uma queixa, sem pronunciar uma palavra, “fica extactica”, “como uma sentenciada sobe ao patíbulo”. Seu silêncio significa assumir a culpa. Apesar de condenada, Eva recebe o perdão de seu filho e dá a entender transformar-se em mãe de família exemplar a partir do momento em que a criança exclama “Mamã!”.

O folhetim *Eva e Lucia, breve história de duas mãis* é marcado por paráfrases. Em outras palavras, o “já dito” presente em diversas seções do jornal – como é o caso da *Palestra do Medico* – volta a aparecer sob a forma de histórias romanceadas. Ratificando, assim, os sentidos organizados sobre os gêneros (mulheres-mães, mulheres amas-de-leite/homens) e sobre a maternidade no discurso médico, higiênico e normatizador presente no periódico *A Mãe de Família*.

Considerações finais

“Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. E isto não tem a ver com a objetividade da análise mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos. Por isso o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do corpus, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes”
(Eni Pulcinelli Orlandi, *Análise de Discurso*, 2005)

Conforme postula o dispositivo teórico (e por que não dizer ideológico?) da Análise de Discurso francesa, somos sujeitos transpassados por ideologias presentes nas diversas formações discursivas que são colocadas em jogo a cada nova posição enunciativa que ocupamos. Mesmo cientes desse processo de assujeitamento, propomo-nos a compreender e analisar um outro discurso a partir dos discursos ecoados em nós (ORLANDI, 2005).

Nesta trajetória de análise discursiva, não tivemos a pretensão de exaurir o objeto. Mediante o estabelecimento de *corpora* empírico e discursivo recortados do periódico *A Mãe de Família* (1879 – 1888), tencionamos auxiliar na compreensão dos sentidos organizados em torno das mulheres e da maternidade na cidade oitocentista do Rio de Janeiro.

Percebemos que os sentidos prevalecentes em nossa memória social nem sempre correspondem às vivências das mulheres naquele ontem. Contrariando as recordações que as descrevem como reclusas em suas casas e dedicadas exclusivamente às tarefas domésticas, encontramos mulheres que ganhavam as ruas da cidade. O incipiente processo de urbanização pelo qual passava a capital da província do Rio de Janeiro contribuiu para a libertação feminina, na medida em que facilitou a criação de novos espaços de sociabilidade. Muitas se lançavam aos divertimentos nos bailes e salões, aos passeios pelos jardins da cidade e às compras nas lojas europeizadas da rua do Ouvidor. Com isso, delegavam a função materna a outrem.

Eram as escravas, mucamas ou amas-de-leite que tinham a responsabilidade de cuidar das crianças brancas. Espécie de adaptação local da *nourrice* francesa, as amas-de-leite caracterizavam-se por permanecer no ambiente familiar, aleitando os recém-nascidos, enquanto as mulheres das elites entretinham-se em atividades sociais.

Vimos que o comportamento dessas mulheres era reprovado pelos reformadores sociais. O grupo composto por moralistas, advogados, políticos e, no caso específico desta pesquisa, médicos, fazia circular um discurso a favor da maternidade. Inspirado no contexto europeu, esse discurso (re)produzia sentidos outros. No periódico *A Mãe de Família*, os sentidos sobre a maternidade mantinham vínculos com os modelos científicos estrangeiros de explicação da sociedade – evolucionismo social e darwinismo social – adaptados ao contexto brasileiro e encontrados nos discursos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No mesmo impulso, reproduziam-se entre nós as noções publicadas pelo jornal francês *La Jeune Mère* (1873 – 1883).

Aliando maternidade à ciência, religião a progresso nacional e patriotismo, o discurso do periódico analisado oferecia às mulheres um papel mais significativo na sociedade, desde que elas o desempenhassem no interior de seus lares.

Com o avançar da análise discursiva, podemos responder às questões da pesquisa colocadas inicialmente: “que sentidos foram organizados discursivamente e atribuídos à figura feminina e materna?” e “que estratégias discursivas puderam ser identificadas na caracterização das mulheres em mães?”. Compreendemos que no papel de mães de família, as mulheres eram designadas como educadoras e cuidadoras de seus filhos.

Dentre todos os cuidados que uma mãe deveria observar, o aleitamento seria o mais importante, já que, por seu intermédio, os vínculos afetivos entre mães e filhos seriam reforçados. Os argumentos mobilizados para assegurar esta aproximação incluíam benefícios tanto à saúde física e mental das mulheres, quanto a de seus filhos. A ama-de-leite seria, assim, excluída do núcleo familiar, levando consigo o leite contaminado por más características (fragmento 34), indício da vertente racista presente no discurso do jornal.

A educação dos filhos deveria ser ministrada pelas mães, primeiras professoras. No entanto, para cumprir este dever, elas mesmas precisariam ser instruídas. Com a análise, percebemos que a instrução feminina consistiria na aquisição de conhecimentos gerais e de conhecimentos domésticos – incluindo também algumas noções de higiene. Todo o aprendizado deveria ser superficial para não comprometer a integridade física e mental das mulheres (fragmentos 48 e 49). Esta proposta de instrução feminina refletia as atitudes sócio-culturais e as percepções médicas dos papéis de gênero dentro da sociedade oitocentista brasileira.

Ao incentivar a instrução feminina, mesmo que limitada, o jornal abria-se para duas possíveis interpretações: se instruídas, as mulheres adquiririam conhecimentos tanto para educar os filhos, quanto para lutar pela própria emancipação. Com acesso à educação, muitas tomariam consciência de sua condição de gênero, posicionando-se, então, a favor de maior espaço de atuação e de maior valorização sociais – como, de fato, já ocorria (HAHNER, 2003).

Dado os limites desta pesquisa, não foi possível investigarmos a repercussão que o discurso médico e higiênico teve sobre o comportamento das mulheres. Todavia, ousamos uma última reflexão a partir do recorte discursivo a seguir:

64. **Sonhei** um dia que o Brazil tinha o seu **porvir** nas mãos da creatura, que se diz fragil, mas que é entretanto o sustentaculo do mundo, *a mulher*, e sob a doce illusão de todos os bons **sonhos**, emprehendi a creação de um jornal, que procurasse tornar a mulher o que ella só deveria ser: mãe de familia!...

O jornal appareceu, tem vivido é verdade, mas quando o meu **sonho será realidade?**!

Quando a mulher **quererá ser só mãe de familia?**!

É difficil! Mas não creio impossivel e é esta fagueira **esperança** que me anima a continuar na propaganda... Se eu fôr vencido, creio bem, que *uma* só, uma só mãe *ao menos*, agradecida dirá: *elle lutou...*

Pois lutemos... (Palestra do Medico LXXIII, M.F., nº.1, jan. 1882 – os grifos em negrito são nossos).

O sujeito discursivo, dividido entre a posição de redator principal e a posição de médico, faz uma escolha lexical e modo-temporal que remete para idéias de futuro. Em outras palavras, ao mobilizar o vocábulo “sonho” e ao construir suas indagações no futuro do presente do modo indicativo, o sujeito projeta o destino das mulheres e, por extensão, o destino da nação. O fato de o discurso estar marcado

pelo porvir, indica que o ideal de transformar as mulheres das elites em mães de família ainda não havia se concretizado completamente.

Aliás, seria um erro considerarmos que as recomendações médicas e higiênicas veiculadas pelo periódico *A Mãe de Família* – o *dever ser mãe* – modificaram de imediato os hábitos e costumes femininos – o *ser mãe*. Pelo contrário, as mulheres reagiram de forma lenta e gradual diante de um discurso normatizador que ambicionava trazê-las de volta para o lar.¹

Se as mulheres em fins do Oitocentos não foram prontamente impactadas por esse discurso, possivelmente suas filhas e suas netas foram, de algum modo, confrontadas com os sentidos que o mesmo organizou. Se hoje rejeitamos as **mães** que abandonam seus filhos de forma desumana nas grandes cidades brasileiras (conforme relatamos na introdução), é porque aquele discurso que representou a maternidade como um ato de abnegação e de dedicação permanece presente, sob a forma de paráfrases, em nossa memória discursiva (ORLANDI, 2005). De certa forma, os sentidos organizados pelo periódico *A Mãe de Família* continuam circulando em nossa sociedade.

Lançando um breve olhar sobre a produção acadêmica brasileira, percebemos que a temática mulheres e maternidade permanece pouco explorada. Por isso, pretendemos continuar trilhando este caminho em trabalhos futuros. Possivelmente, aprofundando a análise comparativa dos discursos dos periódicos *A Mãe de Família* e *La Jeune Mère*, pois uma questão que surge e permanece em nossa mente é: “se os modelos de família, criança e mãe adotados pelo dr. Carlos Costa são semelhantes àqueles de que o dr. Brochard se utiliza, quais seriam as repercussões destes modelos em discursos normativos veiculados em sociedades tão diferentes quanto a brasileira e a francesa?”.

Nosso texto termina aqui. No entanto, nosso discurso (ou o discurso falado em nós) continua em aberto, reverberando sentidos em outras direções.

¹ Reflexão nascida a partir das conversas com a Professora Doutora Suely Gomes Costa, no âmbito da disciplina *História das Mulheres e Relações de Gênero: uma discussão política*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2º. semestre de 2006.

Bibliografia

ALCÂNTARA, Josiane S. de; MELO, Hendy H. M. Imagens da mulher instruída nos jornais femininos do Rio de Janeiro no século XIX: memória, discurso e educação. In: *I Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro*. Programa e resumo dos trabalhos. Niterói: H. P. Comunicação; EdUFF, 2007. p. 153 – 154.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Introdução: modelos da História e da Historiografia Imperial. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: Império, a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a. v.2.

_____. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: Império, a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b. v.2.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). *Bíblia de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamentos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

A menina recém-nascida resgatada no último dia 30 do ribeirão Arrudas, na região metropolitana da capital mineira, morreu na noite desta quinta-feira, de acordo com informações da Secretaria de Saúde de Contagem, Minas Gerais. Último Segundo, Brasil, 04 out. 2007. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2007/10/04/morre_rec233m_nascida_abandonada_em_ribeir227o_de_bh_1032773.html>. Acesso em: 19 dez. 2007.

ARANDA, Fernanda; SPINOSA, Marcela. Duas crianças são abandonadas por dia em São Paulo. Plenarinho, Brasil, 02 ago. 2007. Disponível em: http://www.plenarinho.gov.br/noticias/agencia_plenarinho/news_item2007-08-02.0471638439. Acesso em: 28 dez. 2007.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO, Anélio. “Ainda vão descobrir quem jogou a droga dessa menina na água”. A mãe, Simone Cassiano da Silva, disse isso para negar ter jogado bebê. O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/inc/print/print.html>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

BERNARDES, M. Thereza Cauiby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Museu Nacional, UFRJ, 1988.

BUITONI, Dulcelia Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. Patriarcalismo e Patronagem: mitos sobre a mulher no século XIX. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 8 ed. São Paulo: UNESP, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 39 – 53.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 – 1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da “Belle Époque”*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FINE, Agnès. O leite envenenado, sangue perturbado: saber médico e sabedoria popular sobre os humores femininos (séculos XIX e XX). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Org.). *O Corpo Feminino em Debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GIACOMINI, Sonia Maria. A conversão da mulher em mãe: uma leitura do “A mãe de família”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 32-46, 1985.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade (Org.). *E os preços eram commodos...: anúncios de jornais brasileiros século XIX*. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2000.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os Limites do Sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

HABERMAS, Jürgen. Estruturas sociais da esfera pública. In: _____. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAHNER, June Edith. *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850 – 1940*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; USP, 1985.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi: Memória – História*. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. v. 1.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC, 1984.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: República, da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v 3.

MARIANI, Bethânia Sampaio. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922 – 1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MOTT, Maria Lúcia. Parteiras: o outro lado da profissão. *GÊNERO: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*, Niterói, v. 6, n. 1, p.117-140, 2006.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*: operários, mulheres e prisioneiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Org.). *Introdução à Lingüística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

SAMARA, Eni de Mesquita. Casamento e papéis familiares em São Paulo no século XIX. In: *A Família em Questão*: cadernos de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1981.

SAMPAIO, Vanda. 28 de janeiro de 2006. Dia que ficará marcado na vida de um casal que passava pela Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte. Globo Minas, Minas Gerais, 28 jan. 2006. Disponível em: <<http://mgvtv.globo.com/GMinas/0,23716,GSEO-3405-148545,00.html>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Gênero*: uma categoria útil para análise histórica, mimeo, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência*: mulheres pobres e ordem urbana 1890 – 1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas*: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade Negada. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José (Org.). *Memória Social e Documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1997.

Fontes

A Mãe de Família ou Educação da Infância e Hygiene da Família: jornal científico, litterario e illustrado. Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883.

COSTA, Carlos. *Quarto Suplemento do Catalogo Systemático da Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

FERREIRA, Felix. *Noções da Vida Domestica*, adaptadas, com accrescimos, do original Francez, á instrucção do sexo feminino nas escolas brasileiras. Rio de Janeiro: D. da Silva Junior, 1879.

La Jeune Mère ou l'éducation du premier âge: journal illustré de l'enfance. Lyon: P.N. Josserand Libraire-Éditeur, 1874, 1875.

Rio Natureza e Cidade: Rio de Janeiro do século XIX nos Museus Castro Maya. Rio de Janeiro: Museu Chácara do Céu, 1998.